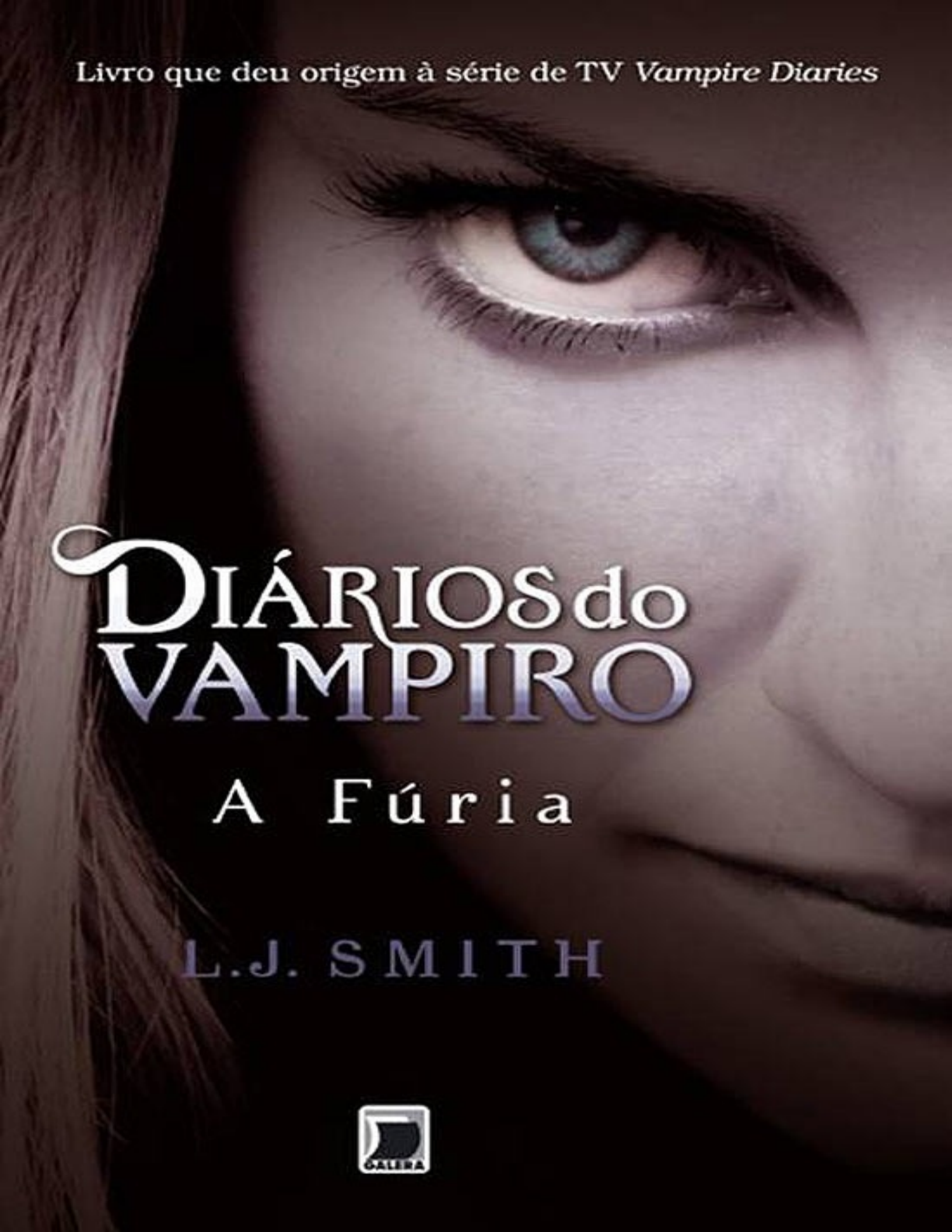
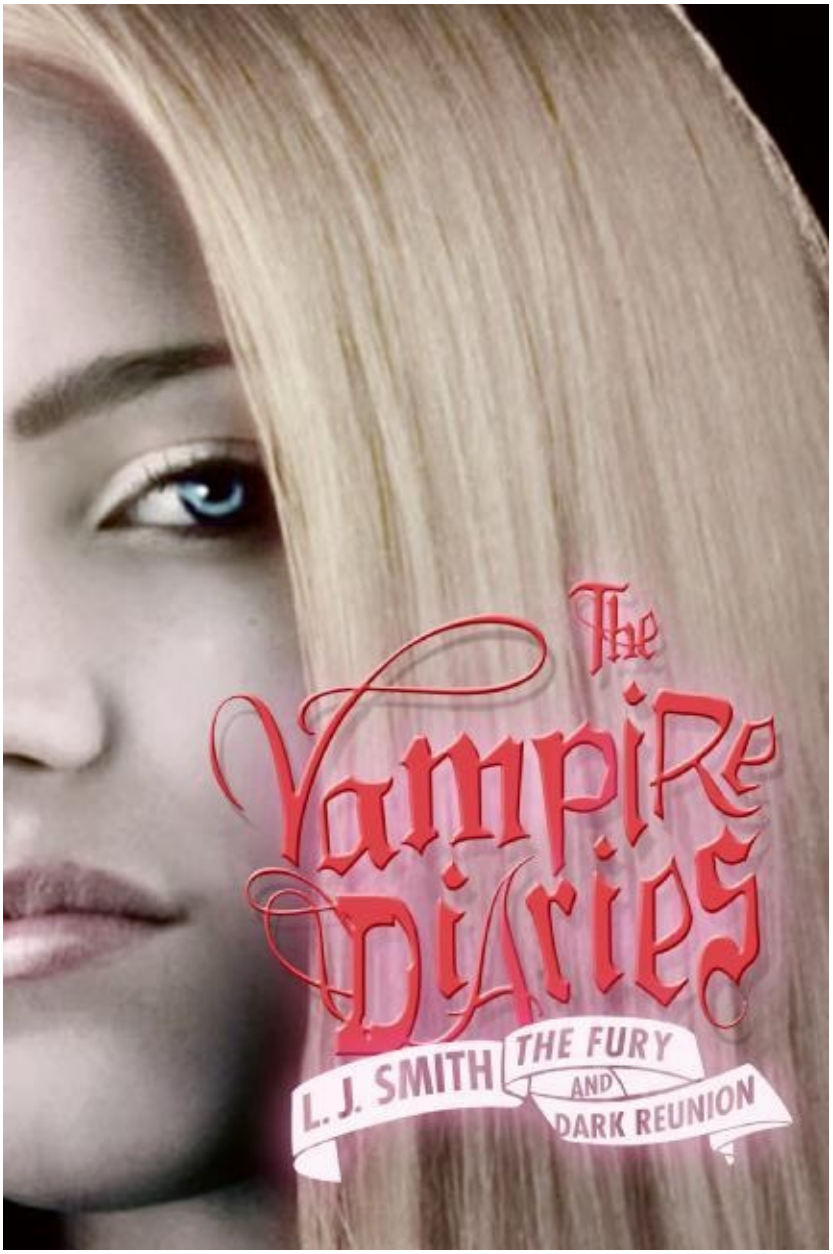
Livro que deu origem à série de TV *Vampire Diaries*



Diários do Vampiro

A Fúria

L.J. SMITH



A Fúria *(The Fury)*

Lisa Jane Smith

Para minha tia Margie, e em memoria da minha tia Agnes e tia Eleanore, por alimentar a criatividade.

Um Triângulo Amoroso de Horror Insondável...

Stefan

Atormentado após perder Elena, ele está determinado a terminar a disputa com seu irmão, Damon – custe o que custar.

Damon

Zombando de Stefan e Elena, ele ri na cara do perigo.

Elena

Selvagem com seu desejo por sangue, ela confronta o mal mais terrível.

A terrível histórias de dois irmãos vampiros e da linda garota dividida entre eles.

www.iosbooks.wordpress.com

Capítulo Um

Elena entrou no clarão.

Abaixo de seus pés, pedaços de folhas outonais se congelavam na neve lamacenta. Havia escurecido, e ainda que o temporal começava a diminuir, o bosque ficava cada vez mais frio. Elena não sentia o frio.

Tampouco lhe importava a escuridão. Suas pupilas se abriram completamente, recolhendo partículas diminutas de luz que haviam sido impossíveis para um ser humano. Distinguiu com toda clareza as duas figuras que forçavam um grande golpe. Um tinha uma espessa cabeleira escura que o vento havia revirado e se tornado um bagunçado mar de ondas. Era ligeiramente mais alto do que a outra pessoa, e ainda que não pudesse ver seu rosto, de um certo modo soube que seus olhos eram verdes. O outro também tinha uma mata de cabelos escuros, mas os seus eram mais finos e lisos, quase como a pelagem de um animal. Seus lábios estavam tensionados para trás, mostrando os dentes com fúria, e a graça preguiçosa do seu corpo estava posicionada como uma pantera. Seus olhos eram negros.

Elena os observou por vários minutos sem se mover. Havia se esquecido porque estava ali, por que a haviam arrastado até ali, nos ecos da briga em sua mente. Há tão pouca distancia o clamor de sua raiva, seu ódio e sua dor eram quase ensurdecedor, como gritos silenciosos surgindo dos adversários. Estavam enlaçados em um combate de morte.

“Me pergunto qual deles vencerá”, pensou. Os dois estavam feridos e sangravam, e o braço esquerdo do mais alto balançava de uma forma sobrenatural. Contudo, acabava de empurrar o outro contra o tronco retorcido de um carvalho, e sua fúria era tão forte que Elena podia senti-la e saborea-la, assim como ouvi-la, e sabia que lhe estava proporcionando uma força incrível.

E então Elena se lembrou por que havia ido ali. Como podia ter esquecido? Ele estava ferido. Sua mente a havia chamado ali, a inundando com ondas de raiva e dor. Ela estava ali para ajuda-lo, porque ela lhe pertencia.

As duas figuras estavam caídas no solo gelado agora, brigando como lobos, grunhindo. Veloz e silenciosa, Elena foi até eles. O de cabelos ondulados e olhos verdes – Stefan, sussurrou uma voz em sua cabeça – estava em cima, com os dedos procurando desesperadamente a garganta do outro. A cólera inundou Elena, a cólera e uma atitude protetora. Pôs o braço entre os dois para segurar aquela mão que tentava estrangular, para tira-la até acima dos dedos.

Nem lhe ocorreu que não seria forte o bastante para faze-lo. Era bastante forte, isso era tudo. Atirou seu peso para um lado, arrancando-o de seu oponente. Por acaso, fez pressão sobre o braço ferido, derrubando o atacante de cara contra a neve lamacenta coberta de folhas. Então começou a asfixia-lo por trás.

Seu ataque lhe havia pego de surpresa, mas não estava nem de longe vencido. Devolveu o golpe, a mão sana buscando astuciosamente a garganta da garota. O polegar se afundou em sua traquéia.

Elena se encontrou abraçando a mão, a tendo mordendo com seus dentes. Sua mente não compreendia, mas o corpo sabia o que fazer. Seus dentes eram uma arma e desgarraram a carne, fazendo correr o sangue.

Mas ele era mais forte que ela. Com uma violenta sacudida de ombros se liberou e a retorceu entre suas mãos, a jogando no chão. E então foi ele que esteve em cima dela, com o rosto contorcido por uma fúria animal. Ela chiou, e pôs seus olhos como unhas, mas ele se afastou da mão com um golpe.

Ia mata-la. Mesmo ferido, era muito mais forte que ela. Seus lábios tinham se afastado para trás para mostrar os dentes machados de vermelho. Como uma cobra estava pronto para atacar.

Então se deteve, dicernindo-a, enquanto sua expressão mudava.

Elena viu que os olhos verdes se arregalaram As pupilas que haviam estado contraídas em pequenos pontos se ampliaram em um golpe. A olhava fixamente, como se realmente a visse pela primeira vez.

Por que a olhava daquele modo? Por que não se limitava a acabar? A mão férrea sobre seu ombro estava se soltando. O grunhido animal havia desaparecido, sendo agora uma expressão de perplexidade e assombro. Se sentou para trás e ajudou-a a sentar, sem deixar de olhar seu rosto nem por um instante.

Elena – murmurou a voz quebrando-se – Elena, é você.

“É essa quem sou?”, pensou ela. “Elena?”.

Na realidade, não importava. Dirigiu uma veloz olhada na direção do velho carvalho. Ele ainda estava ali, de pé entre as raízes que sobressaiam da terra, ofegando, apoiando-se na arvore com uma mão. Ele a olhava com seus olhos infinitamente negros e as sobrancelhas contraídas em uma expressão irritada.

“Não se preocupe – pensou ela. – Eu posso me ocupar deste. Ele é estúpido.” Logo voltou a se jogar no jovem de olhos verdes.

-Elena! – guinchou ele enquanto ela o derrubava de costas.

A mão sã empurrou seu ombro, sustentando-a no alto.

-Elena, sou eu, Stefan! Elena, me olhe!

Ela olhava e tudo que via era o pedaço da pele descoberta de seu pescoço. Voltou a chiar, o lábio superior retrocedendo para mostrar-lhe os dentes.

Ele ficou paralisado.

Sentiu como a comoção reverberava por todo o corpo do jovem, viu que sua olhada se quebrava. O rosto adquiriu a mesma palidez como se alguém o tivesse golpeado no estomago. Sacudiu a cabeça ligeiramente sobre o chão lamacento. Não – sussurrou. – Oh, não...

Parecia estar dizendo para si mesmo, como se não esperasse que ela o estivesse ouvindo. Estendeu uma mão até sua bochecha e ela tentou morde-la.

-Ah, Elena... – murmurou ele.

Os últimos restos de fúria, de desejo animal de matar, haviam desaparecido de seu rosto. Tinha os olhos atordoados, afligidos e entristecidos.

E era vulnerável. Elena aproveitou o momento para lançar-se sobre a carne descoberta de seu pescoço. Ele alçou o braço para detê-la, para afasta-la, mas logo voltou a deixa-lo cair. A olhou fixamente por um momento, com a dor de seus olhos alcançando o ápice e logo, simplesmente, se abandonou. Deixou de lutar totalmente.

Ela sentia como acontecia, sentiu como a resistência abandonava seu corpo. Ficou estendido sobre o chão gelado com restos de folhas de carvalho no cabelo, olhando mais além dela, o céu negro e coberto de nuvens.

“Acabe com ele”, disse uma voz cansada em sua mente.

Elena vacilou por um instante. Havia algo naqueles olhos que evocava recordações em seu interior. Estar de pé embaixo da luz da lua, sentada em um quarto de um sótão... Mas as recordações eram muito vagas. Não conseguia lembra-los, e o esforço a atordoava e a enjoava.

E este tinha que morrer, este de olhos verdes chamado Stefan. Porque havia machucado a ele, ao outro, a ele que era a razão de sua existência. Ninguém podia machuca-lo e continuar vivo.

Cerrou os dentes sobre sua garganta e mordeu profundamente.

Notou no momento que não fazia como se devia. Não havia alcançado uma artéria ou uma veia. Atacou a garganta, furiosa ante a própria inexperiência. Era satisfatório morder algo, mas não saia muito sangue. Contrariada, levantou a cabeça e voltou a morder, sentindo que o corpo dele dava uma sacudida de dor.

Muito melhor. Havia encontrado uma veia dessa vez, mas não havia desgarrado o suficiente. Um pequeno arranhado como aquele não serviria de nada. O que precisava era desgarra-la por completo, para deixar que o suculento sangue quente saísse a porções. Sua vítima se estremeceu enquanto ela trabalhava, os dentes arranhando e roendo. Começava a sentir como a carne cedia quando umas mãos a tiraram de lá, alçando-a para trás.

Elena grunhiu sem soltar a garganta. Mas as mãos eram insistentes. Um braço rodeou sua cintura, uns dedos se enroscaram em seus cabelos. Forçou a ficar, aferrando-se com unhas e dentes a sua presa.

-Solte-o! Deixe-o!

A voz era seca e autoritária, como uma lufada de vento frio. Elena a reconheceu e parou de se esforçar contra as mãos que a afastavam. Quando a colocaram no chão e ela levantou os olhos para vê-lo, um nome veio a sua mente. Damon. Seu nome era Damon. Lhe olhou fixamente com expressão enfurecida, ressentida por ter sido arrancada se sua presa, mas obediente.

Stefan estava saindo do chão, com o pescoço vermelho de sangue que também corria por sua camisa. Elena lambeu os lábios, sentindo uma pulsada parecida com uma retorção de fome mas que parecia provir de cada fibra de seu ser. Voltou a ficar enjoada.

-Eu acho – disse Damom – que você disse que ela estava morta.

Olhava Stefan, que estava ainda mais pálido que antes, se é que isso era possível. Aquele rosto branco estava cheio de infinito desespero.

-Olhe-a – foi tudo que ele disse.

Uma mão sujeitou o queixo de Elena, levantando seu rosto para cima. Ela devolveu diretamente a olhada dos olhos escuros entrecerrados de Damon. Logo, largos e finos dedos tocaram seus lábios, sondando entre eles. Instintivamente, Elena tentou morder, mas não muito forte. O dedo de Damom localizou a afiada curva de uma presa e Elena a mordeu, dando um mordisco parecido com o de um gatinho.

O rosto de Damom era inexpressivo, a olhada dura.

-Sabe onde está? – perguntou.

Elena olhou ao seu redor. Árvores.

-No bosque – disse com desconsideração, voltando a olha-lo.

-E quem é esse?

Ela seguiu a direção que indicava seu dedo.

-Stefan – respondeu com indiferença. – Seu irmão.

-E quem sou eu? Sabe quem eu sou?

Ela sorriu, mostrando seus dentes afiados.

-Claro que sei. Você é Damon, e eu ti amo.

Capitulo 2

A voz de Stefan era tranqüilamente selvagem.

-Era isso que queria, não era, Damon? E agora o tem. Tinha que transforma-la em uma de nós, como você. Não foi suficiente só mata-la.

Damon não afastou a vista dele. Estava olhando Elena intensamente através dos olhos encobertos, ainda de joelhos segurando seu queixo.

-É a terceira vez que diz isso e estou começando a me cansar disso – comentou levemente. Despenteado, com pouco fôlego, ainda assim se encontrava consciente, sob controle. – Elena, por acaso eu matei você?

-É claro que não – disse Elena, entrelaçando seus dedos na mão livre. Estava começando a ficar impaciente. De todo modo, do que estavam falando? Ninguém havia sido assassinado.

-Nunca pensei que fosse um mentiroso – disse Stefan a Damon, a amargura de sua voz não mudou. – Pensei em quase todas as outras coisas, mas não isso. Nunca escutei antes você mesmo se encobrir.

-Em um minuto mais – disse Damon – vou perder meu temperamento.

“Que mais pode me fazer?” disse Stefan em resposta. “Me matar seria uma misericórdia”.

-Minha misericórdia acabou há um século – disse Damon em voz alta. Finalmente soltou o queixo de Elena. – O que se lembra de hoje? – perguntou a ela. Elena falou cansadamente, como uma criança recitando a lição tão odiada.

-Hoje foi do Dia do Fundador.

Flexionou seus dedos nele, ela olhou Damon. Era o máximo que podia recordar por si mesma, mas não era o suficiente. Com esforço, tratou de se lembrar de algo mais.

-Havia alguém no refeitório... Caroline – ela lhe ofereceu o nome, satisfeita. – Ela ia ler meu diário na frente de todos, e isso era ruim porque... – Elena se fundiu com suas memórias e se perdeu. – Não lembro porque, mas nós a enganamos – ela sorriu para ele cautelosamente, conspiratoriamente.

-Oh, o “fizemos”, não é mesmo?

-Sim. E o tomaste dela. Fizeste por mim. – Os dedos de sua mão livre se deslizaram por baixo de sua jaqueta, buscando a dura quina quadrada de seu livro. – Porque você me ama – disse ela, encontrando-o e o arranhando timidamente. – Você me ama, não é

mesmo?

Houve um som tênue no centro da clareira. Elena se virou e viu que Stefan havia virado seu rosto.

-Elena, o que aconteceu depois? – a voz de Damon a trouxe de volta.

-Depois? Depois tia Judith começou a discutir comigo. – Elena repensou nisso por um momento e finalmente se deu de ombros. – Sobre... algo. Me aborreci. Ela não é minha mãe. Ela não pode me dizer o que fazer.

A voz de Damon era seca.

-Não acredito que isso vá ser um problema agora. O que mais?

Elena suspirou pesadamente.

-Depois fui para o carro de Matt. – Ela mencionou o nome reflexivamente, passando sua língua pelo canino. Nos olhos de sua mente, ela viu um rosto atraente, cabelos loiros, ombros largos. – Matt.

-E aonde foi no carro de Matt?

-A ponte Wickery – disse Stefan, virando para eles. Seus olhos estavam desolados.

-Não, não, a pensão – corrigiu Elena irritada. – Ia esperar por... mmm... esqueci. De todos os modos, esperei ali. Então... então a tempestade começou. Vento, chuva, tudo isso. Eu não gostava. Entrei no carro. Mas algo vinha atrás de mim.

-Alguém vinha atrás de você – disse Stefan, olhando Damon.

-Algo – insistiu Elena.Ela teve o suficiente de interrupções. – Vamos até o outro lado, só

nós – disse a Damon, se ajoelhando de tal maneira que seu rosto estivesse perto do dele.

-Em um minuto – disse ele. – Que tipo de coisa foi até você?

Ela retrocedeu, exasperada.

-Não sei que tipo de coisa! É algo que eu nunca tinha visto. Não como você ou Stefan. Era... – as imagens se despedaçaram através de sua mente. Névoa fluindo através do chão. O vento zunindo. Uma forma branca, enorme, observando-a como se fosse feito da neblina. Postando-se sobre ela como uma nuvem dirigida pelo vento.

-Talvez fosse só parte da tempestade – disse ela. – Mas pensei que queria me machucar. Deixei aquele lugar. – Brincando com o zíper da jaqueta de couro de Damon, ela sorriu secretamente e o olhou através de seus cílios.

Pela primeira vez, o rosto de Damon demonstrou emoções. Seus lábios se retorceram em uma careta.

-E você se foi.

-Sim. Lembro que... alguém... me disse algo sobre água corrente. Coisas ruins não podem cruza-la. Então que dirigi até Drowning Creek, através da ponte. E então... – ela duvidou, franzindo o cenho, tratando de encontrar uma sólida lembrança na nova confusão. Água, ela lembrava de água. E alguém gritando. Mas nada mais. – Então o cruzei. – Ela concluiu no fim, brilhantemente. – Devo ter feito já que estou aqui. E isso é tudo. Podemos ir agora?

Damon não lhe respondeu.

-O carro ainda está no rio – disse Stefan. Ele e Damon se olharam entre eles como dois adultos tendo uma discussão sobre a cabeça de uma criança incomprendida, suas hostilidades foram suspensas por um momento. Elena sentiu aumentar sua raiva. Ela abriu a boca, mas Stefan continuou. – Bonnie, Meredith e eu o encontramos. Fui para debaixo d'água e o vi, mas para então...

-Para então o que? – Elena continuou.

Os lábios de Damon se curvaram simuladamente.

-E você se rendeu diante dela? Você de todas as pessoas, devia ter pensado no que aconteceria. Ou a idéia era tão repugnante para você que sequer a considerou? Você

preferia que ela estivesse realmente morta?

-Não tinha pulso nem respiração! – gritou Stefan. – E ela nunca teve sangue o suficiente para transformá-la! – seus olhos se endureceram. – Não de mim, pelo menos. Elena abriu a boca de novo, mas Damon pousou o dedo nela para mantê-la calada. E disse sem problemas:

-E esse é o problema agora. Ou é tão cego para ver isso agora, também? Me disse que veio por ela; olhe você mesmo para ela agora. Está em choque, irracional. Oh, sim, até eu admito – se deteve para mostrar um sorriso cego antes de continuar. – É mais do que a confusão normal depois da transformação. Ela precisa de sangue, sangue humano, ou seu corpo não terá força para terminar a transformação. Ela morrerá.

"A quem você se refere como irracional?" Elena pensou indignada.

-Estou bem – disse ela ao redor dos dedos de Damon. – Estou cansada, isso é tudo. Ia dormir quando ouvi vocês brigando e vim para ajuda-lo. E você nem sequer me deixou mata-lo – ela terminou desgostosa.

-Sim, por que não deixou? – disse Stefan. Estava olhando Damon como se pudesse criar uma sepultura através dele com seus olhos. Qualquer rastro de cooperação de sua parte havia desvanecido. – Era o mais fácil a se fazer.

Damon se postou atrás dele, de maneira repentina e furiosa, sua própria animosidade fluindo para se encontrar com a de Stefan. Respirava rápida e ligeiramente.

-Talvez não me agradem as coisas fáceis – ele chiou. Então ele pareceu ganhar controle de si mesmo uma vez mais. Seus lábios se curvaram em irritação, e acrescentou. – Coloque desta maneira, meu querido irmão: Se alguém terá a satisfação de mata-lo, esse alguém será eu. Ninguém mais. Planejo terminar o serviço por mim mesmo. E é algo em que sou muito bom, acredite.

-Já nos mostrou – disse Stefan calidamente, como se cada palavra o adoecesse.

-Mas esta – disse Damon, virando para Elena com os olhos brilhantes – eu não matei. Por que deveria? Podia tê-la transforma no momento que eu quisesse.

-Talvez porque ela acabasse de se comprometer em casamento com alguém. Damon levantou a mão de Elena, ainda enrolada com a sua. No terceiro dedo um anel de outro brilhou, com uma profunda pedra azul. Elena o observou, recordando vagamente tê-lo visto antes. Então se encolheu de ombros e se inclinou até Damon cansadamente.

-Bueno, agora – disse Damon olhando para baixo dela –, isso não parece ser um problema, não é mesmo? Acho que ela deveria está agradecida de ter esquecido você – ele olhou Stefan com um sorriso desagradável. – Mas o encontraremos uma vez que ela ganhe consciência de si mesma. Podemos perguntar qual de nós ela escolherá. Ok?

Stefan sacudiu sua cabeça.

-Como é possível que você sugira isso? Depois do que aconteceu... – sua voz se cortou.

-Com Katherine? Posso dizer se você não pode. Katherine tomou uma decisão estúpida e ela pagou o preço por isso. Elena é diferente, ela conhece sua própria mente. Mas não importa se concorda – acrescentou, ignorando a nova proposta de Stefan. – O fato é que ela está fraca agora e precisa de sangue. Vou fazer que ela o tenha e então procurarei quem fez isso a ela. Pode vir ou não, como preferir. – Se levantou, levantando Elena com ele. – Vamos.

Elena foi voluntariamente, agradecida por poder se mover. Os bosques estavam

interessantes esta noite, nunca havia notado antes. As corujas mandavam seus tristes e aterradores prantos através das árvores e os ratos se escondiam longe de seus pés. O ar estava frio nos remendos, como se congelasse primeiro os vazios e profundos do bosque. Notou que era fácil se mover silenciosamente ao lado de Damon através da folhas secas, era só questão se ser cuidadoso onde fosse pisar. Não olhou para trás para saber se Stefan os estava seguindo.

Reconheceu o lugar onde deixaram o bosque. Havia estado nesse lugar mais cedo. Agora, entretanto, havia um tipo de atividade frenética em andamento: luzes vermelhas e azuis brilhavam nos carros, projetores iluminavam as sombrias silhuetas escuras das pessoas. Elena os olhou cuidadosamente. Vários eram familiares. Essa mulher, por exemplo, de rosto magro e olhos ansiosos – tia Judith? E o homem alto ao lado dela, o noivo de tia Judith, Robert?

“Deve haver alguém mais com eles”, pensou Elena. Um garoto de cabelo pálido como o de Elena. Mas, por mais que tentou, não pôde conjurar nome algum. As duas garotas abraçadas, paradas em um círculo de oficiais, “lembro delas”, pensou. A pequena de cabelo ruivo que chorava era Bonnie. A alta com cabelos escuros varridos, Meredith.

-Mas ela não está na água – dizia Bonnie a um homem de uniforme. Sua voz tremia a beira da histeria.-Vimos Stefan sair. Já disse a vocês mais de cem vezes.

-E a deixaram aí com ele?

-Tivemos que deixa-lo. O temporal estava piorando e algo se aproximava...

-Esqueça isso – Meredith a interrompeu. Ela soava ligeiramente mais calma que Bonnie. –

Stefan disse que se ele tivesse que deixa-la, a deixaria debaixo dos salgueiros.

-E onde está Stefan agora? – perguntou outro oficial uniformizado.

-Não sabemos. Voltamos para ajuda-lo. Provavelmente nos seguiu. Mas sobre o que aconteceu com Elena... – Bonnie se virou e cravou os ombros nos ombros de Meredith.

“Estavam aborrecidas comigo”, lembrou Elena. Que estúpido de sua parte. Posso deixar isso claro, de qualquer modo. Ela começou a seguir a luz, mas Damon a

impediu do regresso. Ela o olhou, ferida.

-Não dessa maneira. Escolhe quem quer e o atraímos para fora – disse.

-Quem eu queira para que?

-Para se alimentar, Elena. É uma caçadora agora. Essas são suas presas. Elena pressionou sua língua contra um canino duvidosamente. Nada ali fora luzia como comida para ela. Entretanto, porque Damon disse, se inclinou a lhe dar o beneficio da duvida.

-O que você escolher – disse obrigadamente.

Damon inclinou sua cabeça para trás, os olhos se cerraram inspecionando a cena como um expert avaliando uma pintura.

-Bem, o que acha de um par de bons pára-médicos?

-Não – disse uma voz atrás deles.

Damon observou levemente sobre seus ombros Stefan.

-Por que não?

-Porque já teve ataques demais. Talvez precise de sangue humano, mas ela não tem por que caça-los.

O rosto de Stefan era cálido e hostil, mas havia um ar de determinação sombria nele.

-Há alguma outra maneira? – perguntou Damon ironicamente.

-Você sabe que sim. Encontrar alguém que esteja disposto... alguém que possa ser influenciado a estar disposto. Alguém que faria por Elena e que seja o suficiente forte para manejar isso, mentalmente.

-E suponho que você saiba onde podemos encontrar tal pessoa de virtudes.

-A leve a escola. Encontrarei vocês lá – disse Stefan e desapareceu. Deixou a atividade ainda em movimento, as luzes iluminando, as pessoas murmurando. Enquanto as deixavam, Elena notou algo estranho. No meio do rio, iluminado

por refletores, se encontrava um automóvel. Estava completamente submergido exceto pela parte dianteira que se encontrava atracado fora da água.

“Que lugar tão bobo para se estacionar um carro”, pensou ela, enquanto seguia Damon de volta ao bosque.

Stefan começava a sentir de novo.

Doía. Pensou que passava de sentir dor, a sentir qualquer coisa. Quando tirou o corpo sem vida de Elena da água escura, pensou que nada podia machuca-lo de novo porque nada podia se igualar aquele momento.

Estava errado.

Se deteve e parou com seu braço bom encostado em um carro, cabisbaixo, respirando profundamente. Quando a neblina vermelha começou a se dissipar e pôde ver de novo, seguir adiante, mas a dor da queimadura no peito continuou sem diminuir nem um pouco.

“Pare de pensar nela”, disse a si mesmo, sabendo que isso não serviria de nada. Mas não estava realmente morta. Isso não contava para algo? Pensou que nunca voltaria a escutar sua voz de novo, a sentir sua pele...

E agora, quando ela o tocou, queria mata-lo.

Se deteve de novo, enjoando-se, temeroso que fosse adoecer.

Vê-la dessa forma era uma tortura pior do que vê-la jazendo fria e morta. Talvez essa seja a razão porque Damon a deixou viver. Talvez essa fosse a vingança de Damon. E talvez Stefan só devesse fazer o que havia planejado fazer depois de matar Damon. Esperar até o amanhecer e tirar o anel de prata que os protegia da luz do sol. Parado, banhado no duro abraço daqueles raios até queimarem da sua carne até o ossos e acabasse a dor de uma vez por todas.

Mas sabia que não o faria. Enquanto Elena caminhasse pela terra, nunca a deixaria. Mesmo que o odiasse, mesmo se ela amaldiçoasse seu espírito. Faria qualquer coisa que estivesse em suas mãos para mantê-la a salvo.

Stefan parou na pensão. Precisava se limpar antes de deixar que os humanos o vissem. Em seu quarto, limpou o sangue de seu rosto e de seu pescoço e

examinou seu braço. O

processo de cura havia começado e com concentração pôde acelerar o processo. Estava consumindo sua força com rapidez; a briga com seu irmão o havia debilitado. Mas isso era importante. Não devido a dor – notou timidamente – sim porque precisava se adaptar. Damon e Elena esperavam fora da escola. Pôde sentir a impaciência de seu irmão e a nova presença de Elena na escuridão.

-É melhor que isso funcione – disse Damon.

Stefan não disse nada. O auditório da escola era outro centro de comoção. As pessoas pareciam ter desfrutado o baile do Dia do Fundador; de fato, aqueles que permaneciam através da tempestade se encontravam postados nos arredores ou em pequenos grupos conversando. Stefan olhou na porta, buscando com sua mente uma presença em particular.

O havia encontrado. Uma cabeça loira estava sentada em uma mesa no canto. Matt.

Matt continuou de frente e olhou ao redor, confuso. Stefan o convidou a sair. “Precisava de ar fresco”, pensou, insinuando a sugestão no subconsciente de Matt. Sente a necessidade de sair por um momento.

Para Damon, parado invisível justamente atrás da luz, ele disse: “leve-a a escola, a sala de fotografia. Ela sabe onde é. Não se mostrem até que eu os diga”. Então retrocedeu e esperou que Matt aparecesse.

Matt saiu, seu rosto desenhado voltado para o céu sem lua. Começou violentamente quando Stefan começou a falar.

-Stefan! Está aqui! – desespero, esperança e horror começava a dominar seu rosto. Correu até Stefan. – Eles a... a trouxeram de volta? Há alguma notícia?

-O que ouviu exatamente?

Matt o observou por um momento antes de responder.

-Bonnie e Meredith vinheram dizendo que Elena havia ido a ponte Wickery em meu carro. Disse que ela... – pausou um momento e soltou – Stefan não é verdade, é? – seus olhos começavam a umedecer.

Stefan olhou para o outro lado.

-Oh, Deus – disse Matt com dificuldade. Virou de costas para Stefan, pressionando a palmas de suas mãos contra seus olhos. – Não posso acreditar. Não é verdade. Não pode ser verdade.

-Matt... – tocou o ombro do garoto.

-Sinto muito – a voz de Matt era áspera e rude. – Deve estar atravessando um inferno e aqui estou eu, piorando as coisas.

“Mas do que imagina”, pensou Stefan, sua mão se afastou. Veio com a intenção de usar seus poderes para persuadir Matt. Agora isso era impossível. Não podia faze-lo, não a seu primeiro e único amigo humano que havia tido naquele lugar.

Sua outra única opção era dizer a verdade a Matt. Deixar que Matt tomasse sua própria decisão, que soubesse tudo a respeito.

-Se houvesse algo que pudesse fazer por Elena neste momento – disse -, você faria?

Matt estava muito perdido em suas emoções para perguntar que tipo de pergunta estúpida era essa.

-Qualquer coisa – disse quase com raiva, cobrindo com sua manga seus olhos. – Faria qualquer coisa por ela.

Olhou para Stefan com algo de desafio. Sua respiração tremia.

“Ótimo!”, pensou Stefan, sentindo o repentino profundo abismo em seu estômago.

“Ganhou uma viagem para a Zona do Crepúsculo”.

-Vem comigo – disse. – Tenho uma coisa para ti amostrar.

Capitulo 3

Elena e Damon aguardavam na sala escura. Stefan pôde sentir sua presença no pequeno anexo enquanto abria a porta da sala de fotografia que estava aberta e

deixava Matt entrar.

-Pensei que estas portas devessem estar fechadas – disse Matt enquanto Stefan ligava o interruptor que acendi a luz.

-Estavam – disse Stefan. Não sabia o que mais dizer para preparar Matt para o que viria. Nunca antes havia revelado tão deliberadamente para um humano. Se deteve, quieto, até que Matt virou e o olhou. A sala de aula era fria e silenciosa e o ar parecia pesado. Enquanto o momento se aproximava, viu a expressão de Matt mudar lentamente de uma expressão desconcertante de dor a uma de moléstia.

-Não estou entendendo – disse Matt.

-Sei que você não entende – foi até Matt, tirou de propósito as barreiras que ocultavam seus poderes a percepção humana. Viu a reação no rosto de Matt enquanto a moléstia se fundia em medo. Matt falava e sacudia a cabeça, sua respiração começava a acelerar.

-Mas o que... – disse, sua voz se agravava.

-Possivelmente há um monte de coisas que deve estar pensando sobre mim – disse Stefan. – O por que uso óculos escuros fortes. Porque não como. Por que meus reflexos são tão rápidos.

Matt tinha suas costas contra o quadro negro agora. Sua garganta se fechou como se estivesse tragando. Stefan, com seus sentidos de predador, pôde escutar o coração de Matt palpitar deliberadamente.

-Não – disse Matt.

-Devia ter adivinhado, devia ter perguntado a você mesmo o que me fazia tão diferente de todos os outros.

-Não. Quero dizer... Não importa. Me mantenho fora das coisas que não são da minha importância.

Matt se dirigia a porta, seus olhos se cravaram nela em um movimento vagamente perceptível.

-Não faça isso, Matt. Não quero machucar você, mas não pode ir agora. Ele pôde sentir vagamente a necessidade de liberar a emanação de Elena às escondidas.

“Espera”, disse a ela.

Matt se manteve quieto, renunciando qualquer tentativa de se afastar.

-Se quer me assustar, já conseguiu – disse em voz baixa. – O que você quer mais?

“Agora”, Stefan disse a Elena. Disse a Matt:

-Vire.

Matt virou. E sufocou um grito.

Elena se manteve ali, mas não a Elena da tarde, quando Matt a viu pela última vez. Agora seus pés estavam descalços debaixo da bainha de seu longo vestido. As finas pregas do vestido branco que ela carregava se endureceram como cristais de gelo que brilhavam na luz. Sua pele, sempre linda, aparentava um brilho invernal e seu cabelo dourado pálido parecia sobreposto por um brilho prateado. Mas a verdadeira diferença estava em seu rosto. Esses olhos de cor azul profundo estavam fechados profundamente, praticamente com um aspecto dorminhoco e mesmo assim pareciam despertos de maneira pouco natural. E uma olhada de pretensão sensual e ansiedade se fez ao redor de seus lábios. Ela estava mais linda do que nunca havia sido em sua vida, mas era uma beleza aterradora. Enquanto Matt olhava, paralizado, a rosada língua de Elena lambeu os lábios.

-Matt – disse, persistindo sobre a primeira consoante do nome. Logo sorriu. Stefan ouviu a respiração interna incrédula de Matt e o soluço próximo quando finalmente se afastou dele.

“Está bem”, disse, enviando um pensamento a Matt em um aumento de Poder. Enquanto Matt se aproximava bobamente dele, com os olho abertos em choque, acrescentou:

-Então agora você sabe.

A expressão de Matt dizia que ele não queria saber, e Stefan pôde ver a reação

em seu rosto. Damon deu um passo para fora junto a Elena e se moveram um pouco para a direita, acrescentando sua presença a carregada atmosfera da sala. Matt estava rodeado. Os três se fecharam ao redor dele, inumanamente bonitos, inatamente ameaçadores.

Stefan pôde cheirar o medo de Matt. Era o medo desamparado de um coelho para a raposa, de um rato para a coruja. E Matt estava certo de ter medo. Eles eram os caçadores e ele era a presa. Seu trabalho na vida era mata-lo.

E justamente agora os instintos estavam saindo do controle. Os instintos de Matt he diziam para se assustar e correr, e eram reflexos disparados na mente de Stefan. Quando a presa corre, o predador o caça, simples assim. Os três predadores foram apresentados, um segundo, e Stefan sentiu que não poderia ser responsável das conseqüências se Matt corresse desesperadamente.

“Não queremos machuca-lo”, disse a Matt. “É Elena quem precisa de você, e o que precisa não o deixará permanentemente prejudicado. Nem sequer terá que o machucar, Matt”. Mas os músculos de Matt permaneciam tensos como se fosse escapar e Stefan se deu conta que os três o estavam acercando, movendo-se cada vez mais perto, prontos para impedir qualquer escape.

“Você disse que faria qualquer coisa por Elena”, recordou a Matt desesperadamente e viu que tomou uma decisão.

Matt liberou sua respiração, a tensão se drenou de seu corpo.

-Tem razão, eu disse – sussurrou. Visivelmente se abraçou antes de continuar. – Do que precisa?

Elena se inclinou para frente e pousou um dedo no pescoço de Matt, marcando o caminho da artéria.

-Não essa – disse Stefan rapidamente. – Você não quer mata-lo. Diga, Damon –

acrescentou quando Damon não fez nenhum esforço para impedir. “Diga”.

-Tente aqui ou aqui – Damon apontou com clinica eficiência, sustentando o queixo de Matt para cima. Era o suficientemente forte para que Matt não pudesse romper o toque e Stefan sentiu ressurgir o pânico.

“Confia em mim, Matt”. Se moveu para trás do corpo humano. “Mas tem que ser sua decisão”, terminou, lavado repentinamente em compaixão. “Pode mudar de opinião”. Matt duvidou e então falou entre dentes:

-Não. Ainda quero ajuda-la. Quero ajudar você, Elena.

-Matt – sussurrou, os olhos azuis como um fio de diamante se pousaram sobre ele. Então mudou a vista para sua garganta até seus lábios parcialmente faminta. Não havia sinal de incerteza como que ela demonstrou quando Damon lhe sugeriu para se alimentar de páramédicos. – Matt – sorriu de novo e então o golpeou como uma ave caçadora. Enquanto Matt trabalhava para relaxar, uma ajuda inesperada veio de Elena, que irradiava pensamentos cálidos e felizes de um filhote de lobo sendo alimentado. Obteve a técnica de mordida correta na primeira tentativa e se encheu de orgulho inocente e com crescente satisfação enquanto as pulsadas afiadas de fome cessavam. E com apreciação por Matt, Stefan se deu conta, com um repentino choque de ciúmes. Ela não odiava Matt nem queria mata-lo, porque não aparentava nenhum risco a Damon. Era aficionada por Matt.

Stefan a deixou tomar o necessário enquanto fosse seguro para Matt e então interveio. “É

o suficiente, Elena. Você não quer machuca-lo”.Mas teve que tomar os esforços dele, Damon, e um tonto Matt para tira-la de sua presa.

-Ela precisa descansar – disse Damon. – A levarei a algum lugar onde fique segura. – Não estava perguntando a Stefan, estava anunciando.

Enquanto se afastavam, sua voz mental acrescentou, para os ouvidos de Stefan: “Ainda não me esqueci da maneira em que me atacou, irmão. Falaremos disso depois”. Stefan o olhou. Notou como os olhos de Elena permaneciam sob Damon, como o seguia sem perguntar nada. Mas agora estava fora de perigo; o sangue de Matt havia lhe dado a força que precisava. Isso era tudo do que Stefan tinha que fazer, e disse a si mesmo que era tudo o que importava.

Virou para observar a expressão atordoada de Matt. O garoto humano se afundou em uma das cadeiras de plástico e ficou olhando para frente.

Então seus olhos alcançaram os de Stefan e se observaram mutuamente de uma maneira lúgubre.

-Então – disse Matt – agora eu sei – sacudiu sua cabeça virando-a de maneira discreta. –

Mas ainda não posso acreditar – murmurou. Seus dedos pressionaram cautelosamente o lado do pescoço e se sacudiu de dor. – Esse cara... Damon. Quem é ele?

-Meu irmão mais velho – disse Stefan sem emoção. – Como sabe o nome dele?

-Estava na casa de Elena semana passada. O gato brigou com ele – Matt se deteve, recordando algo claramente. – E Bonnie teve algum tipo de desajuste psíquico.

-Teve uma premonição? O que ela disse?

-Ela disse... ela disse que a morte estava na casa.

Stefan ficou observando a porta por onde Damon e Elena haviam passado.

-Estava certa.

-Stefan, o que está acontecendo? – um tom de apelação entrou na voz de Matt. –

Continuo sem entender. O que aconteceu com Elena? Vai ser assim para sempre? Não há

nada que se possa fazer a respeito?

-Ser como? – disse Stefan brutalmente. – Desorientada? Um vampiro?

Matt olhou para um lado.

-Ambos.

-Primeiro, ela ficará mais racional agora que se alimentou. É isso que Damon pensa de qualquer forma. Por outro lado, só há uma coisa que se pode fazer para mudar sua condição. – Enquanto os olhos de Matt se abriram com esperança esboçada, Stefan continuou. – Pode pegar uma estaca de madeira e crava-la em seu coração. Então ela já

não será uma vampira nunca mais. Simplesmente estará morta.

Matt se levantou e foi para a janela.

-Não poderá mata-la, entretanto, por que isso já passou. Se afogou no rio, Matt. Mas devido a quantidade de sangue suficiente de mim... – pausou para clarear sua voz – e, ainda, por meu irmão, ela se transformou em vez de morrer. Despertou como uma caçadora, como nós. Isso será tudo que ela será agora.

Ainda de costas, Matt respondeu:

-Sempre soube que havia algo de diferente em você. Disse a mim mesmo que era simplesmente porque era de outro continente – sacudiu sua cabeça de novo em autodesprezo. – Mas, dentro de mim sabia que era algo mais. E algo me dizia para continuar confiando em você. E foi o que eu fiz.

-Como quando foi comigo para conseguir verbena.

-Sim. Como isso. – Acrescentou. – Pode me dizer agora para que diabos era?

-Para a proteção de Elena. Queria manter Damon longe dela. Mas parece que isso não era o que ela queria - não pôde esconder a dor, a crua traição, em sua voz. Matt virou.

-Não a julgue antes de saber tudo o que aconteceu, Stefan. É algo que eu aprendi. Stefan estava assustado; então lhe mostrou um pequeno sorriso sem graça. Como o par de Elena, ele e Matt estavam na mesma posição agora. Se perguntou se seria tão legal quanto Matt tinha sido. Levar sua derrota como um cavalheiro.

Não pensou assim.

Fora, um som começou a soar. Era inaudível aos ouvidos humanos e Stefan quase o ignorou até que as palavras penetraram em sua consciência.

Então lembrou do que havia feito na escola há apenas algumas horas. Até agora, havia esquecido tudo sobre Tyler Smallwood e seus rudes amigos.

Agora sua memória voltava; vingança e horror fecharam sua garganta. Havia estado fora de sua mente por causa da dor sobre Elena e sua razão se escapara pela pressão. Mas essa não era a desculpa para o que havia feito. Estavam todos mortos? Teria ele, quem jurara há muito tempo não voltar a matar ninguém,

assassinado três pessoas nesse dia?

-Stefan, espera. Aonde vai?

Como não respondeu, Matt o seguiu, quase correndo para alcança-lo, fora do edifício principal da escola havia o piso escuro. Do outro lado do campo, o sr. Shelby estava parado na cabana Quonset.

O rosto do zelador estava cinza e coberta de líneas de horror. Parecia que tentava gritar, mas só um pequeno gemido saiu de sua boca. Usando o cotovelo para abrir espaço, Stefan olhou a sala e teve um curioso sentimento de deja vu.

Parecia a sala do Carniceiro Louco da Casa Amaldiçoada. Exceto que isto não era uma montagem feita para os visitantes. Era real.

Os corpos estavam espalhados por todos os lados, em meio a fragmentos de madeira e vidro da janela quebrada. Toda a superfície visível estava coberta por sangue marrom e sinistro enquanto secava. E uma olhada nos corpos revelava o por que: cada um deles tinha um par de lívidas feridas púrpuras em seus pescoços. Exceto por Caroline: seu pescoço não tinha marcas, mas seus olhos estavam brancos e observando. Atrás de Stefan, Matt estava hiperventilando.

-Stefan, Elena não... ela não...

-Silêncio – respondeu Stefan bruscamente. Olhou de novo o sr. Shelby, mas o zelador havia tropeçado no carrinho de vassouras e panos e estava inclinado sobre ele. O vidro grunhia debaixo dos pés de Stefan enquanto cruzava o piso para se inclinar sobre Tyler. Não estava morto. Um sentimento de alivio explodiu em Stefan quando se deu conta. O

peito de Tyler se movia debilmente e quando Stefan levantou a cabeça do garoto seus olhos se abriram um pouco, cristalinos e sem vista.

“Você não se lembra de nada”, disse Stefan mentalmente. Mesmo tendo dito, se perguntou por que se importava. Deveria deixar Fell’s Church, corta-lo todo agora e nunca mais voltar.

Mas não podia. Não enquanto Elena estivesse ali.

Reuniu a mente inconsciente do resto das vitimas dentro da sua mente e os disse

o mesmo, alimentando no mais profundo de seus cérebros. Não recordavam quem os atacou. A noite anterior estava completamente em branco.

Enquanto fazia, sentiu seus Poderes mentais tremerem como músculos cansados. Estava perto do esgotamento.

Fora, o sr. Shelby encontrou por fim sua voz e estava gritando. Cansado, Stefan deixou cair a cabeça através de seus dedos de volta ao piso e virou.

Os lábios de Matt estavam contraídos para dentro, seu nariz se queimava, como se tivesse cheirado algo desagradável. Seus olhos eram os olhos de um estranho.

-Elena não pode – sussurrou. – Você o fez.

“Silêncio”, Stefan o empurrou, passando por um lado até o agradável frio da noite, colocando distância entre ele e a sala, sentindo o ar frio em sua pele quente. Passos correndo pelas redondezas do refeitório lhe diziam que alguns humanos haviam ouvido por fim os gritos do zelador.

-Você o fez, não é mesmo? – Matt havia seguido Stefan fora do campo. Sua voz dizia que tentava entende-lo.

Stefan se virou para ele.

-Sim, o fiz – grunhiu. Olhava Matt até embaixo sem ocultar nenhuma de suas ameaças de aborrecimento em seu rosto. – Eu disse a você, Matt, somos caçadores. Assassinos. Vocês são as ovelhas, nós somos os lobos. E Tyler estava pedindo por isso cada dia desde que cheguei.

-Pedindo por um soco na cara, sim. Como se não tivesse feito isso antes. Mas... isso? –

Matt cessou seu passo, olhando nos olhos de Stefan, sem medo. Tinha coragem psíquica; tinha que admitir isso. – E nem sequer sente pena? Nem sequer se arrepende disso?

-Por que deveria? – disse Stefan friamente, vagamente. – Você se arrepende quando como bistecas demais? Sente pena da vaca? – pôde observar a olhada de incredibilidade doente e o pressionou, levando a dor em seu peito mais profundamente. Era melhor que Matt se mantivesse afastado nesses momentos,

muito afastado. Ou Matt poderia terminar como aqueles corpos na cabana de Quonset. – Sou o que sou, Matt. E se não pode lidar com isso, deveria se manter fora.

Matt se manteve de frente para ele por um momento, a incredibilidade doente se transformou lentamente em desilusão doente. Os músculos ao redor de sua mandíbula se destacaram. Então, sem dizer uma palavra, virou os calcanhares e se afastou caminhando.

Elena estava no cemitério.

Damon a havia deixado ali, exaltando que ela deveria ficar ali até que ele voltasse. Entretanto, não queria ficar sentada. Se sentia cansada, mas não realmente com sono e o novo sangue a afetava como um relâmpago de cafeína. Queria sair e explorar. O cemitério estava cheio de atividade apesar de que não havia humanos a vista. Uma raposa observava sigilosamente pelas sombras através do caminho do rio. Pequenos roedores caminhavam nos túneis embaixo o longo e frondoso pasto ao redor das lapides, guinchando e correndo. Uma coruja voava quase silenciosamente através da velha igreja onde cantava em um campanário um misterioso grito.

Elena se levantou e o seguiu. Isso era muito melhor do que se esconder no pasto como um rato ou um roedor. Olhou ao redor da velha igreja interessada usando seus afiados sentidos para examina-la. A maior parte do teto havia se desprendido e só três muros estavam de pé, mas o campanário se mantinha como um monumento entre os escombros.

Em um lado estava a tumba de Thomas e Honoria Fell, como um longo caixão. Elena olhava com seriedade por baixo dentro dos rostos de mármore da tampa de suas estatuas. Permaneciam em tranqüilo repouso, seus olhos fechados, suas mãos fechadas ao redor de seus peitos. Thomas Fell parecia sério e um pouco inconformado, mas Honoria parecia totalmente triste. Elena pensou de maneira perdida em seus próprios pais, repousando lado a lado no moderno cemitério.

“Irei para casa, é para lá onde vou”, pensou. Tinha se lembrado do lugar. Podia desenha-lo agora: seu bonito quarto com cortinas azuis e moveis de madeira cor cereja e sua pequena lareira. E algo importante debaixo do piso de seu closet. Encontrou seu caminho na rua Maple pelo instinto que corria profundamente por sua memória, deixando que seus pés a guiassem. Era uma casa velha, muito

velha, com um grande pórtico e grandes janelas na frente. O carro de Robert estava estacionado na entrada.

Elena caminhou até a porta principal e então se deteve. Havia uma razão pela qual as pessoas não deviam vê-la, apesar de que não podia se lembrar qual era o motivo no momento. Duvidou e então subiu agilmente a árvores de galhos até a janela de seu quarto.

Mas não ia ser capaz de entrar sem ser notada. Uma mulher estava sentada na cama com o quimono de seda vermelha de Elena em sua volta, olhando-o. A tia Judith. Robert estava parado no vestíbulo, falando com ela. Elena notou que podia escutar o murmúrio de vozes mesmo através do vidro.

-... fora amanhã de novo – estava dizendo. – Enquanto não há tempestade. Irão atrás em cada centímetro do bosque e a encontrarão, Judith. Você vai ver. – A tia Judith não disse nada e continuava soando cada vez mais desesperada. – Não podemos perder as esperanças, não importa o que as garotas digam...

-Não adianta, Bob – tia Judith havia levantado sua cabeça finalmente e seus olhos estavam vermelhos, mas secos. – Não adianta nada.

-Os esforços para o resgate? Não quero vê-la falando desse jeito – se sentou ao lado dela.

-Não, não é só isso... Apesar do que sei, no coração, eu sei que não vamos encontra-la viva. Me refiro... Tudo. Nós. O que aconteceu foi nossa culpa...

-Não é verdade. Foi um acidente muito horrível.

-Sim, mas a deixamos passar. Se não houvéssemos sido tão duros com ela, nunca teria dirigido só nem tinha ultrapassado a tempestade. Não, Bob, não tente me calar; quero que me escute. – Tia Judith tomou um profundo suspiro e continuou. – Tampouco foi só

hoje. Elena estava tendo problemas já faz muito tempo. Mas por estar preocupada comigo mesma – conosco – para lhe dar um pouco de atenção. Posso enxergar isso agora. E agora que Elena... se foi... não quero que aconteça o mesmo com Margareth.

-O que está dizendo?

-Estou dizendo que não posso em casar com você, não agora, como havíamos planejado. Talvez nunca – sem voltar a olha-lo, disse suavemente. – Margareth tem perdido tanto. Não quero que sinta que está me perdendo também.

-Ela não perderá você. Ao contrario, ela estará ganhando alguém mais, porque estarei aqui. Você sabe o que sinto por ela.

-Sinto muito, Bob, mas não consigo ver dessa maneira.

-Não pode estar falando sério. Depois de todo esse tempo que temos passado aqui... depois de tudo que fizemos...

A voz de tia Judith era drenada e implacável.

-Estou falando sério.

Empoleirada na janela, Elena olhou Robert curiosamente. Uma veia palpitava em seu rosto e ele estava avermelhado.

-Você se sentirá diferente amanhã.

-Não. Não é assim.

-Não estará pensando em...

-Eu estou pensando. Não me diga para mudar de idéia porque não vou mudar. Por um instante Robert olhou ao redor com incompreensiva frustração, então sua expressão se obscureceu. Quando falou, sua voz era ampla e fria.

-Entendo. Bom, se esta é a resposta final, então já estou indo.

-Bob – tia Judith virou, assustada, mas já estava fora da porta. Se levantou, vacilante, como se não estivesse segura se deveria ir atrás dele ou não. Seus dedos se amassaram no material vermelho que estava segurando.

-Bob! – o chamou de novo, mais urgentemente, e se virou para jogar o quimono na cama de Elena antes de ir atrás dele.

Mas no momento em que se virou, ficou boquiaberta, uma mão voou até sua boca. Seu corpo inteiro ficou rígido. Seus olhos se cravaram em Elena através do

prateado do painel de vidro. Por um longo momento, olharam uma a outra, sem nenhuma das duas se mover. A mão de tia Judith se afastou da boca e começou a gritar.

Capítulo 4

Algo puxou Elena para longe da árvore e, uivando um protesto, ela caiu e ficou de pé

como um gato. Seus joelhos atingiram o chão um segundo mais tarde e ficaram machucados.

Ela deu ré, os dedos fechados em garras para atacar quem quer que tivesse feito isso. Damon deu um tapa em sua mão.

“Por que você me agarrou?” ela exigiu.

“Por que você não ficou onde eu te coloquei?” ele retrucou.

Eles olharam um para o outro, igualmente furiosos. Então Elena se distraiu. A gritaria ainda continuava no andar de cima, aumentada agora pelas pancadas e batidas na janela. Damon acotovelou-a contra a casa, onde eles não podiam ser vistos de cima.

“Vamos nos afastas desse barulho,” ele disse meticulosamente, olhando para cima. Sem esperar por uma resposta, ele pegou o braço dela. Elena resistiu.

“Eu tenho que entrar lá!”

Você não pode.” Ele lhe lançou um sorriso de dentes arreganhados. “Eu quero dizer literalmente. Você *não pode* entrar nessa casa. Você não foi convidada.”

Momentariamente confusa, Elena deixou-o rebocá-la por alguns passos. Então ela afundou seus calcanhares novamente.

“Mas eu preciso do meu diário!”

“O quê?”

“Está no armário, debaixo do piso de madeira. E eu preciso dele. Eu não posso

dormir sem o meu diário.” Elena não sabia porque ela estava fazendo tanto estardalhaço, mas parecia importante.

Damon pareceu exasperado; então, seu rosto clareou. “Aqui,” ele disse calmamente, seus olhos cintilando. Ele retirou algo de sua jaqueta. “Pegue.”

Elena olhou sua oferta com desconfiança.

“É o seu diário, não é?”

“Sim, mas é o meu velho. Eu quero o meu novo.”

“Esse vai ter que servir, porque é tudo que você vai ganhar. Venha antes que eles acordem a vizinhança inteira.” Sua voz tinha ficado fria e comandadora novamente. Elena avaliou o livro que ele segurava. Era pequeno, com uma capa de veludo azul e um cadeado em latão. Talvez não a edição mais nova, mas era familiar a ela. Ela decidiu que era aceitável.

Ela deixou Damon guiá-la para a noite.

Ela não perguntou para onde estavam indo. Ela não ligava muito. Mas ela reconheceu a casa na Avenida Magnolia; era onde Alaric Saltzman estava morando. E foi Alaric que abriu a porta da frente, chamando Elena e Damon para dentro. O professor de história parecia estranho, contudo, e não parecia realmente vê-los. Seus olhos estavam embaçados e moviam como um robô.

Elena lambeu seus lábios.

“Não,” Damon disse curtamente “Não é para morder esse. Há algo suspeito nele, mas você deve ficar segura o bastante na casa. Eu já dormi aqui antes. Aqui em cima.” Ele a guiou por um lance de escada para um ático com uma pequena janela. Estava lotado com objetos armazenados: trenós, esquis, uma rede. Bem no final, um velho colchão estava deitado no chão.

“Ele nem saberá que você está aqui de manhã. Deite-se.” Elene obedeceu, assumindo uma posição que parecia natural para ela. Ela deitou de costas, mãos dobrados sobre o diário que ela segurava perto de seu peito.

Damon derrubou uma peça de lanolina em cima dela, cobrindo seus pés nus.

“Vá dormir, Elena,” ele disse.

Ele inclinou-se sobre ela, e por um momento ela achou que ele iria... fazer alguma coisa. Seus pensamentos estavam desorganizados demais. Mas os noturnos olhos negros dele encheram sua visão. Então ele se afastou, e ela conseguiu respirar novamente. A melancolia do ático assentou sobre ela.

Seus olhos se fecharam e ela dormiu.

Ela acordou lentamente, reunindo informação sobre onde ela estava, pedaço por pedaço. O ático de alguém, pelo que parecia. O que ela estava fazendo aqui?

Ratos ou camundongos estavam lutando em algum lugar entre as pilhas de objetos colgados por lanolina, mas o som não a incomodava.

O traço mais fraco da luz pálida aparecia nas beiradas da janela tapada. Elena empurrou seu cobertor improvisado e levantou-se para investigar.

Era definitivamente o ático de alguém, e não o de alguém que ela conhecia. Ela sentia como se tivesse estado doente por um longo tempo e tivesse acabado de acordar de sua doença. Que dia é hoje? ela se perguntou.

Ela conseguia ouvir vozes abaixo dela. Escada abaixo. Algo disse a ela para ser cuidadosa e silenciosa. Ela ficou com medo de fazer algum tipo de perturbação. Ela abriu a porta do ático calmamente sem fazer barulho e cuidadosamente desceu a escada. Olhando para baixo, ela conseguia ver a sala de estar. Ela a reconheceu; ela tinha sentado no otomano quando Alaric Saltzman tinha dado uma festa. Ela estava na casa dos Ramsey. E Alaric Saltzman estava lá embaixo; ela conseguia ver o topo da cabeça cor de areia dele. A voz dele a estarreceu. Após um momento ela percebeu que era porque ele não soava estúpido ou idiota ou como Alaric geralmente soava na aula. Ele não estava fluindo uma tagarelice psicótico, tampouco. Ele estava falando fria e decisivamente com outros dois homens.

“Ela pode estar em qualquer lugar, até mesmo bem debaixo dos nossos narizes. Mais provável fora da cidade, contudo. Talvez na floresta.”

“Por que na floresta?” disse um dos homens. Elena conhecia essa voz, também, e aquele careca. Era o Sr. Newcastle, o diretor da escola.

“Lembre-se, as primeiras duas vítimas foram achadas perto da floresta,” disse o outro homem.

Era o Dr. Feinberg? Elena pensou. O que ele estava fazendo aqui? O que eu estou fazendo aqui?

“Não, é mais do que isso,” Alaric dizia. Os outros homens estavam escutando-o com respeito, até mesmo com deferência. “A floresta está conectada a isso. Eles podem ter um esconderijo lá, uma toca onde podem entrar se forem descobertos. Se houver um, eu acharei.”

“Tem certeza?” disse o Dr. Feinberg.

“Tenho certeza,” Alaric disse brevemente.

“E é onde você acha que Elena está,” disse o diretor. “Mas ela ficará lá? Ou ela voltará

para a cidade?”

“Eu não sei.” Alaric marchou alguns passos e pegou um livro de uma mesinha de centro, correndo seu dedão por ele distraidamente.

“Um jeito de descobrir é observar as amigas dela. Bonnie McCullough e aquela garota de cabelos escuros, Meredith. As chances são de que elas serão as primeiras a verem-na. É

assim que geralmente acontece.”

“E uma vez que nós a tenhamos localizado?” Dr. Feinberg perguntou.

“Deixe isso comigo,” Alaric disse silenciosa e carrancudamente. Ele fechou o livro e o derrubou na mesinha de centro com um som perturbadoramente conclusivo. O diretor espiou seu relógio. “É melhor eu ir andando; a cerimônia começa as dez. Presumo que ambos estarão lá?” Ele parou a caminho da porta e olhou para trás, sua postura irresoluta. “Alaric, espero que cuide disso. Quando eu te chamei, as coisas não tinham chegado a esse ponto. Agora eu estou começando a me perguntar–”

“Eu consigo cuidar disso, Brian. Eu te disse; deixe comigo. Você prefereria ter a

Robert E. Lee em todos os jornais, não apenas como cenário da tragédia mas também como ‘A Escola Mal-Assombrada do Condado de Boone.’? Um lugar de reunião para demônios? A escola onde os mortos-vivos andam? É esse o tipo de publicidade que você quer?”

O Sr. Newcastle hesitou, mordendo seu lábio, então acenou, ainda parecendo infeliz.

“Tudo bem, Alaric. Mas faça isso rápido e de forma limpa. Te verei na Igreja.” Ele saiu e o Dr. Feinberg o seguiu.

Alaric ficou de pé lá por algum tempo, aparentemente encarando o vazio. Por fim ele acenou uma vez e ele próprio saiu pela porta da frente.

Elena lentamente arrastou-se de volta escada acima.

Agora, o que fora tudo isso? Ela se sentia confusa, como se estivesse flutuando livre no tempo e no espaço. Ela precisava saber que dia era, por que ela estava aqui, e por que ela se sentia tão assustada. Por que ela sentia tão intensamente que ninguém devia vê-la ou ouví-la por notá-la.

Olhando ao redor do ático, ela não viu nada que lhe daria alguma ajuda. Onde ela estava deitada havia apenas o colchão e a lanolina – e um livrinho azul. Seu diário! Avidamente, ela o agarrou e o abriu, pulando as entradas. Elas paravam no dia 17 de outubro; elas não ajudavam a descobrir a data de hoje. Mas enquanto ela olhava para a escrita, imagens formaram na sua mente, pendurando-se como pérolas para formar memórias. Fascinada, ela lentamente sentou-se no colchão. Ela folheou de volta para o começo e começou a ler sobre a vida de Elena Gilbert. Quando ela terminou, ela estava fraca com medo e terror. Pontos brilhantes dançaram e cintilaram perante seus olhos. Havia tanta dor naquelas páginas. Tantos esquemas, tantos segredos, tanta necessidade. Era a história de uma garota que se sentia perdida em sua própria cidade natal, em sua própria família. Que estivera procurando por... algo, algo que ela nunca conseguia alcançar. Mas não foi isso que causava esse pânico palpitante em seu peito que drenava toda a energia de seu corpo. Não era por causa disso que ela sentia como se estivesse caindo mesmo estando sentada tão retamente quanto conseguia. O

que causava o pânico era que ela se *lembrava*.

Ela se lembrava de tudo.

Da ponte, da água corrente. Do horror a medida que o ar deixava seus pulmões e não havia nada além de líquido para respirar. O jeito como tinha machucado. E o instante final quando tinha parado de machucar, quando tudo tinha parado. Quando tudo... parara. Ah, Stefan, eu estava tão assustada, ela pensou. E o mesmo medo estava dentro dela agora. Na floresta, como ela pôde ter se comportado daquela maneira com Stefan? Como ela pôde ter se esquecido dele, de tudo que ele significava para ela? O que a tinha feito agir dessa maneira?

Mas ela sabia. No centro de seu consciente, ela sabia. Ninguém levantava e andava de um afogamento assim. Ninguém levantava e andava viva.

Lentamente, ela levantou e foi olhar pela janela tapada. O painel escurecido de vidro agia como um espelho, jogando reflexos de volta a ela.

Não era o reflexo que ela vira em seu sonho, onde ela tinha percorrido um corredor de espelhos que pareciam ter vida própria. Não havia nada dissimulado ou cruel nesse rosto. Mesmo assim, estava sutilmente diferente do que ela estava acostumada a ver. Havia um brilho pálido em sua pele e um vazio notável em seus olhos. Elena tocou com as pontas dos dedos em seu pescoço, de ambos os lados. Foi onde Stefan e Damon tinham ambos tomado seu sangue. Tinham realmente sido vezes o bastante, e ela tinha realmente tomado o bastante deles em troca?

Deve ter sido. E agora, pelo resto da sua vida, pelo resto da sua existência, ela teria que se alimentar como Stefan se alimentava. Ela teria que...

Ela afundou em seus joelhos, pressionando sua testa contra a madeira nua de uma parede. Eu não posso, ela pensou.

Ah, por favor, eu não posso; eu não posso.

Ela nunca havia sido muito religiosa. Mas das profundezas dela, seu horror estava fluindo, e cada partícula de seu ser juntou-se em um grito por ajuda. Ah, por favor, ela pensou. Ah, por favor, por favor, me ajude. Ela não pediu por nada específico; ela não conseguia reunir seus pensamentos tanto assim. Só: Ah, por favor me ajude, ah por favor, *por favor*. Após um momento ela se levantou novamente.

Seu rosto ainda estava pálido mas assustadoramente lindo, como porcelana fina iluminada de dentro. Seus olhos ainda estavam manchados com sombras. Mas havia uma resolução neles.

Ela tinha que encontrar Stefan. Se houvesse alguma esperança para ela, ele saberia. E se não houvesse... bem, ela precisava ainda mais dele. Não havia nenhum outro lugar que ela queria estar exceto com ele.

Ela fechou a porta do ático cuidadosamente atrás dele enquanto saia. Alaric Saltzman não podia descobrir seu esconderijo. Na parede, ela viu um calendário com os dias até 4 de dezembro riscados. Quatro dias desde a última noite de sábado. Ela tinha dormido por quatro dias.

Quando ela alcançou a porta da frente, ela se encolheu da luz do dia do lado de fora. Machucava.

Mesmo o céu estando tão nublado que chuva ou a neve pareciam iminentes, machucava os olhos dela. Ela teve que se forçar a deixar a segurança da casa, e então ela sentiu uma paranóia torturante sobre ficar exposta do lado de fora. Ela escapou ao lado de cercas, ficando próxima a árvores, pronta para derreter nas sombras. Ela própria se sentia como uma sombra – ou um fantasma, com o longo vestido branco de Honoria Fell. Ela deixaria qualquer um que a visse de cabelos em pé.

Mas toda sua circunspecção pareceu um desperdício. Não havia ninguém nas ruas para vê-la; a cidade podia ter sido abandonada. Ela passou por casas aparentemente desertas, jardins abandonados, lojas fechadas. Logo em seguida ela viu carros estacionados alinhando a rua, mas eles estavam vazios, também.

E então ela viu uma forma contra o céu que a fez parar de andar. Um campanário, branco contra as pesadas nuvens escuras. As pernas de Elena tremeram enquanto ela se forçou a deslizar para mais perto do edifício. Ela conhecera essa Igreja por toda a sua vida; ela tinha visto a cruz gravada naquela parede mil vezes. Mas agora que ela se aproximava dela era como se um animal preso fosse se soltar e mordê-la. Ela pressionou uma mão na parede de pedra e escorregou-a para cada vez mais perto do símbolo entalhado. Quando seus dedos esticados tocaram o braço da cruz, seus olhos se encheram e sua garganta doeu. Ela deixou sua mão deslizar por ela até que cobriu gentilmente a gravação. Então ela se inclinou contra a parede e deixou as lágrimas saírem. Eu não sou malvada,

ela pensou. Eu fiz coisas que não devia. Eu pensei muito em mim mesma; eu nunca agradeci Matt e Bonnie e Meredith por tudo que fizeram por mim. Eu devia ter brincado mais com Margaret e ter sido mais boazinha com a tia Judith. Mas eu não sou malvada. Eu não sou amaldiçoada.

Quando ela conseguiu enxergar novamente, ela olhou para cima para o edifício. O Sr. Newcastle tinha dito algo sobre a Igreja. Era essa a qual ele se referia?

Ela evitou a frente da Igreja e a entrada principal. Havia uma porta lateral que levava ao trifório, e ela deslizou pelas escadas sem fazer barulho e olhou para baixo da galeria. Ela viu de uma só vez porque as ruas tinham estado tão vazias. Parecia que todos em Fell's Church estavam aqui, cada assento em cada banco da igreja preenchido, e os fundos da Igreja lotado completamente com pessoas de pé. Encarando as fileiras da frente, Elena percebeu que ela reconhecia cada rosto; eles eram membros da turma dos veteranos, e os vizinhos, e amigos da tia Judith. Tia Judith estava lá, também, usando o vestido preto que ela tinha usado no funeral dos pais de Elena.

Ai, meu Deus, Elena pensou. Seus dedos agarraram o corrimão. Até agora ela estivera ocupada demais olhando para escutar, mas a monotonia silenciosa da voz do Reverendo Bethea solveu-se repentinamente em palavras.

"… partilhas nossas lembranças dessa garota muito especial," ele disse, e moveu-se para o lado.

Elena observou o que aconteceu depois com uma sensação sobrenatural de que ela tinha um assento de camarote na peça. Ela não estava de maneira alguma envolvida nos eventos lá embaixo no palco; ela era somente uma espectadora, mas era a vida *dela* que ela estava assistindo.

O Sr. Carson, pai de Sue Carson, subiu e falou sobre ela. Os Carsons a conheciam desde que ela nascera, e ele contava sobre os dias que ela e Sue tinham brincado no jardim da frente deles no verão. Ele contava sobre a jovem linda e realizada que ela tinha se tornado. Ele ficou com um caroço em sua garganta e teve que parar e tirar seus óculos. Sue Carson subiu. Ela e Elena não eram amigas próximas desde o ensino fundamental, mas elas ainda se davam bem.

Sue tinha sido uma das poucas garotas que ficara do lado de Elena depois que Stefan ficara sob suspeita no assassinato do Sr. Tanner. Mas agora Sue estava

chorando como se tivesse perdido uma irmã.

“Muitas pessoas não foram legais com a Elena depois do Dia das Bruxas,” ela disse, limpando seus olhos e continuando. “E eu sei que isso a magoou. Mas Elena era *forte*. Ela nunca mudava só para satisfazer o que as outras pessoas achavam que ela deveria ser. E

eu a respeito por isso, tanto...” a voz de Sue hesitou. “Quando eu estava concorrendo a Rainha das Boas-Vindas, eu queria ser escolhida, mas eu sabia que não seria e estava tudo bem. Porque se a Robert E. Lee já teve uma rainha, foi Elena. E eu acho que ela sempre será agora, porque é assim que iremos lembrar dela. E eu acho que nos próximos anos as garotas que forem para nossa escola talvez se lembrarão dela e pensarão sobre como ela manteve-se fiel àquilo que achava que era certo...” Dessa vez Sue não conseguiu nivelar sua voz e o reverendo levou-a de volta para seu assento.

As garotas na turma dos veteranos, mesmo aqueles que tinham sido as mais indecentes e vingativas, estavam chorando e dando as mãos.

Garotas que Elena sabia com certeza que a odiavam estavam fungando. De repente ela era a melhor amiga de todo mundo.

Havia garotos chorando, também. Chocada, Elena contraiu-se para mais perto do corrimão. Ela não conseguia parar de assistir, mesmo sendo a coisa mais horrível que ela já tenha visto.

Frances Decatur levantou, seu rosto comum mais comum do que nunca com o luto. “Ela saiu do seu caminho para ser legal comigo,” ela disse roucamente. “Ela me deixou almoçar com ela.”

Tolice, Elena pensou. Eu só falei com você em primeiro lugar porque você era útil em achar informação sobre o Stefan. Mas era o mesmo com cada pessoa que subiu no púlpito; ninguém conseguia achar palavras o suficiente para enaltecer Elena.

“Eu sempre a admirei…”

“Ela era um ídolo para mim...”

“Uma das minhas estudantes favoritas...”

Quando Meredith se levantou, o corpo todo de Elena endureceu. Ela não sabia se conseguia lidar com isso. Mas a garota de cabelo escuro era uma das poucas pessoas na Igreja que não estava chorando, apesar de seu rosto ter um olhar sério e triste que lembrava Elena de Honoria Fell como ela parecia em sua tumba.

“Quando eu penso na Elena, eu penso nos bons tempos que tivemos juntas,” ela disse, falando silenciosamente e com seu costumeiro auto-controle.

“Elena sempre tinha ideias, e ela conseguia transformar o trabalho mais chato em uma diversão. Eu nunca disse isso a ela, e agora eu queria ter dito. Eu queria falar com ela mais uma vez, só para que ela soubesse. E se Elena pudesse me ouvir agora”–Meredith olhou ao redor da Igreja e tomou um longo fôlego, aparentemente para se acalmar–“se ela pudesse me ouvir agora, eu diria a ela o quanto esses bons tempos significaram para mim, e o quanto eu desejo que ainda os pudessemos ter. Como as noites de quinta em que costumávamos sentar juntas no quarto dela, praticando pro grupo de debate. Eu queria que pudéssemos fazer isso só mais uma vez como costumávamos.”

Meredith tomou outro longo fôlego e balançou sua cabeça. “Mas eu não posso, e isso que machuca.”

Do que você está falando? Elena pensou, seu infortúnio interrompido pelo estupefamento. Nós costumávamos praticar para o grupo de debate nas noites de *quarta*, não quinta. E não era no meu quarto; era no seu. E não era divertido coisa algum; de fato, nós acabamos desistindo porque ambas odiávamos aquilo...

De repente, observando o rosto cuidadosamente composto de Meredith, tão calmo do lado de fora para cobrir a tensão dentro, Elena sentiu seu coração começar a golpear. Meredith estava mandando uma mensagem, uma mensagem que só Elena seria capaz de entender.

O que queria dizer que Meredith esperava que Elena fosse capaz de ouví-la. Meredith sabia.

Stefan tinha contado a ela? Elena escaneou as fileiras abaixo de pessoas em luto, percebendo pela primeira vez que Stefan não estava entre elas. Nem Matt. Não, não parecia provável que Stefan tivesse contado a Meredith, ou que Meredith tivesse escolhido esse jeito de fazer uma mensagem chegar a ela se ele tivesse. Então Elena se lembrou do jeito que Meredith olhara para ela na noite que elas resgataram Stefan do poço, quando Elena pediu para ser deixado sozinha com

Stefan.

Ela lembrava-se daqueles afiados olhos escuros estudando seu rosto mais de uma vez nos últimos meses, e do jeito como Meredith parecia ficar mais silenciosa e pensativa cada vez que Elena aparecia com um pedido estranho.

Meredith tinha adivinhado então. Elena se perguntava quanto da verdade ela tinha juntado.

Bonnie estava subindo agora, chorando sinceramente. Isso era surpreendente; se Meredith sabia, por que ela não tinha contado a Bonnie? Mas talvez Meredith tivesse apenas uma suspeita, algo que ela não queria dividir com Bonnie no caso de ser apenas uma esperança falsa.

O discurso de Bonnie foi tão emocional quanto o de Meredith tinha sido controlado. Sua voz ficava falhando e ela ficava tendo que afastar as lágrimas de suas bochechas. Finalmente o Reverendo Bethea foi até lá e deu-lhe algo branco, um lenço ou algum lencinho de papel.

“Obrigada,” Bonnie disse, limpando seus olhos jorrantes. Ela inclinou sua cabeça para trás para olhar para o teto, ou para reganhar seu equilíbrio ou para pegar inspiração. Quando ela o fez, Elena viu algo que ninguém conseguiu ver: ela viu o rosto de Bonnie se esvair de cor e expressão, não como alguém prestes a desmaiar, mas de um jeito que era familiar demais.

Um arrepio passou pela espinha de Elena. Não aqui. Ah, Deus, de todas as horas e lugares, não aqui.

Mas já estava acontecendo. O queixo de Bonnie se abaixou; ela estava olhando para a congregação novamente. Exceto que dessa vez ela não parecia vê-los de modo algum, e a voz que vinha da garganta de Bonnie não era a voz de Bonnie.

“Ninguém é o que aparenta. Lembrem-se disso. *Ninguém é o que aparenta.”* Então ela simplesmente ficou ali, sem se mover, encarando diretamente para frente com olhos vazios.

As pessoas começaram a se mover e olharem uma para outra. Houve um murmúrio de preocupação.

“Lembrem-se disso – lembrem-se – ninguém é o que aparentam…” Bonnie

oscilou repentinamente, e o Reverendo Bethea correu para ela enquanto outro homem precipitava-se do outro lado.

O segundo homem tinha uma careca que estava agora brilhando de suor – o Sr. Newcastle, Elena percebeu.E lá nos fundos da Igreja, caminhando pela nave, estava Alaric Saltzman. Ele alcançou Bonnie justo quando ela desmaiou, e Elena ouviu um passo atrás dela na escada.

Capitulo 5

“O doutor Feinberg”, pensou Elena frenética, tentando se retorcer para olhar e se afundar simultaneamente nas sombras. Mas não foi o rosto pequeno e o nariz de gavião do doutor que apareceu ante seus olhos. O tempo ser suspendeu por um momento e logo depois Elena estava em seus braços.

-Ah, Stefan, Stefan...

Sentiu como o corpo dele ficava rígido pelo sobressalto e como a sujeitava mecanicamente, ligeiramente, como se fosse uma desconhecida que o havia confundido com outra pessoa.

-Stefan – repetiu ela desesperada, afundando o rosto em seu ombro enquanto tentava conseguir alguma reação.

Não podia suportar que ele a rejeitava; se ele a odiava agora, ela morreria... Com um gemido, tentou estar ainda mais abraçada a ele, desejou fundir-se por completo nele, desaparecer em seu interior. “Ah, por favor”, pensou, “ah, por favor, ah, por favor...

-Elena, está tudo bem. Estou com você.

Continuou falando, repetindo bobagens carinhosas pensadas para tranqüiliza-la, de vez em quando acariciava seus cabelos. E ela pôde perceber a mudança quando os braços dele se estreitaram com mais força. Ele sabia quem abraçava naquele momento. Pela primeira vez, desde que acordara nesse dia, Elena se sentia a salvo. Não obstante, transcorreu um bom tempo antes que pudesse relaxar as mãos que o sujeitavam, ainda que só ligeiramente. Não chorava; expressava pressa e pânico.

Por fim, sentiu que o mundo começava a consolidar-se a seu redor. Não se

soltou, ainda não. Simplesmente permaneceu ali durante um sem-fim de minutos com a cabeça sobre seu ombro, absorvendo o consolo e a segurança de sua proximidade. Logo levantou a cabeça para olha-lo nos olhos.

Ao pensar em Stefan nas primeiras horas daquele dia, pensara em como ele podia ajudala. Sua intenção fora de lhe perguntar, lhe suplicar que a salvasse daquele pesadelo, que fosse com era antes. Mas, naquele momento, enquanto a olhava, sentiu que uma estranha resignação desesperançosa fluía por ela.

-Não há nada que possa fazer, não é? – inquiriu com a voz muito pausada. Ele não fingiu ignorar o que queria dizer.

-Não – respondeu com a voz igualmente pausada.

Elena sentiu como se tivesse dado um passo definitivo para o outro lado de uma linha invisível e não tivesse como voltar. Quando pôde voltar a falar, disse:

-Lamento o modo como agi com você no bosque. Não sei porque fiz essas coisas. Lembro de tê-las feito, mas não consigo lembrar por que.

-Do que você lamenta? – a voz dele tremia. – Elena, depois de tudo que fiz a você, de tudo que aconteceu devido a mim... – Não pôde terminar e abraçaram um ao outro.

-Muito comovente – disse uma voz das escadas. – Quer que eu imite um violino?

A calma de Elena se desfez e o medo serpenteou pela sua corrente sangüínea. Esquecera a hipnótica intensidade de Damon e seus ardentes olhos negros.

-Como chegou aqui? – inquiriu Stefan.

-Do mesmo modo que você, suponho. Atraído pelo chamativo sinal de aflição de Elena. Damon estava realmente irritado; Elena se deu conta disso. Não simplesmente irritado ou incomodado, mas sim, cólera e hostilidade em vermelho vivo.

Mas fora gentil com ela quando se mostrara confusa e irracional. Levara a um lugar onde ficasse; a manteve a salvo. E não a havia beijado enquanto ela se encontrava naquele horripilante estado de vulnerabilidade. Fora... amável com ela.

-Com certeza, algo acontece aí embaixo – comentou Damon.

-Eu sei; é Bonnie outra vez – disse Elena, soltando-se de Stefan e retrocedendo.

-Não me refiro a isso, e sim, a o que ocorre lá fora.

Sobressaltada, Elena o seguiu escada abaixo até o ultimo degrau, onde havia uma janela que dava para o estacionamento. Sentiu Stefan atrás dela enquanto olhava para baixo, para a cena que se desenrolava a seus pés.

Um monte de gente saíra da igreja e formava uma sólida falange no extremo do estacionamento, sem avançar mais. Em frente a eles, no estacionamento mesmo, havia uma reunião igualmente grande de cachorros.

Pareciam dois exércitos cara a cara. Não obstante, o que resultava inquietante era que ambos os grupos estavam totalmente imóveis. As pessoas pareciam paralisadas e os cachorros pareciam aguardar alguma coisa.

Elena viu os cachorros primeiro como diferentes rosnados. Havia cachorros pequenos como corgis de cara afinada, terriers de sedoso pelo castanho e negro e um lhasa apso com um longo cabelo dourado. Havia cachorros de tamanho médio como springer spaniels e aireadles e um lindo samoyedo branco como a neve. E havia cachorros grandes: um rottweiler fornido com o pelo cortado, um wolfhound cinza que latia e um schnauzer gigante, totalmente preto. Logo depois começou a reconhece-los individualmente.

-Aquele é o boxer do sr. Grunbaum e ali está o pastor alemão dos Sullivan. Mas, o que está acontecendo?

As pessoas, a princípio inquietas, pareciam agora assustadas. Se mantinham ombro a ombro, sem que ninguém quisesse abandonar a primeira linha e se aproximar mais dos animais.

Entretanto, os cachorros na realidade não faziam nada, simplesmente estavam sentados ou de pé, alguns com a língua pendurada em um leve balanceio. “O mais estranho era o quão imóveis estavam”, se disse Elena. Cada menor movimento, com a mais imperceptível crispação do rabo ou das orelhas, parecia enormemente exagerado. E não se viam rabos em movimento nem sinais amistosos. Simplesmente... esperavam.

Robert estava mais ou menos na parte posterior do grupo de pessoas. Elena se surpreendeu em vê-lo, mas por um momento não entendeu o motivo. Logo compreendeu que era devido a ele não ter estado na igreja. Enquanto ela observava, ele se afastou mais do grupo e desapareceu abaixo do parapeito situado por baixo de onde Elena estava.

-Chelsea! Chelsea...

Alguém havia abandonado a primeira fila por fim. Era Douglas Carson, notou Elena, o irmão mais velho, casado, de Sue Carson. Havia penetrado na terra de ninguém situada entre os cachorros e as pessoas, com uma mão ligeiramente extendida... Um springer spaniel de orelhas longas que pareciam de cetim marrom virou a cabeça. O

branco toco que era o rabo se estremeceu levemente, inquisitivo, e o toquinho castanho e branco se levantou. Mas a cadela não se aproximou do jovem.

Doug Carson deu outro passo.

-Chelsea... boa garota. Vem aqui, Chelsea. Vem! – estalou os dedos.

-Você entende os cachorros aí embaixo? – murmurou Damon.

Stefan moveu negativamente a cabeça sem tirar os olhos da janela.

-Nada – disse em tom sucinto.

-Tampouco eu – os olhos de Damon estavam entrecerrados, a cabeça ladeada para trás, evasiva, ainda que os dentes levemente descobertos faziam Elena se lembrar dos do wolfhound. – Mas poderíamos fazer isso, você sabe. Deveriam ter algumas emoções para captar. Em vez disso, cada vez que tento sonda-los é como se chocar em uma parede branca sobre branco.

Elena queria saber do que falavam.

-O que quer dizer com “sonda-los”? – perguntou. – São animais.

-As aparências enganam – revidou Damon em tom irônico e Elena nos reflexos em forma de arco-íris nas penas do corvo que a havia seguido desde o primeiro dia de escola. Se olhasse com atenção, podia ver aqueles mesmos reflexos de

arco-íris no sedoso cabelo de Damon. - Mas animais tem emoções, em todo o caso. Se seus poderes são o bastante fortes, pode examinar suas mentes.

“E os meus não são”, pensou Elena. A sobressaltou a pontada de inveja que a percorreu. Apenas uns poucos minutos antes estava abraçada a Stefan, desejando freneticamente se desfazer de qualquer tipo de poderes que tivesse, desejando voltar a ser como antes. E

agora desejava que fosse mais potente. Damon sempre tinha um efeito sobre ela.

-Eu posso não se capaz de sondar Chelsea, mas não acho que Doug deva se aproximar mais – disse em voz alta.

Stefan havia estado olhando fixamente a janela, com o cenho franzido, e agora assentiu levemente, mas com uma repentina sensação de urgência.

-Eu também – disse.

-Vamos, Chelsea, seja uma boa garota. Venha aqui.

Doug Carson alcançara a primeira fila de cachorros. Todos os olhos, humanos e caninos, estavam fixos nele, e inclusive movimentos tão pequenos quanto pequenos tremores haviam parado. Se Elena não tivesse visto os lados de um ou dois cachorros que se afundavam e inchavam ao respirar, podia ter pensado que todo o grupo era uma exibição gigante de um museu.

Doug se deteve. Chelsea o observava de trás do corgi e do samoyedo. Doug estalou a língua. Esticou a mão, vacilou, e então a esticou mais.

-Não – disse Elena.

A garota contemplava fixamente a silhueta lustrosa do rottweiler. Se afundavam e inchavam, se afundavam e inchavam.

-Stefan, o influencie. Tire-o dali.

-Sim.

Viu como sua olhada se desfocava devido a concentração. Logo, Stefan sacudiu negativamente a cabeça, exalando como alguém que tentou levantar algo muito

pesado.

-Não consigo; estou esgotado. Não posso fazer daqui.

Abaixo, os lábios de Chelsea se afastaram para trás para mostrar os dentes. A aireadle vermelha e dourada se pôs em pé em um movimento de suma elegância, como se fios fossem tirados dela. Os quadris traseiros do rottweiler se contraíram. E então saltaram. Elena não viu qual dos cachorros foi o primeiro; pareceram se mover juntos como uma enorme onda. Meia dúzia deles caíram sobre Doug Carson com força o suficiente para derruba-lo de costas, e este desapareceu embaixo dos seus corpos amontoados.

O ar se encheu de um ruído infernal, desde latidos metálicos que pareciam tremer as vigas da igreja e produziram a Elena uma dor de cabeça instantânea até os guturais grunhidos seguidos que ela sentiu mais do que escutou. Os cachorros arrancavam a roupa, grunhiam, se balançavam, enquanto a multidão se empertigava e gritava. Elena pôde ver Alaric Saltzman no extremo do estacionamento, o único ali que não corria. Estava de pé muito rígido e parecia que movia os lábios e as mãos. Em todos os outros lugares era caos. Alguém havia conseguido uma mangueira e a dirigia contra o grupo mais maciço, mas não causava nenhum efeito. Os cachorros pareciam ter enlouquecido. Quando Chelsea levantou o focinho castanho e branco do corpo de seu dono, estava vermelho.

O coração de Elena batia de tal modo que a garota só podia respirar.

-Precisam de ajuda! – gritou justo quando Stefan se afastava violentamente da janela e ia escada abaixo, abaixando-as de duas em duas e três em três.

Elena havia descido metade da escada quando ela percebeu duas coisas: Damon não a seguia e ela não podia se deixar ser vista.

A verdade era que não podia. A histeria que provocaria, as perguntas, o medo e o ódio uma vez que respondesse as perguntas... Algo que acontecia mais profundamente que a compaixão, a lástima ou a necessidade de ajudar a atirou para trás, arrastando-se contra a parede.

No pouco iluminado e fresco interior da igreja distinguiu uma bolsa efervescente de atividade. As pessoas corriam a toda velocidade de um lado para o outro, gritando. O dr. Feinberg, o sr. McCullough, o reverendo Bethea. O ponto imóvel

do grupo era Bonnie, tombada sob um banco e com Meredith, tia Judith e a sra. McCullough inclinadas sobre ela. “Algo maligno”, gemia, e então a cabeça de tia Judith se levantou, virando em direção a Elena.

Elena escapou escada acima tão rápido como pôde, rezando para que sua tia a tivesse visto. Damon estava junto a janela.

-Não posso descer. Acham que eu estou morta!

-Oh, você se lembrou disso. Bom para você.

-Se o dr. Feinberg me examinar, saberá que algo não vai bem. Bom, saberá? – exigiu com ferocidade.

-Pensará que é um espécime interessante, acredito.

-Então não posso ir. Mas você pode. Por que não faz alguma coisa?

Damon seguiu olhando pela janela e suas sobrancelhas levantaram.

-Por que?

-Como por que? – a grande preocupação e a excitação de Elena alcançaram o ponto máximo e quase o esbofeteou. – Porque precisam de ajuda! Porque você pode ajudar. Não se importa com ninguém além de si mesmo?

Damon luzia sua máscara mais indestrutível, a expressão de educada inquisição que havia mostrado quando se convidou para jantar na casa de Elena. Mas ela sabia que debaixo daquela máscara estava furioso, furioso por ter encontrado Stefan e ela juntos. A atormentava de propósito e com selvagem divertimento.

E ela não podia evitar reacionar daquele modo, com uma cólera frustrada e impotente. Foi até ele, e ele a segurou pelos pulsos e a manteve a distância, seus olhos entediados nela. A sobressaltou ouvir o som que surgiu de seus próprios lábios então; era um chiado que parecia mais felino que humano. Reparou que tinha os dedos curvados como garras.

“O que estou fazendo? Ataca-lo porque não quer defender as pessoas dos cachorros que os estão atacando? Que sentido tem isso?”. Respirando com dificuldade, relaxou as mãos e umedeceu os lábios. Retrocedeu e ela a soltou.

Houve um longo momento enquanto olhavam um para o outro.

-Vou descer – anunciou Elena em voz pausada e se virou.

-Não.

-Precisam de ajuda.

-Tudo bem, então, maldita seja. – Jamais havia ouvido a voz de Damon soar tão pausada e furiosa. – Eu... – interrompeu e Elena, virando-se rapidamente, o viu estalar um punho contra o parapeito da janela, fazendo o vidro vibrar.

Mas a atenção de Damon estava lá fora e sua voz estava perfeitamente serena quando disse em tom seco:

-A ajuda chegou.

Eram os bombeiros. Suas mangueiras eram muito mais potentes que a mangueira do jardim e os jorros de água, a pressão empurrou os cachorros para trás com sua terrível potencia. Elena viu um xerife com uma arma e se mordeu o interior da bochecha quando ela apontou e ajustou a mira. Se escutou um estalido e o schnauzer gigante caiu abatido. O xerife voltou a apontar.

Finalizou rapidamente depois disso. Vários cachorros já corriam, fugindo dos jorros d'água, e com o segundo estampido da pistola, muitos mais abandonaram o ataque e iam até os extremos do estacionamento. Era como se o propósito que os havia guiado os tivesse soltado todos de uma vez. Elena sentiu uma onda de alivio ao ver Stefan de pé, ileso, no meio da debandada, empurrando um golden retriever de aspecto atordoado longe da figura de Doug Carson. Chelsea deu um passo na ponta das patas até a figura de seu dono e olhou o rosto deixando cair a cabeça e o rabo.

-Tudo terminou – anunciou Damon.

Soou só levemente interessado, mas Elena o viu com vivacidade. "Tudo bem, então, maldita seja. Eu... o que?" O que tinha estado a ponto de dizer. Ele não estava com humor para dizer, mas ela sim estava com humor para insistir.

-Damon... – pousou uma mão sobre seu braço.

Ele ficou rígido, então se virou para ela.

-Bem?

Por um momento permaneceram olhando um para o outro e então escutaram passos na escada. Stefan tinha voltado.

-Stefan... está ferido? – disse ela tagarelando, repetinamente, desorientada.

-Estou perfeito – limpou o sangue da bochecha com uma manga esfarrapada.

-Como está Doug? – perguntou Elena tragando saliva.

-Não sei. Está ferido. Tem muita gente ferida. Essa foi a coisa mais estranha que eu já vi. Elena se afastou de Damon e subiu a escada para entrar na galeria de coro. Sentia que devia pensar, mas sua cabeça martelava. A coisa mais estranha que Stefan já vira..., isso era dizer muito. Algo estranho ocorria em Fell's Church.

Alcançou a parede atrás da última fileira de assentos e pousou a mão sobre ela, se deixando cair até estar sentada no chão. As coisas pareciam cada vez confusas e aterradoramente claras. Algo estranho ocorria em Fell's Church. No dia da festa do fundador havia jurado que não se importava nada da cidade ou das pessoas que viviam ali. Enquanto abaixava a vista para contemplar o funeral, havia começado a pensar que talvez se importasse. E logo, quando os cachorros o haviam atacado lá fora, ela sabia. Se sentia de algum modo responsável pela cidade, de um modo como nunca se sentira. Seu anterior sentimento de desconsolo e solidão haviam ficado de lado por um tempo. Agora havia algo mais importante que seus próprios problemas. E se agarrou a aquilo, porque a verdade era que na realidade era incapaz de lidar com sua própria situação. Não, realmente, realmente não podia...

Ouviu o meio soluço sufocado que emitiu e ao levantar os olhos viu Stefan e Damon na galeria do coro, olhando-a. Sacudiu ligeiramente a cabeça, apoiando uma mão contra ela, sentindo como se saísse de um sonho.

-Elena...?

Foi Stefan que falou, mas Elena se dirigiu ao outro irmão.

-Damon – disse com a voz insegura -, se perguntasse a você uma coisa, me diria a verdade? Sei que não foi você que me perseguiu até a ponte Wickery. Pude perceber o que fosse que era, e era diferente. Mas quero perguntar isso: foi você quem jogou Stefan em um poço de Franchet há um mês?

-Em um poço?

Damon se encostou contra a parede oposta, com os braços cruzados sobre o peito; parecia educadamente incrédulo.

-Na noite do Halloween, na noite que mataram o sr. Tanner. Depois que apareceu pela primeira vez para Stefan no bosque. Me disse que deixou você na clareira e começou a andar até o carro, mas que alguém o atacou antes de que o alcançasse. Quando acordou, estava preso em um poço, e tinha morrido se não fosse Bonnie que nos levasse até ele. Sempre assumi que foi você que o atacou. Ele sempre assumiu que foi você o fez. Mas, foi você?

O lábio de Damon se curvou, como se não gostasse da exigente intensidade da pergunta. Passou os olhos dela para Stefan com olhos entrecerrados e brincalhões. O momento se prolongou até o ponto que Elena teve que cravar as unhas nas palmas das mãos pela tensão. Então Damon se encolheu levemente de ombros e olhou a um ponto indeterminado situado mais além.

-A verdade é que não – respondeu.

Elena soltou o ar que havia retido.

-Não pode acreditar nisso! – estalou Stefan. – Não pode acreditar em nada que ele diga.

-Por que teria que mentir? – replicou Damon, desfrutando, ao ver que Stefan perdia o controle. – Admito sem arrependimento ter matado Tanner. Bebi seu sangue até que se enrugou como uma uva passa. E não me importaria de fazer o mesmo contigo, irmão. Mas, um poço? Não é precisamente meu estilo.

-Acredito em você – disse Elena.

Sua mente pensava freneticamente. Virou a cabeça para Stefan.

-Não percebe? Há algo mais aqui, em Fell’s Church, algo que não podia ser

sequer humano... que possa nunca ter sido humano, quero dizer. Algo que me caçou, que empurrou o carro fora da ponte. Algo que fez que esses cachorros atacassem pessoas. Alguma força terrível que há aqui, algo maligno... – sua voz se apagou, e olhou mais além, até o interior da igreja que havia visto Bonnie deitada. – Algo maligno... – repetiu em voz baixa.

Um vento frio pareceu soprar dentro dela e se encolheu contra si mesma, sentindo-se vulnerável e só.

-Se procura maldade – indicou Stefan com a voz dura - não precisa procurar muito longe.

-Não seja mais estúpido do que não pode evitar ser – disse Damon. – Disse a você há

quatro dias que outra pessoa havia matado Elena. E disse que ia encontra-lo e dar conta dele. E vou faze-lo. – Descruzou os braços e se ergueu. – Vocês dois podem continuar a conversa em particular que tinham quando os interrompi.

-Damon, espera.

Elena não pôde evitar o calafrio que a percorreu quando ele disse “matado”. “Não podem ter me matado; ainda estou aqui”, pensou, sentindo que o pânico voltava a crescer em seu interior. Mas nesse momento afastou o pânico para um lado para falar com Damon.

-O que seja essa coisa, é forte – disse ela. – O senti quando ia atrás de mim e parecia encher todo o céu. Não acredito que nenhum de nós tenha a menor possibilidade contra ela só.

-E então?

-E então... – Elena não teve tempo de ordenar seus pensamentos até aquele ponto; se movia puramente por instinto, por intuição. E a intuição lhe dizia que não deixasse Damon ir. – E então... que acredito que nós três deveríamos permanecer juntos. Acredito que temos maiores probabilidade de encontra-lo e dar conta dela juntos do que separados. E

talvez possamos detê-la antes que machuque... ou mate... alguém mais.

-Francamente, minha querida, não me importa nem um pouco as outras pessoas –

respondeu Damon em tom encantador; depois lhe dedicou seus gélidos sorrisos relâmpagos. – Mas, está sugerindo que essa é sua escolha? Lembre-se, nós concordamos que quando você estivesse mais racional você escolheria um.

Elena o olhou com firmeza. Era claro que essa não era sua escolha, se ele dizia no ponto de vista romântico. Luzia o anel que Stefan lhe dera; ela e Stefan pertenciam um ao outro. Mas então lembrou de algo mais; foi só algo fugaz: levantar os olhos até Damon no bosque e sentir tal... tal excitação, tal afinidade com ele. Como se ele compreendesse a chama que ardia em seu interior como ninguém mais. Como se juntos pudessem fazer qualquer coisa que quisessem, conquistar o mundo ou destruí-lo; como se fossem melhores do que todos que já viveram antes.

“Estava irracional”, se disse, mas aquela pequena lembrança fugaz não queria desaparecer.

E depois lembrou de algo mais: o modo como Damon fora mais tarde aquela noite, como a havia mantido a salvo e inclusive tinha sido amável com ela. Stefan a olhava e sua expressão mudara de belicosidade para amarga cólera e medo. Uma parte dela queria tranqüiliza-lo por completo, rodeá-lo com os braços e dizer que era sua e sempre seria e que nada mais importava. Nem a cidade, nem Damon, nem ninguém. Mas não faria. Porque outra parte de seu ser que a cidade importava. E porque outra parte mais estava simplesmente confusa de um modo terrível, terrível. Tão confusa... Sentiu que um terrível tremor se iniciava no mais profundo de seu ser e logo descobriu que não podia detê-lo. “Uma sobrecarga emocional”, se disse, e afundou a cabeça entre as mãos.

Capítulo 6

“Ela já fez sua escolha. Você mesmo viu quando nos ‘interrompeu’. Você já escolheu, não foi, Elena?” Stefan não disse isso presunçosamente, ou demandando, mas com um tipo de bravata desesperada.

“Eu...” Elena olhou para cima. “Stefan, eu te amo. Mas você não entende, se eu tivesse que escolher nesse instante eu escolheria que todos nós ficássemos juntos. Só por ora. Você *entende*?” Vendo apenas dureza no rosto de Stefan, ela se virou para Damon. “Você

entende?”

“Eu acho que sim.” Ele lhe lançou um sorriso secreto e possessivo. “Eu disse a Stefan desde o começo de que ele era egoísta ao não compartilhar você. Irmãos deveriam dividir coisas, sabe.”

“Não foi isso o que eu quis dizer.”

“Não foi?” Damon sorriu novamente.

“Não,” Stefan disse. “Eu não entendo, e eu não vejo como você pode me pedir para trabalhar com *ele*.

Ele é malvado, Elena. Ele mata por prazer; ele não tem consciência alguma. Ele não liga para Fell’s Church; ele mesmo disse isso. Ele é um monstro–”

“Nesse momento ele está sendo mais cooperativo que você,” Elena disse. Ela esticou a mão para pegar a de Stefan, procurando por algum modo chegar até ele. “Stefan, eu *preciso* de você. E ambos precisamos dele. Não pode tentar aceitar isso?” Quando ele não respondeu ela acrescentou, “Stefan, você realmente quer ser inimigo mortal do seu irmão para sempre?”

“Você realmente acha que *ele* quer outra coisa?”

Elena encarou suas mãos entrelaçadas, olhando para as superfícies e curvas e sombras. Ela não respondeu por um minuto, e quando o fez foi muito silenciosamente.

“Ele me impediu de te matar,” ela disse.

Ela sentiu a explosão da raiva defensiva de Stefan, então sentiu-a lentamente se dissipar. Algo parecido com derrota arrastou-se sobre ele, e ele curvou sua cabeça.

“Isso é verdade,” ele disse. “E, de qualquer jeito, quem sou eu para chamá-lo de malvado?

O que ele fez que eu próprio não fiz?”

Nós precisamos conversar, Elena pensou, odiando essa auto-depreciação dele.

Mas esse não é lugar nem a hora.

“Então você concorda?” ela disse hesitantemente. “Stefan, me diga o que está pensando.”

“Nesse momento estou pensando que você sempre consegue as coisas da sua maneira. Porque você sempre consegue, não é, Elena?”

Elena olhou em seus olhos, notando como as pupilas estavam dilatadas, aparecendo apenas um anel de íris verde na beirada.

Não havia mais raiva ali, mas o cansaço e a amargura permaneciam. Mas eu não estou fazendo isso por mim mesma, ela pensou, enviando de sua mente o surto repentino de insegurança.

Eu te provarei isso, Stefan; você vai ver. Para variar eu não estou fazendo algo para a minha própria conveniência.

“Então você concorda?” ela disse silenciosamente.

“Sim. Eu... concordo.”

“E eu concordo,” disse Damon estendendo sua própria mão com exagerada cortesia. Ele capturou a de Elena antes que ela pudesse dizer alguma coisa. “De fato, todos parecemos estar em um furror de pura concordância.”

Não, Elena pensou, mas no instante, de pé no frio crepúsculo do trifório, ela sentiu que era verdade, que todos os três estavam conectados, e de acordo, e fortes. Então Stefan puxou sua mão. No silêncio que se seguiu, Elena conseguia ouvir os sons do lado de fora e na Igreja abaixo. Ainda havia choro e gritos ocasionais, mas a urgência geral se fora. Olhando pela janela, ela viu pessoas tomando seus caminhos pelo estacionamento molhado entre os grupinhos que se reuniam ao redor das vítimas feridas. dr. Feinberg estava se movendo de ilha para ilha, aparentemente dispensando conselhos médicos. As vítimas pareciam sobreviventes de um furacão ou um terremoto.

“Ninguém é o que aparenta,” Elena disse.

“O quê?”

“Foi isso que Bonnie disse durante o funeral. Ela teve outro de seus episódios. Eu acho que pode ser importante.” Ela tentou organizar seus pensamentos. “Eu acha que há

pessoas na cidade que devemos pesquisar sobre. Como Alaric Saltzman.” Ela disse a eles, brevemente, o que ela tinha escutado mais cedo naquele dia na casa de Alaric. “*Ele* não é

o que aparenta, mas eu não sei exatamente o que ele é. Eu acho que devemos vigiá-lo. E

já que eu obviamente não posso aparecer em público, vocês dois terão que fazê-lo. Mas não podem deixá-lo suspeitar que vocês sabem–” Elena parou quando Damon levantou rapidamente uma mão.

Na base da escada, uma voz estava chamando. "Stefan? Você está aí?”

E então, com outra pessoa, “Eu acho que o vi lá em cima.”

Soava como o Sr. Carson. “Vá,” Elena sibilou quase inadiuvelmente para Stefan, “Você tem que agir o mais normal possível para que possa ficar aqui em Fell's Church. Vai ficar tudo bem.”

“Mas onde *você* vai?”

“Para a casa da Meredith. Eu explico mais tarde. Vá.”

Stefan hesitou, e então desceu as escadas, gritando, “Estou indo.” Então ele recuou. “Eu não vou te deixar com *ele*,” ele disse categoricamente. Elena lançou seus braços para cima com exasperação. “Então saiam ambos. Vocês acabaram de concordar em trabalharem juntos; vão voltar atrás agora?” ela acrescentou para Damon, que estava parecendo inflexível.

Ele deu outra de suas encolhidas de ombro. “Certo. Só uma coisa – está com fome?”

“Eu – não.” Com o estômago revirando, Elena percebeu o que ele estava perguntando.

“Não, nem um pouco.”

“Isso é bom. Mas mais tarde, você estará. Lembre-se disso.” Ele comprimiu Stefan escada abaixo, ganhando um olhar abrasador.

Mas Elena ouviu a voz de Stefan em sua mente enquanto os dois desapareciam. *Eu irei até você mais tarde. Espere por mim.*

Ela desejou poder responder com seus próprios pensamentos. Ela também notou algo. A voz mental de Stefan estava muito mais fraca do que estivera há quatro dias quando ele lutara com seu irmão. Pensando nisso, ele não tinha sido capaz de falar de jeito algum com sua mente antes da celebração do Dia do Fundador. Ela ficara tão confusa quando acordara perto do rio que não havia pensando nisso, mas agora ela se perguntava. O que aconteceu para torná-lo tão forte? E por que sua força estava se esvaindo agora?

Elena teve tempo de pensar nisso enquanto sentava no trifório deserto, enquanto abaixo as pessoas deixavam a Igreja e do lado de fora o céu nublado lentamente ficava mais escuro.

Ela pensou em Stefan, e em Damon, e se perguntou se fizera a escolha certa. Ela jurara nunca deixá-los brigar por sua causa, mas esse juramento já estava quebrado. Ela estava maluca de tentar fazê-los viver numa trégua, mesmo que uma temporária?

Quando o céu estava uniformemente preto, ela aventurou-se escada abaixo. A Igreja estava vazia e ecoando. Ela não tinha pensado em como sairia, mas felizmente a porta lateral estava trancada só no interior. Ela escorregou para a noite agradecidamente. Ela não percebera o quanto era bom estar do lado de fora e no escuro. Estar dentro de prédios a fazia se sentir presa, e a luz do dia machucava seus olhos. Isso era melhor, livre e irrestrita – e invisível. Seus próprios sentidos se regozijavam no mundo exuberante ao redor dela. Com o ar tão parado, fragrâncias pairavam no ar por um tempão, e ela conseguia sentir toda uma pletora de criaturas noturnas. Uma raposa estava catando comida no lixo de alguém. Ratos marrons estavam mastigando algo nos arbustos. Traças noturnas estavam se chamando pelo odor.

Ela descobriu que não era difícil chegar à casa de Meredith sem ser percebida; as pessoas pareciam estar do lado de dentro. Mas assim que ela chegou lá, ela ficou olhando para a casa de fazenda graciosa com a varanda telada com desalento. Ela não podia simplesmente andar até a porta da frente e bater. Meredith estava

realmente esperandoa? Ela não estaria do lado de fora se estivesse?

Meredith estava para tomar um grande choque se *não estivesse*, Elena refletiu, olhando a distância do telhado da varanda. A janela do quarto de Meredith estava acima dele e bem na esquina. Seria um pouquinho fora de alcance, mas Elena achou que conseguiria. Subir no telhado era fácil; seus dedos da mão e do pé acharam apoio entre os tijolos e a mandaram para cima. Mas inclinar-se na esquina para olhar pela janela de Meredith era um esforço. Ela pestanejou contra a luz que fluia.

Meredith estava sentada na beira de sua cama, cotovelos nos joelhos, encarando o nada. De vez em quando ela passava uma mão por seu cabelo escuro. Um relógio na mesa de cabeceira dizia 6:43.

Elena bateu no vidro da janela com suas unhas.

Meredith pulou e olhou para o lado errado, na direção da porta. Ela se levantou em um agachar defensivo, agarrando um travesseirinho com uma mão. Quando a porta não abriu, ela deu um passo ou dois na direção dela, ainda numa postura defensiva. “Quem é?” ela disse.

Elena bateu no vidro novamente.

Meredith girou para encarar a janela, sua respiração rápida.

“Deixe-me entrar,” disse Elena. Ela não sabia se Meredith conseguia ouví-la, então ela expressou claramente.

“Abra a janela.”

Meredith, ofegando, olhou ao redor do quarto como se esperasse que alguém aparecesse e a ajudasse. Quando ninguém apareceu, ela se aproximou da janela como se fosse um animal perigoso. Mas ela não a abriu.

“Deixe-me *entrar*,” disse Elena novamente. Então ela acrescentou impacientemente, “Se você não queria que eu viesse, por que me chamou?”

Ela viu a mudança quando os ombros de Meredith relaxaram ligeiramente. Lentamente, com dedos que estavam extraordinariamente desajeitados, Meredith abriu a janela e recuou.

“Agora me convide a entrar. Caso contrário eu não posso.”

“Pode...” a voz de Meredith falhou e ela teve que tentar novamente. “Pode entrar,” ela disse.

Quando Elena, recuando, tinha se empurrado pelo peitoril e estava flexionando seus dedos com cãimbras, Meredith acrescentou quase perplexamente, “Tem que ser você. Ninguém mais dá ordens desse jeito.”

“Sou eu,” Elena disse. Ela parou de pressionar as cãimbras e olhou nos olhos de sua amiga.

“Realmente sou eu, Meredith,” ela disse.

Meredith concordou e engoliu em seco visivelmente. Naquele momento o que Elena teria mais gostado no mundo era que a outra garota lhe desse um abraço. Mas Meredith não era muito do tipo de abraçar, e nesse momento ela estava recuando lentamente para sentar na cama novamente.

“Sente-se,” ela disse em uma voz artificialmente calma. Elena puxou a cadeira da escrivaninha e sem pensar tomou a mesma posição que Meredith estava antes, cotovelos nos joelhos, cabeça abaixada. Então ela olhou para cima. “Como você sabia?”

“Eu...” Meredith simplesmente encarou-a por um momento, então se sacudiu. “Bem. Você – o seu corpo nunca foi encontrado, é claro. Isso foi estranho. E então aqueles ataques ao velho e Vickie e Tanner – e Stefan e coisinhas que eu juntei sobre ele – mas eu não *sabia*. Não com certeza. Não até agora.” Ela acabou quase em um sussurro.

“Bem, foi um bom chute,” Elena disse. Ela estava tentando se comportar normalmente, mas o que era normal nessa situação? Meredith estava agindo como se ela mal aguentasse olhar para ela. Fez Elena se sentir mais solitária, mais sozinha, do que ela já

conseguiu se lembrar de estar em sua vida.

Uma campainha tocou no andar debaixo. Elena escutou-a, mas ela conseguia afirmar que Meredith não tinha.

“Quem está vindo?” ela disse. “Tem alguém na porta.”

“Eu pedi a Bonnie para que viesse as sete horas, se a mãe dela deixasse. Provavelmente é

ela. Eu irei ver.” Meredith parecia quase indecentemente ávida a sair.

“Espera. *Ela* sabe?”

“Não... Ah, você quer dizer que eu devo dar-lhe as notícias gentilmente.” Meredith olhou novamente ao redor do quarto incertamente, e Elena acendou a lampadazinha de leitura ao lado da cama.

“Desligue a luz do quarto. Machuca os meus olhos de qualquer jeito,” ela disse silenciosamente. Quando Meredith o fez, o quarto ficou turvo o bastante para que ela pudesse se esconder nas sombras.

Esperando por Meredith retornar com Bonnie, ela ficou de pé em um canto, abraçando seus cotovelos com suas mãos.

Talvez fosse uma má ideia envolver Meredith e Bonnie. Se a imperturbável Meredith não conseguia lidar com a situação, o que Bonnie faria?

Meredith anunciou a chegada delas ao murmurar sem parar, “Não grite agora; não grite,”

enquanto Bonnie pela trincheira.

“Qual o seu problema? O que você está fazendo?” Bonnie estava arfando em resposta.

“Me solta. Você sabe o que eu tive que fazer para minha mãe me deixar sair de casa hoje a noite? Ela quer me levar ao hospital em Roanoke.”

Meredith fechou a porta com um chute. “Tudo bem,” ela disse para Bonnie. “Agora você

vai ver algo que irá... bem, vai ser um choque. Mas você não pode gritar, entendeu? Eu te soltarei se você prometer.”

“Está escuro demais para ver algo, e você está me assustando. Qual é o seu *problema*, Meredith? Ah, está bem, eu prometo, mas do que você está falando–”

“Elena,” disse Meredith. Elena tomou isso como um convite e deu um passo a frente. A reação de Bonnie não foi o que ela esperava. Ela franziu a testa e se inclinou para frente, espiando na luz turva. Quando ela viu a figura de Elena, ela arfou. Mas então, enquanto ela encarava o rosto de Elena, ela bateu suas mãos com um grito de alegria.

“Eu sabia! Eu sabia que eles estavam errados! Toma, Meredith – e você e Stefan pensavam que sabiam muito sobre afogamento e tudo mais. Mas eu sabia que vocês estavam errados! Ah, Elena, senti sua falta! Tudo vai ser tão–”

“Fique *quieta*, Bonnie! Fique quieta!” Meredith disse urgentemente. “Eu disse para você

não gritar. Escute, sua idiota, você acha que se Elena realmente estivesse bem ela estaria *aqui* no meio da noite sem ninguém saber sobre isso?”

“Mas ela *está* bem; olhe para ela. Ela de pé ali. É você, não é, Elena?”

Bonnie começou a ir na direção dela, mas Meredith a agarrou antes.

“Sim, sou eu.” Elena teve o estranho pressentimento de que estava vagando em uma comédia surreal, talvez uma escrita por Kafka, só que ela não sabia suas falas. Ela não sabia o que dizer a Bonnie, que parecia entusiasmada.

“Sou eu, mas... eu não estou exatamente bem,” ela disse embaraçadamente, sentando-se novamente.

Meredith cutucou Bonnie para que se sentasse na cama.

“Por que vocês duas estão agindo tão misteriosamente? Ela está aqui, mas ela não está

bem. O que isso quer dizer?”

Elena não sabia se ria ou chorava. “Olha, Bonnie... ah, eu não sei como dizer isso. Bonnie, a sua avó vidente já te falou sobre vampiros?”

Um silêncio caiu, pesado como um machado. Os minutos passaram. Impossivelmente, os olhos de Bonnie se alargaram mais ainda; então, eles deslizaram na direção de Meredith. Houveram muitos mais minutos de silêncio, e então Bonnie inclinou-se em direção a porta.

“Ah, olha, meninas,” ela disse suavemente, “isso está ficando realmente estranho. Quero dizer, realmente, realmente, realmente...”

Elena procurou algo em sua mente. “Pode olhar os meus dentes,” ela disse. Ela retraiu seu lábio superior, cutucando um canino com seu dedo. Ela sentiu o alargamento e a afiadez reflexivos, como a garra de um gato se esticando preguiçosamente. Meredith foi até a frente e olhou e então desviou o olhar rapidamente. “Eu entendo,” ela disse, mas em sua voz não havia nada do antigo prazer irônico com sua própria inteligência. “Bonnie, olha,” ela disse.

Toda a elação, toda a animação tinha sido drenada de Bonnie. Ela parecia como se fosse ficar doente. “Não. Eu não quero.”

“Você tem que. Você tem que acreditar, ou nunca chegaremos a lugar algum.” Meredith agarrou uma Bonnie rígida e resistente. “Abra seus olhos, sua bobinha. É você que ama todas essas coisas sobrenaturais.”

“Eu mudei de *ideia*,” Bonnie disse, quase choramingando. Havia histeria genuína em seu tom. “Deixe me em *paz*, Meredith; eu não *quero* olhar.” Ela se desgarrou com violência.

“Você não precisa,” Elena sussurrou, atordoada. Desalento fluiu para dentro dela, e lágrimas encheram seus olhos. “Essa foi uma má ideia, Meredith. Eu irei embora.”

“*Não*. Ah, não vá.” Bonnie virou-se tão rapidamente como tinha girado para longe e se precipitou aos braços de Elena. “Sinto muito, Elena; Sinto muito. Eu não ligo para o que você é; só estou feliz de você estar de volta. Tem sido horrível sem você.” Ela estava sinceramente soluçando agora.

As lágrimas que não vieram quando Elena estivera com Stefan vieram agora. Ela chorou, segurando Bonnie, sentindo os braços de Meredith ficarem ao redor das duas. Todas estavam chorando – Meredith silenciosamente, Bonnie audivelmente, e a própria Elena com apaixonada intensidade. Ela sentia como se estivesse chorando por tudo que havia acontecido a ela, por tudo que ela tinha

perdido, por toda a solidão e o medo e a dor.

Eventualmente, todas acabaram sentando no chão, joelhos encostados nos joelhos, do jeito que elas ficavam quando eram crianças sentadas no chão numa festa do pijama tramando planos secretos.

“Você é tão corajosa,” Bonnie disse a Elena, soluçando. “Não entendo como consegue ser tão corajosa quanto a isso.”

“Você não sabe como eu estou me sentindo por dentro. Eu não sou corajosa mesmo. Mas eu tenho que lidar com isso de algum jeito, porque eu não sei o que mais fazer.”

“Suas mãos não estão frias.” Meredith apertou os dedos de Elena. “Só meio geladinhas. Eu achei que elas seriam mais frias.”

“As mãos do Stefan não são frias tampouco,” Elena disse, e ela estava pronta para continuar, mas Bonnie gritou: “*Stefan*?”

Meredith e Elena olharam para ela.

“Seja sensata, Bonnie. Você não vira uma vampira sozinha. Alguém tem de transformá-la.”

“Mas você quer dizer que *Stefan*...? Você quer dizer que ele é um...?” A voz de Bonnie se sufocou.

“Eu acho,” disse Meredith, “que talvez essa seja a hora de nos contar a história toda, Elena. Como todos esses pequenos detalhes que você deixou de fora da última vez que te pedimos pela história toda.”

Elena concordou. “Você tem razão. É difícil de explicar, mas eu vou tentar.” Ela tomou um longo fôlego. “Bonnie, você se lembra do primeiro dia de aula? Foi a primeira vez que eu ouvi você fazer uma profecia. Você olhou a minha palma e disse que eu conheceria um garoto, um garoto moreno, um estranho. E que ele não era alto mas que ele *fora* uma vez. Bem” – ela olhou para Bonnie e então para Meredith – “Stefan não é realmente alto. Mas uma vez ele fora... comparado às outras pessoas do século quinze.”

Meredith concordou, mas Bonnie fez um som fraco e oscilou para trás,

parecendo traumatizada. “Você quer dizer–”

“Quero dizer que ele vivia na Itália da Renascença, e as pessoas normais eram mais baixas. Então Stefan parecia mais alto em comparação. E, espera, antes que você desmaie, tem algo que você deve saber. Damon é o irmão dele.”

Meredith concordou novamente. “Eu achei que fosse algo do tipo. Mas então por que Damon estava dizendo que ele é um universitário?”

“Eles não se dão muito bem. Por muito tempo, Stefan nem soube que Damon estava em Fell’s Church.” Elena gaguejou. Ela estava aproximando-se da história privada de Stefan, que ela sempre sentiu que era o segredo que *ele* deveria contar. Mas Meredith estivera certa; era hora de revelar a história toda. “Escute, era assim,” ela disse. “Stefan e Damon estavam apaixonados pela mesma garota lá na Itália da Renascença. Ela era da Alemanha, e seu nome era Katherine. A razão pela qual Stefan estava me evitando noíncio da escola era porque eu o lembrava dela; ela tinha cabelo loiro e olhos azuis, também. Ah, e esse era o anel dela.” Elena soltou a mão de Meredith e mostrou-lhes o anel dourado complexamente esculpido com uma única pedra de lapis lazuli.

“E o negócio era que Katherine era uma vampira. Um cara chamando Klaus tinha transformado-na em sua vila na Alemanha para salvá-la de morrer de sua doença terminal. Stefan e Damon sabiam disso, mas eles não ligavam. Eles pediram-na para ela escolher com quem ela queria casar.” Elena parou e deu um sorriso toro, pensando como o Sr. Tanner estivera certo; a história se repetia mesmo. Ela só esperava que sua história não terminasse como a de Katherine. “Mas ela escolheu *ambos*. Ela trocou sangue com ambos, e ela disse que os três seriam companheiros pela eternidade.”

“Que pervertido,” murmurou Bonnie.

“Que *idiotice*,” disse Meredith.

“Adivinhou,” Elena disse a ela. “Katherine era um doce mas não muito esperta. Stefan e Damon já não se gostavam. Eles disseram a ela que ela *tinha* que escolher, que eles nunca pensariam em dividí-la. E ela saiu correndo chorando. No dia seguinte – bem, eles acharam o corpo dela, ou que sobrara dele. Entenda, um vampiro precisa de um talismã

como esse anel para sair no Sol sem ser morto. E Katherine saiu no Sol e tirou o

seu. Ela pensou que se estivesse fora da jogada, Damon e Stefan se reconciliariam."

"Ai, meu Deus, que ro–"

"Não, *não é*," Elena cortou Bonnie selvagemente. "Não é nem um pouco romântico. Stefan tem vivido com a culpa desde então, e eu acho que Damon tem, também, apesar dele nunca admitir. E o resultado imediato foi que eles pegaram duas espadas e mataram um ao outro. Sim, mataram. É por isso que são vampiros agora, e é por isso que se odeiam tanto. E é por isso que eu estou provavelmente louca tentando fazê-los cooperar agora."

Capitulo 7

-Ajudar em que? – perguntou Meredith.

-Explicarei para vocês mais tarde. Mas primeiro quero saber o que anda acontecendo na cidade desde que... eu fui.

-Bom, histeria, principalmente – respondeu Meredith levantando uma sobrancelha. – Sua tia Judith tem estado bastante mal. Teve uma alucinação em que a via; só que não foi uma alucinação, não é? E ela e Robert podemos dizer que estão mais ou menos separados.

-Eu sei – respondeu Elena em tom sombrio. – Continue.

-Todo mundo na escola está alterado. Quis falar com Stefan, principalmente, quando comecei a suspeitar que você não estava realmente morta, mas não foi a aula. Matt foi, mas algo está acontecendo com ele. Parece um zumbi e não quer falar com ninguém. Quis explicar que havia uma possibilidade de que não tivesse ido para sempre, pensei que isso o animaria. Mas não quis me escutar. Agia de um modo nada típico dele e em um certo momento pensei que ia me pegar. Não quis ouvir nenhuma palavra.

-Ah, meu Deus... Matt.

Algo terrível despertava no mais profundo da mente de Elena, uma recordação muito perturbadora para deixa-la solta. Não podia enfrentar nada mais naquele momento, "não podia", disse a si, e voltou a submergir a lembrança no mais profundo de seu ser. Meredith continuava falando:

-Está claro, porém, que outras pessoas sentem suspeitas a respeito da sua “morte”. Por isso disse o que disse no funeral; temia que se dissesse o autentico dia e lugar, Alaric Saltzman acabaria fazendo uma emboscada fora de casa. Tem estado fazendo todos os tipos de perguntas e era bom que Bonnie não soubesse de nada que pudesse revelar sem querer.

-Isso não é justo – protestou Bonnie. – Alaric simplesmente está interessado, isso é tudo, e quer nos ajudar a superar o trauma, como antes. É um aquariano...

-É um espião – disse Elena -, e talvez mais do que isso. Mas falaremos disso mais tarde. O

que aconteceu com Tyler Smallwood? Não o vi lá.

Meredith se mostrou perplexa.

-Quer dizer que não sabe?

-Não sei de nada; tenho estado dormindo durante quatro dias no sótão.

-Bom... – Meredith se interrompeu nervosamente -, Tyler acaba de voltar do hospital. O

mesmo com Dick Carter e os outros quatro que o acompanhavam no Dia do Fundador . Os atacaram no coberto pré-fabricado naquela tarde e perderam muito sangue.

-Oh.

O mistério do por que os poderes de Stefan estavam muito mais fortes naquela noite estava explicado. E também por que estavam acabando a partir daquele momento. Provavelmente não havia se alimentado desde então.

-Meredith, Stefan é suspeito?

-Bom, o pai de Tyler tentou fazer que fosse, mas a policia não conseguiu que as horas se encaixassem. Sabem aproximadamente a hora que atacaram Tyler, porque tinha que se encontrar com o sr. Smallwood e não apareceu. E Bonnie e eu podemos dar cobertura a Stefan para esse tempo já que tínhamos acabado de deixa-lo no rio com seu corpo. De modo que não poderia ter regressado ao

coberto para atacar Tyler; ao menos um humano normal não poderia. E por enquanto a policia não pensa em nada sobrenatural.

-Entendo – Elena se sentiu aliviada, ao menos nesse sentido.

-Tyler e os outros garotos não podem identificar o atacante porque não lembram de absolutamente nada daquela tarde – acrescentou Meredith. – Caroline também não.

-Caroline estava lá?

-Sim, mas não a morderam. Só está em choque. Apesar de tudo que fez quase sinto pena dela. – Meredith se encolheu de ombros e acrescentou: - Tem um aspecto patético esses dias.

-E não acredito que ninguém vá suspeitar de Stefan depois do que aconteceu com esses cachorros na igreja hoje – interveio Bonnie. – Meu pai disse que um cachorro grando pode ter quebrado a janela do coberto e as feridas na garganta de Tyler pareciam feridas feitas por um animal. Creio que muita gente acredita que foi um cachorro ou um grupo de cachorro que fizeram.

-É uma explicação cômoda – indicou Meredith com um tom seco. – Significa que não tem que continuar pensando nisso.

-Mas isso é ridículo – disse Elena. – Os cachorros normais não agem desse modo. As pessoas não se perguntam por que seus cachorros ficaram loucos de repente e se viraram contra eles?

-Uma grande quantidade de pessoas simplesmente está se desfazendo deles. Ah, e ouvi que alguém falava sobre testes obrigatórias de raiva – disse Meredith. – Mas não é só

raiva, não é Elena?

-Não, não acredito. E Stefan e Damon também não. E é disso que vim falar. Elena explicou com a maior clareza que pôde, sobre o que estava pensando sobre o Outro Poder em Fell’s Church. Falou sobre a força que a havia tirado da ponte e da sensação que teve com os cachorros e sobre tudo com Stefan, Damon e ela haviam falado. Finalizou dizendo:

-E Bonnie disse na igreja hoje: Algo maligno. Creio que isso é o que há aqui em Fell’s Church, algo cuja existência ninguém conhece, algo totalmente malvado. Suponho que você não saiba o que quer dizer com isso, Bonnie.

Mas a mente de Bonnie corria por outros caminhos.

-Já que Damon não é necessariamente quem fez todas aquelas coisas horríveis que você

disse que ele fez – comentou com astúcia. – Como matar a Yangtze e fazer aquilo com a Vickie e assassinar o sr. Tanner e tudo isso. Já disse a você que ninguém tão divino podia ser um assassino psicopata.

-Eu acho – disse Meredith, dando uma olhada em Elena – que será melhor que esquecesse Damon como personagem romântico.

-Sim – indicou Elena, categórica. – Ele matou, sim, o sr. Tanner, Bonnie. E é lógico que levou a cabo os outros ataques também; o perguntei sobre isso. E já tenho bastante problemas lidando eu mesma com ele. Não queira ter nada com ele, Bonnie, acredite.

-Suponho que deva deixar Damon em paz; suponho que deva deixar Alaric em paz... Há

algum garoto que eu não deva deixar em paz? E no entanto Elena fica com todos. Isso não é justo.

-A vida não é justa – lhe disse Meredith, insensível. – Mas escuta, Elena, se esse outro Poder existe, que tipo de Poder você acha que é? Como se parece?

-Não sei. Algo tremendamente forte... mas poderia está se camuflando de algum modo, de modo que não possamos percebe-lo. Podia parecer uma pessoa normal. E por isso vim pedir ajuda de vocês, porque pode ser qualquer pessoa de Fell’s Church. É como Bonnie hoje: Ninguém é o que parece.

Bonnie adotou uma expressão de desamparo.

-Não lembro de ter dito isso.

-Você disse, tudo bem. “Ninguém é o que parece” – voltou a citar Elena em tom

grave. –

Ninguém.

Deu uma rápida olhada para Meredith, mas os olhos escuros abaixo das sobrancelhas elegantemente arqueadas estavam tranqüilos e distantes.

-Bom, isso parece que transforma todo mundo em suspeito – disse ela com a voz mais serena. – Certo?

-Certo – disse Elena -, mas será melhor que pegamos um caderno e um lápis e façamos uma lista dos mais importantes. Damon e Stefan já aceitaram ajudar na investigação e se vocês também ajudarem teremos uma maior possibilidade de descobri-lo. Começava a pegar o ritmo daquilo; sempre foi boa organizando coisas, desde artimanhas para conseguir atrair garotos até funções para arrecadar fundos. Aquilo era apenas uma versão mais séria dos velhos plano A e plano B.

Meredith deu o lápis e o papel para Bonnie que os olhou e depois para Meredith e depois para Elena.

-Ótimo – disse -, mas quem está na lista?

-Bom, qualquer que tenhamos motivo para acreditar que seja o Outro Poder. Qualquer que possa ter feito as coisas que sabemos que fez: prender Stefan em um poço, me perseguir, jogar esse cachorros contra as pessoas. Qualquer que tenhamos visto que tenha agido de forma estranha.

-Matt – disse Bonnie, escrevendo diligentemente. – E Vickie. E Robert.

-Bonnie! – exclamaram Elena e Meredith simultaneamente.

Bonnie levantou os olhos.

-Bom, Matt tem agido estranhamente, e também Vickie, desde meses. E Robert rondava pelo exterior da igreja antes do funeral, mas nunca chegou a entrar...

-Ora, Bonnie, por favor – disse Meredith. – Vickie é uma vítima, não uma suspeita. E se Matt é um poder maligno, eu sou o corcunda de Notre-Dame. E quanto ao Robert...

-Muito bem, já disse todos – anunciou Bonnie friamente. – Agora vou ouvir suas idéias.

-Não, espera – disse Elena. – Bonnie, espere um momento. – Pensava em algo, algo que a estava incomodando há algum tempo desde... – Desde a igreja – disse em voz alta, lembrando-se. – Sabe de uma coisa, eu também vi Robert fora da igreja, quando eu estava escondida na galeria do coro. Foi justo antes dos cachorros atacarem e ele parecia estar indo para trás, como se soubesse o que ia acontecer.

-Oh, mas Elena...

-Não, escuta, Meredith. O vi antes, no sábado a noite, com tia Judith. Quando ela disse que não casaria com ele, havia algo em seu rosto... Não sei. Eu acho melhor que volte a coloca-lo na lista, Bonnie.

Muito séria, depois de um minuto vacilante, Bonnie o colocou.

-Quem mais? – perguntou.

-Bom, Alaric, me amedontra – disse Elena. – Sinto muito, Bonnie, mas ele é praticamente o número um. – Lhes contou o que escutara por acaso aquela manhã entre Alaric e o diretor da escola. – Não é um simples professor de historia; o fizeram vir por algum motivo. Sabe que sou uma vampira e está me procurando. E hoje, enquanto os cachorros atacavam, estava ali de pé em um lado, fazendo uma espécie de gestos misteriosos. Sem duvidas, não é o que parece, e a única pergunta é: O que ele é? Está escutando, Meredith?

-Sim. Sabe de uma coisa, eu acho que deveria por a sra. Flowers nessa lista. Lembra do modo que ela ficou na janela da pousada quando trouxemos Stefan do poço? Como não quis descer para abrir a porta? Isso é um comportamento estranho. Elena assentiu.

-Sim, e o modo como ela se agarrava a mim quando eu ia visitar Stefan. E, desde então, se manteve afastada de todos na velha casa. Pode ser que seja simplesmente uma velha gagá, mas anote-a de todos os modos, Bonnie.

Passou uma mão nos cabelos, levantado-os para afasta-los da nuca. Tinha calor. Ou... não era exatamente calor, e sim se sentia incomodada de um modo parecido a estar com calor. Se sentia ressecada.

-Tudo bem, passaremos pela pousada amanhã antes da escola – disse Meredith. –

Entretanto, o que mais podemos fazer? Deixe eu dá uma olhada nessa lista, Bonnie. Bonnie alongou a lista para que pudessem vê-la e Elena e Meredith se inclinaram para frente e leram(obs.: considerem o sublinhado como riscado):

Matt Honeycutt

Vickie Bennet

Robert Maxwell: O que fazia na igreja quando os cachorros atacaram? E o que aconteceu naquela noite com a tia de Elena?

Alaric Saltzman: Por que faz tantas perguntas? Para que o fizeram vir para Fell's Church?

Sra. Flowers: Por que agi de um modo tão estranho? Por que não nos abriu a porta na noite em que Stefan estava ferido?

-Ótimo – disse Elena. – Imagino que também podíamos averiguar de quem eram os cachorros que estavam na igreja hoje. E podíamos vigiar Alaric na escola amanhã.

-Eu vigiarei Alaric – declarou Bonnie com energia – e farei que ele fique livre das suspeitas; verão como farei.

-Ótimo, você faz isso. Você está designada a ele. E Meredith pode investigar a sra. Flowers e eu posso me ocupar de Robert. E quanto a Stefan e Damon... Bom, posso lhes designar todo mundo porque podem usar seus poderes para sondar as mentes das pessoas. Além do mais, essa lista não é muito completa. Lhes pedirei que explorem os arredores da cidade em busca de qualquer sinal de Poder ou de qualquer coisa diferente que aconteça. Eles têm mais possibilidades que eu de reconhecer essas coisas. Recostando-se, Elena umedeceu os lábios distraidamente. Estava ressecada. Reparou em algo que nunca antes observara: a delicada travessia de veias na parte interior do pulso de Bonnie. A garota ainda sustentava o caderno e a pele do pulso era tão translúcida que as veias verde-azuladas se mostravam claramente. Elena desejou ter escutado quando tinham estudado anatomia humana na escola; que nome recebia aquela veia, a grande que se bifurcava como um galho em uma árvore...?

-Elena! Elena!

Sobressaltada, Elena levantou os olhos e viu a olhada desconfiada dos olhos escuros de Meredith e a expressão alarmada de Bonnie. Foi então que notou que estava agachada muito perto do pulso de Bonnie, esfregando a veia maior com o dedo.

-Desculpe – murmurou, sentando-se para trás.

Mas sentia a maior longitude e agudez de suas presas. Era algo parecido a levar alguma coisa na boca; notava claramente a diferença de peso. Notou que o sorriso tranqüilo que dirigia a Bonnie não tinha o efeito desejado; a garota parecia assustada, o que era estúpido. Bonnie deveria saber que Elena nunca lhe machucaria. E Elena não estava com muita fome esta noite; Elena sempre comera pouco. Podia ter tudo que precisava naquela pequena veia do pulso...

Elena se pôs de pé em um salto e virou para a janela, se encostando ao parapeito, sentindo um sopro do fresco ar noturno sobre a pele. Se sentia enjoada e não parecia conseguir respirar.

O que tinha feito? Se virou e se encontrou com Bonnie agachada contra Meredith, as duas a olhando aterrorizadas. Detestou vê-las olhando-a daquele modo.

-Desculpe – disse. – Não era minha intenção, Bonnie. Olhe, não vou me aproximar mais. Deveria ter me alimentado antes de vir aqui. Damon disse que eu teria fome mais tarde. Bonnie tragou saliva e seu rosto adquiriu um aspecto ainda mais enfermo.

-Se alimentado?

-Sim, claro – respondeu Elena com aspereza.

Lhe ardiam as veias; essa era a sensação. Stefan havia descrito anteriormente, mas ela jamais compreendera na realidade; jamais compreendera o que parecia quando lhe abatia a necessidade de sangue. Era terrível, irresistível.

-O que acha que como esses dias? Ar? – disse desafiante. – Sou uma caçadora agora e será

melhor que eu saia para caçar.

Bonnie e Meredith tentavam relevar; podia ver que tentavam, mas também podiam ver a repugnância em seus olhos. Se concentrou em usar seus novos sentidos, em se abrir para a noite e procurar a presença de Sstefan ou Damon. Estava difícil, porque nenhum deles estava projetando sua mente como ele fizera na noite tinham brigado no bosque, mas pareceu que podia perceber um vislumbre de Poder fora da cidade. Mas não tinha como se comunicar com ele e a contrariedade fez que o calor infernal de suas veias piorar. Acabara de decidir tinha que ir sem nenhum deles quando as cortinas se agitaram violentamente para trás contra seu rosto, agitando em uma rajada de vento. Bonnie se levantou com um grito sufocado, derrubando a lâmpada de leitura da mesinha de noite e sumindo no quarto escuro. Amaldiçoando, Meredith a recolocou no lugar. As cortinas batiam violentamente na luz tremula que emergia e Bonnie parecia que tentava gritar.

Quando a lâmpada voltou a seu lugar, a luz mostrou Damon sentado casualmente, mas precariamente, no parapeito da janela, com um joelho levantado. Mostrava um de seus sorrisos mais selvagens.

-Se importa? – ele disse. – Isso é incomodo.

Elena dirigiu uma veloz olhada a Bonnie e Meredith, que estavam apoiadas no closet com o aspecto horrorizado e hipnotizado ao mesmo tempo. Ela mesma sacudiu a cabeça exasperada.

-E eu que pensei que fosse eu que gostasse de entradas teatrais – disse. – Muito engraçado, Damon. Agora vamos.

-Com duas amigas suas tão lindas? – Damon voltou a sorrir para Bonnie e Meredith. –

Além do mais, acabei de chegar. Ninguém vai ser amável e me convidar para entrar. Os olhos castanhos de Bonnie, cravados com imponência no rosto dele, se abrandaram ligeiramente. Os lábios da jovem, que haviam se aberto em uma expressão horrorizada, se abriram mais. Elena reconheceu os sinais de um derretimento imediato.

-Não, não façam – e se colocou diretamente entre Damon e as outras garotas. – Não tem ninguém aqui para você, Damon... Nem agora nem nunca – vendo a

chama de desafio em seus olhos, disse maliciosamente: - E de todos os modos, eu já estou indo. Não sei o que você vai fazer, mas eu vou caçar.

A tranqüilizou perceber a presença de Stefan a pouca distância, no telhado, provavelmente, e ouvir instantaneamente retificação: Nós vamos caçar, Damon. Pode ficar aqui sentado a noite toda se quiser.

Damon cedeu com elegância, lançando uma ultima olhada divertida a Bonnie antes de desaparecer pela janela. Quando o fez, tanto Bonnie como Meredith deram um passo para frente alarmadas, evidentemente pensando que tinha se estatelado no chão.

-Ele está ótimo – disse Elena voltando a sacudir a cabeça. – E não se preocupem, não o deixarei voltar. Me reunirei com vocês nesse mesmo horário amanhã. Adeus.

-Mas... Elena... – Meredith se interrompeu. – Quero dizer, ia perguntar se não quer trocar de roupa.

Elena se olhou. Aquele vestido que era uma relíquia do século XIX estava cheio de esfarrapada e manchada, a fina musselina se desgarrava em alguns lugares. Mas não tinha tempo para se trocar; tinha que se alimentar já.

-Terá que esperar – disse. – As vejo amanhã.

E pulou para fora da janela do modo que Damon fizera. A ultima coisa que viu delas foi Meredith e Bonnie a olhando ir, atordoadas.

Suas aterrissagens melhoraram; dessa vez não machucou os joelhos. Stefan estava ali e a envolveu em algo escuro e cálido.

-Sua capa – disse ela, agradecida.

Por um momento sorriram mutuamente recordando a primeira vez em que ele havia lhe dado a capa, depois de tê-la salvo de Tyler no cemitério e a levado para seu quarto na pousada para se limpar. Ele temia toca-la até então. Mas, pensou ela sorrindo para seus olhos, ela se ocupara daquele medo com suma rapidez.

-Pensava que íamos caçar – disse Damon.

Elena se virou para ele para sorrir, sem soltar sua mão de Stefan.

-E vamos – respondeu. – Aonde deveríamos ir?

-A qualquer casa dessa rua – sugeriu Damon.

-Ao bosque – disse Stefan.

-Ao bosque – decidiu Elena. – Não tocamos em humanos e não matamos. Não é mesmo, Stefan?

Ele devolveu a pressão em seus dedos.

-É como é – disse em voz baixa.

Damon torceu o gesto com expressão pedante.

-E o que exatamente vamos caçar no bosque? Ou é melhor que eu não saiba? Ratos?

Gambás? Cupins? – os olhos se moveram para Elena e baixou a voz. – Venha comigo e mostrarei a você o que é caçar de verdade.

-Podemos ir atravessando o cemitério – disse Elena fazendo pouco caso dele.

-Cervos de rabo branco se alimentam durante toda a noite nas zonas abertas – disse Stefan a ela. – Mas devemos ter cuidado ao cerca-los: ouvem quase tão bem quanto nós.

“Outra vez, então”, disse a voz de Damon na mente de Elena.

Capítulo 8

“Quem –? Ah, é você!” Bonnie disse, assustada com o toque em seu cotovelo. “Você me assustou. Não te escutei chegando.”

Ele teria de ser mais cuidadoso, Stefan percebeu. Nos poucos dias em que estivera longe da escola, ele tinha esquecido do hábito de andar e se mover como um humano e tinha voltado à sua passada silenciosa e perfeitamente controlada de um predador. “Me desculpe,” ele disse, enquanto andavam lado a lado pelo corredor.

“Dá nada,” disse Bonnie com uma tentativa corajosa de parecer indiferente. Mas seus olhos castanhos estavam arregalados e um tanto fixos. “Então, o que está fazendo aqui hoje? Meredith e eu fomos à pensão essa manhã para dar uma espiada na Sra. Flowers, mas ninguém atendeu a porta. E eu não te vi na aula de biologia.”

“Eu cheguei essa tarde. Estou de volta à escola. Por quanto tempo for necessário para achar pelo que estamos procurando, de qualquer maneira.”

“Para espionar Alaric, você quer dizer,” Bonnie murmurou. “Eu disse a Elena ontem para deixá-lo comigo. Opâ,” ela acrescentou, quando dois calouros passando encararam-na. Ela rolou seus olhos para Stefan. Com consenso mútuo, eles viraram em um corredor lateral e foram para uma escadaria vazia. Bonnie inclinou-se contra a parede com um rosnado de alívio.

“Eu tenho que lembrar de não dizer o nome dela,” ela disse apaticamente. “mas é tão *difícil*. Minha mãe me perguntou como eu me sentia essa manhã e eu quase disse a ela,

‘ótima’, já que eu vi Elena ontem a noite. Eu não sei como vocês dois mantiveram – você

sabe o que – um segredo por tanto tempo..”

Stefan sentiu um sorriso puxando seus lábios contra sua vontade. Bonnie era uma gatinha de seis semanas, toda cheia de charme e sem inibição. Ela sempre dizia exatamente o que estava pensando no momento, mesmo se contradissesse completamente o que ela tinha acabado de dizer, mas tudo que ela fazia vinha do coração. “Você está parada num corredor deserto com um você sabe o que agora,” ele lembrou-na diabolicamente.

“Ohhh.” Seus olhos se arregalaram novamente. “Mas você não faria, faria?” ela acrescentou, aliviada. “Porque Elena *mataria* você... Ah, céus.” Procurando por outro tópico, ela engoliu em seco e disse, “Então – então como foi ontem a noite?”

O humor de Stefan se escureceu imediatamente. “Não muito bem. Ah, Elena está bem; ela está dormindo seguramente.” Antes que ele pudesse continuar, seus ouvidos captaram passos no final do corredor. Três veteranas estavam passando, e uma se afastou de seu grupo ao ver Stefan e Bonnie. O rosto de Sue Carson

estava pálido e seus olhos estavam vermelhos, mas ela sorriu para eles.

Bonnie ficou cheia de preocupação. “Sue, como você está? Como o Doug está?”

“Eu estou bem. Ele está bem, também, ou pelo menos ele vai ficar. Stefan, eu queria falar com você,” ela acrescentou . “Eu sei que o meu pai agradeceu você ontem por ajudar Doug daquele jeito, mas eu queria agradecê-lo, também. Quero dizer, eu sei que as pessoas na cidade tem sido horríveis com você e – bem, eu simplesmente estou surpresa que você ligava o bastante para ajudar. Mas eu estou contente. Minha mãe diz que você

salvou a vida do Doug. E então, eu queria agradecê-lo, e dizer que eu sinto muito – sobre tudo.”

Sua voz tremia ao final do discurso. Bonnie fungou e tateou em sua mochila por um lencinho, e por um momento pareceu que Stefan ficaria preso na escadaria com duas fêmeas choramingando. Consternado, ele procurou em seu cérebro por uma distração.

“Tudo bem,” ele disse. “Como a Chelsea está?”

“Ela está no canil. Eles estão mantendo os cães em quarentena lá, todos aqueles que eles conseguiram reunir.” Sue borrou seus olhos e se endireitou, e Stefan relaxou, vendo que o perigo tinha passado. Um silêncio embaraçoso se descendeu.

“Bem,” disse Bonnie para Sue por fim, “você soube o que o conselho escolar decidiu sobre o Baile da Neve?”

“Ouvi dizer que eles se reuniram essa manhã e eles basicamente decidiram que nos deixarão fazê-lo. Alguém disse que eles estavam falando sobre guarda policial, contudo. Ah, aí está o sinal tardio. É melhor irmos para a aula de história antes que Alaric nos dê

deméritos.”

“Nós vamos em um minuto,” Stefan disse. Ele acrescentou casualmente, “Quando é esse Baile da Neve?”

“No dia treze; sexta-feira a noite, sabe,” Sue disse, e então recuou. “Ai meu

Deus, sextafeira treze. Eu nem pensei nisso. Mas me lembra que tem outra coisa que eu queria te contar. Essa manhã eu retirei meu nome da corrida por rainha da neve. Simplesmente –

simplesmente parecia certo, de algum modo. É só isso." Sue se apressou para longe, quase correndo.

A mente de Stefan estava correndo. "Bonnie, *o que* é esse Baile da Neve?"

"Bem, é na verdade o baile de Natal, só que nós temos uma rainha da neve ao invés de uma rainha do Natal. Depois do que aconteceu no Dia dos Fundadores, eles estavam pensando em cancelar, e então os cachorros ontem – mas parece que eles vão fazer afinal de contas."

"Na sexta-feira treze," Stefan disse carrancudamente.

"Sim." Bonnie parecia assustada agora, deixando-se pequena e insignificante.

"Stefan, não olhe assim; você está me assustando. Qual o problema? O que você acha que acontecerá no baile?"

"Eu não sei." Mas algo aconteceria, Stefan estava pensando. Fell's Church não tinha tido uma celebração pública que tinha escapado de ser visitada pelo Outro Poder, e essa provavelmente seria a última festividade do ano. Mas não havia razão para falar sobre isso agora. "Vamos," ele disse. "Estamos realmente atrasados."

Ele estava certo. Alaric Saltzman estava no quadro-negro quando eles entraram, como ele tinha estado no primeiro dia que apareceu na sala de história. Se ele ficou surpreso ao vêlos chegar atrasados, ou em vê-los chegar, ele cobriu impecavelmente, dando um de seus sorrisos mais amigáveis.

Então é você que está caçando o predador, Stefan pensou, tomando seu assento e estudando o homem perante ele. Mas você é mais que isso? O Outro Poder de Elena talvez?

Em face disso, nada mais parecia improvável. O cabelo cor de areia de Alaric, um pouco comprido demais para um professor, seu sorriso juvenil, sua alegria teimosa, tudo contribuía para uma impressão de inocência. Mas Stefan estivera desconfiado desdo começo sobre o que estava embaixo desse exterior

inofensivo. Ainda assim, não parecia muito provável que Alaric Saltzman estava por trás do ataque à Elena ou do incidente com os cachorros. Nenhum disfarce podia ser tão perfeito.

Elena. A mão de Stefan se fechou debaixo da mesa, e uma dor vagarosa despertou em seu peito.

Ele não queria ter pensado nela. O único jeito que tinha sobrevivido aos últimos cinco dias era mantendo-na longe de sua mente, não deixando a imagem dela chegar mais perto. Mas é claro que o esforço de mantê-la a uma distância segura tomava a maiora parte de seu tempo e energia. E esse era o pior lugar de todos para se estar, em uma sala de aula onde ele não conseguia ligar menos para o que estava sendo ensinado. Não havia nada a fazer *exceto* pensar aqui.

Ele se forçou a respirar vagarosa, calmamente. Ela estava bem; esse era o importante. Nada mais realmente importava. Mas mesmo enquanto ele dizia isso, o ciúme o mordeu como uma tira de couro de um chicote. Porque sempre que ele pensava em Elena agora, ele tinha que pensar *nele*.

Em Damon, que estava livre para ir e vir quando quisesse. Que poderia estar até mesmo com Elena nesse minuto.

Raiva queimou na mente de Stefan, clara e fria, misturando-se com a dor quente em seu peito. Ele ainda não estava convencido de que não fora Damon quem tinha jogado-o casualmente, sangrando e inconsciente, no poço abandonado para morrer. E ele levaria a ideia sobre o Outro Poder de Elena muito mais a sério se ele não estivesse completamente certo de que Damon não tinha perseguido Elena até sua morte. Damon era malvado; ele não tinha misericórdia ou escrúpulos...

E o que ele fez que eu não fiz? Stefan se perguntou pesadamente, pela centésima vez. Nada.

Exceto matar.

Stefan tinha tentado matar. Ele tinha querido matar Tyler. Com a lembrança, o fogo gelado de sua raiva dirigida à Damon foi apagado, e ele olhou ao invés na direção da carteira no fundo da sala.

Estava vazia; Apesar de Tyler ter saído do hospital no dia anterior, ele não tinha retornado à escola. Ainda assim, não havia perigo dele lembrar alguma coisa de

sua tarde horrenda. A sugestão subliminar para esquecer devia permanecer por um bom tempo, enquanto ninguém mexesse com a mente de Tyler.

Ele de repente ficou muito consciente de que estava encarando a carteira vazia de Tyler com olhos estreitos e taciturnos. Enquanto desviava o olhar, ele capturou o olhar de alguém que estivera observando-o fazer isso.

Matt se virou rapidamente e sae inclinou sobre seu livro de história, mas não antes que Stefan visse sua expressão.

Não pense nisso. Não pense em nada, Stefan disse a si mesmo, e ele tentou se concentrar na aula de Alaric Saltzman sobre a Guerra das Rosas.

5 de dezembro – eu não sei as horas, provavelmente de tarde cedo. Querido Diário, Damon devolveu-a para mim esta manhã. Stefan disse que não queria que eu fosse para o ático de Alaric novamente. Essa é a caneta de Stefan que eu estou usando. Eu não possuo mais nada, ou pelo menos eu não posso pegar as minhas próprias coisas, e a maioria delas a tia Judith ia dar por falta se eu as pegasse. Eu estou sentada nesse momento em um celeiro atrás da pensão. Eu não posso ir aonde as pessoas dormem, sabe, a não ser que eu seja convidada.

Eu acho que animais não contam, porque há alguns ratos dormindo aqui debaixo do feno e um coruja nas vigas. No momento, estamos nos ignorando.

Estou tentando duramente não ficar histérica.

Eu achei que escrever ajudaria. Algo normal, algo familiar. Exceto que nada mais em minha vida é normal.

Damon diz que eu vou me acostumar mais rápido se eu jogar a minha antiga vida fora e abraçar a nova. Ele parece achar que é inevitável que eu vire ele. Ele diz que eu nasci para ser uma predadora e não há razão em fazer as coisas pela metade. Eu cacei um veado ontem. Um macho, porque era o estava fazendo mais barulho, batendo seus chifres contra os galhos de árvore, desafiando outros machos. Eu bebi seu sangue. Quando eu dou uma olhada nesse diário, tudo que eu consigo ver é que estava procurando por algo, por algum lugar ao qual pertencer. Mas não é isso. Não é essa nova vida. Tenho medo do que me tornarei se eu começar a pertencer aqui.

Ah, Deus, estou apavorada.

A coruja do celeiro é quase puramente branca, especialemente quando estende suas asas e você consegue ver o interior. Das costas parece mais dourado. Tem só um pouco de dourado ao redor do rosto. Está me encarando nesse momento porque eu estou fazendo barulho, tentando não chorar.

É engraçado eu ainda conseguir chorar. Acho que são as bruxas que não conseguem. Começou a nevar do lado de for a. Estou puxando meu manto ao meu redor.

Elena guardou seu caderninho perto de seu corpo e puxou o suave veludo escuro do manto até seu queixo. O celeiro estava absolutamente silencioso, exceto pela respiração insignificante dos animais que dormiam aqui. Do lado de fora a neve caía tão silenciosamente quanto, acobertando o mundo em uma quietude abafadora. Elena encarou-a com olhos que não viam, mal notando as lágrimas que corriam por suas bochechas.

“Poderiam Bonnie McCullough e Caroline Forbes esperarem por um momento,” Alaric disse enquanto o último sinal tocava.

Stefan franziu a testa, um franzido que se aprofundou quando ele viu Vickie Bennett pairando fora da porta aberta da sala de história, seus olhos tímidos e assustados. “Eu estarei ali fora,” ele disse de forma significativa para Bonnie, que acenou. Ele acrescentou um avisador levantar de sobrancelhas, e ela respondeu com um olhar virtuoso. Veja se eu direi alguma coisa que eu não devo, o olhar dizia.

Saindo, Stefan só esperava que ela pudesse manter isso.

Vickie Bennett estava entrando enquanto ele saia, e ele teve que sair do caminho dela. Mas isso o colocou diretamente no caminho de Matt, que tinha saído pela outra porta e estava tentando chegar ao corredor o mais rápido possível.

Stefan agarrou seu braço sem pensar. “Matt, espera.”

“Me solta.” O punho de Matt se levantou. Ele olhou para ele com aparente surpresa, como se não estivesse certo sobre o que devia estar tão nervoso. Mas cada músculo em seu corpo estava lutando contra o agarro de Stefan.

“Eu só quero falar com você. Só por um minuto, está bem?"

“Não tenho um minuto,” Matt disse, e por fim seus olhos, um azul mais claro e menos complicado que o de Elena, encontrou os olhos de Stefan. Mas havia um vazio nas profundezas deles que lembravam Stefan do olhar de alguém que fora hipnotizado, ou que estava sob a influência de algum Poder.

Exceto que não era Poder algum exceto a própria mente de Matt, ele percebeu abruptamente. Era isso o que o cérebro humano fazia consigo mesmo quando encarava algo que simplesmente não conseguia lidar. Matt tinha se fechado, se desligado. Testando, Stefan disse, “Sobre o que aconteceu na noite de sábado –”

“Eu não sei sobre o que você está falando. Olha, eu disse que tenho que ir, droga.”

Negação era como uma fortaleza atrás dos olhos de Matt. Mas Stefan tinha que tentar novamente.

“Eu não te culpo por ficar bravo. Se eu fosse você, eu ficaria furioso. E eu sei o que é não querer pensar, especialmente quando pensar te leva a loucura.” Matt estava balançando sua cabeça, e Stefan olhava ao redor do corredor. Estava quase vazio, e o desespero o fez concordar em correr um risco. Ele abaixou sua voz. “Mas talvez você ao menos gostará de saber que Elena estava vida, e ela está muito–”

“Elena está morta!” Matt gritou, chamando atenção de todos no corredor.

“E eu te disse para me soltar!” ele acrescentou, alehio à plateia deles, e empurrou Stefan fortemente. Foi tão inesperao que Stefan cambaleoou contra os armários, quase acabando estirado no chão. Ele encarou Matt, mas Matt nem mesmo olhou para trás enquanto saia pelo corredor.

Stefan passou o resto do tempo até que Bonnie emergisse simplesmente encarando a parede.

Havia um pôster ali para o Baile da Neve, e ele sabia cada centímetro dele na hora que as garotas saíram.

Apesar de tudo que Caroline tentara fazer para ele e Elena, Stefan descobriu que não conseguia reunir nenhum ódio por ela. Seu cabelo castanho parecia desbotado, seu rosto espremido. Ao invés de estar aprumada, sua postura parecia simplesmente definhada, ele pensou, observando-a ir embora.

“Tudo bem? ele disse para Bonnie, enquanto caminhavam lado a lado.

“Sim, é claro. Alaric simplesmente sabe que nós três – Vickie, Caroline, e eu - passamos por poucas e boas, e ele quer que *nós* saibamos que ele nos apoia," Bonnie disse, mas mesmo seu otimismo teimoso sobre o professor de história soava um pouco forçado.

“Nenhumade nós contou a ele nada, contudo. Ele vai ter outro encontro na casa dele semana que vem,” ela acrescentou brilhantemente.

Maravilha, pensou Stefan. Normalmente ele poderia ter dito algo sobre isso, mas no momento ele estava distraído. “Ali está Meredith,” ele disse.

“Ela deve estar nos esperando – não, ela está indo para a ala de história,” Bonnie disse.

“Que engraçado, eu disse a ela para nos encontrar aqui.

Era mais do que engraçado, pensou Stefan. Ele tinha capturado um relance dela enquanto ela virava a esquina, mas aquele relance ficou preso em sua mente. A expressão no rosto de Meredith fora calculadora, observadora, e seu passo tinha sido furtivo. Como se ela estivesse tentando fazer algo sem ser vista.

“Ela vai voltar em um minuto quando ver que não estamos lá,” Bonnie disse, mas Meredith não voltou em um minuto, ou dois, ou três. De fato, foram-se quase dez minutos antes que ela aparecesse, e então ela pareceu assustada ao ver Stefan e Bonnie esperando-na.

“Desculpa, fiquei presa,” ela disse friamente, e Stefan teve que admirá-la pelo autocontrole. Mas ele se perguntava o que estava por trás disso, e somente Bonnie estava com vontade de conversar enquanto os três saíam da escola.

“Mas da última vez você usou fogo,” Elena disse.

“Foi porque estávamos procurando por Stefan, por uma pessoa específica,” Bonnie replicou. “Dessa vez nós estamos tentando prever o futuro. Se fosse simplesmente o *seu* futuro pessoal que eu estivesse tentando prever, eu olharia na sua palma, mas estamos tentando descobrir algo mais geral."

Meredith entrou no quarto, cuidadosamente equilibrando uma tigela de

porcelana cheia até a borda com água. Em sua outra mão, ela segurava uma vela. “Eu trouxe os negócios,”

ela disse.

“Água era sagrada para os Druídas,” Bonnie explicou, enquanto Meredith colocava o prato no chão e as três garotas sentavam ao redor dele.

“Aparentemente, tudo era sagrado para os Druídas,” disse Meredith.

"Shh. Agora, coloque a vela no castiçal e acenda-a. Então eu vou colocar cera derretida na água, e as sombras que ela formar me dirão as respostas para as suas perguntas. Minha avó usava chumbo derretido, e ela disse que *sua* avó usava prata derretida, mas ela me disse que cera funcionaria.” Quando Meredith acendou a vela, Bonnie olhou para os lados e tomou um longo fôlego. “Estou ficando cada vez mais assustada em fazer isso,” ela disse.

“Você não tem que,” Elena disse suavemente.

Eu sei. Mas eu quero – dessa vez. Além do mais, não é esse tipo de ritual que me assusta; é ser possuída que é horrível. Eu *odeio*. É como alguma outra pessoa entrando no meu corpo.”

Elena franziu a testa e abriu sua boca, mas Bonnie estava continuando.

“De qualquer jeito, aqui vai. Apague as luzes, Meredith. Dê-me um minuto para sintonizar e então faça suas perguntas.”

No silêncio da sala turva Elena observou o candelabro pestanejando sobre os cílios abaixados de Bonnie e do rosto sóbrio de Meredith. Ela olhou para baixo para suas próprias mão em seu colo, pálida contra o negrume do suéter e da legging que Meredith tinha emprestado-na. Então ela olhou para as chamas dançantes.

“Tudo bem,” Bonnie disse suavemente e pegou a vela.

Os dedos de Elena se entrelaçaram, apertando fortemente, mas ela falou em uma voz baixo para não quebrar a atmosfera. “Quem é o Outro Poder em Fell's Church?”

Bonnie inclinou a vela para que a chama lambesse os lados. Cera quente desceu como água na tigela e formou glóbulos redondos lá.

“Era o que eu receava,” Bonnie murmurou. “Não houve resposta, nada. Tente uma pergunta diferente.”

Desapontada, Elena sentou-se de volta, as unhas mordiscando suas palmas. Foi Meredith quem falou.

“*Nós* podemos achar esse Outro Poder se o procurarmos? E podemos derrotá-lo?”

“Foram duas perguntas,” Bonnie disse baixinho enquanto ela inclinava a vela novamente. Dessa vez a cera formou um círculo, um anel branco grumoso.

“Isso é união! O símbolo para pessoas dando as mãos. Significa que conseguiremos se ficarmos juntos.”

A cabeça de Elena deu um solavanco para cima. Essas foram quase as mesmas palavras que ela tinha dito para Stefan e Damon. Os olhos de Bonnie estavam brilhando com excitação, e elas sorriram uma para outra.

“Cuidado! Você ainda está derramando,” Meredith disse.

Bonnie rapidamente endireitou a vela, olhando para a tigela novamente. O último derramamento de cera formou uma linha fina e reta.

“Isso é uma espada,” ela disse lentamente. “Significa sacrifício. Nós conseguiremos se ficarmos juntos, mas não sem sacrifício.”

“Que tipo de sacrifício?” perguntou Elena.

“Eu não sei,” Bonnie disse, seu rosto perturbado. “É tudo que posso lhe dizer dessa vez.”

Ela colocou a vela de volta no castiçal.

“Ufa,” disse Meredith, enquanto se levantava para ligar as luzes. Elena levantou-se, também.

“Bem, pelo menos sabemos que podemos vencer isso,” ela disse, puxando a legging, que era longa demais para ela. Ela capturou um relance de si mesma no espelho de Meredith. Ela certamente não parecia mais com Elena Gilbert, a modela fashion da escola. Vestida toda de preto desse jeito, ela parecia pálida e perigosa, como uma espada coberta.

Seu cabelo caia aleatoriamente ao redor dos seus ombros.

“Eles não me reconheceriam na escola,” ela murmurou, com uma pontada. Era estranho ela ligar sobre ir à escola, mas ela ligava. Era porque ela *não podia* ir, ela achava. E porque ela fora rainha por tanto tempo, ela tinha comandado as coisas por tanto tempo, que era quase inacreditável ela não poder colocar os pés lá novamente, "Você podia ir para outro lugar," Bonnie sugeriu. “Quero dizer, depois que tudo isso acabar, você pode terminar a escola em algum outro lugar onde ninguém te conheça. Como Stefan fez.”

“Não, acho que não.” Elena estava com um humor estranho hoje a noite, depois de passar o dia sozinha no celeiro observando a neve. “Bonnie,” ela disse abruptamente, “você

olharia a minha palma novamente? Eu quero que você preveja meu futuro, meu futuro pessoal.”

“Eu nem sei se eu lembro de todas as coisas que a minha avó me ensinou... mas, certo, eu tentarei,” Bonnie demonstrou piedade. “É melhor que não tenha *mais* estranhos morenos no caminho, é só. Você já tem tudo com o que consegue lidar.” Ela riu enquanto pegava a mão esticada de Elena. “Lembra quando Caroline perguntou o que você conseguia fazer com dois? Acho que está descobrindo agora, hein?”

“Só leia a minha palma, sim?”

“Tudo bem, essa é sua linha da vida–” o jorro de balbúcia de Bonnie dissipou-se quase antes de começar. Ela encarou a mão de Elena, medo e apreensão em seu rosto.

“Devia vir até aqui,” ela disse. “Mas ela foi cortada tão brevemente...”

Ela e Elena olharam uma para outra sem falar por um momento, enquanto Elena sentiu a mesma apreensão solidificar dentro dela mesma. Então Meredith

interrompeu.

“Bem, naturalmente está breve,” ela disse. “Só significa o que já aconteceu, quando Elena se afogou.”

“Sim, é claro, deve ser isso,” Bonnie murmurou. Ela soltou a mão de Elena e Elena lentamente recuou. “É isso, está certo,” Bonnie disse em uma voz mais forte. Elena estava olhando no espelho novamente. A garota que olhava de volta era linda, mas havia uma sabedoria triste em seus olhos que a velha Elena Gilbert nunca tivera. Ela percebeu que Bonnie e Meredith estavam olhando para ela.

“Deve ser isso,” ela disse levemente, mas seu sorriso não tocava seus olhos.

Capitulo 9

-Bom, ao menos ninguém ocupou meu corpo – disse Bonnie. – Mas de todos os modos estou farta de ser médium; estou farta de tudo. Esta será a última vez; absolutamente a última.

-Tudo bem – disse Elena, se afastando do espelho -, falaremos sobre outra coisa. Descobriu algo hoje?

-Falei com Alaric e ele vai celebrar outra reunião semana que vem – respondeu Bonnie. –

Perguntou a Caroline, Vickie e a mim se não queríamos ser hipnotizadas para que isso nos ajudasse a lidar com o que está acontecendo. Mas estou segura de que ele não é o Outro Poder, Elena. É amável demais.

Elena assentiu. Ela mesma começara a duvidar sobre suas suspeitas sobre Alaric. Não porque foi amável, e sim porque ela havia passado quatro dias em seu sótão dormindo. O

Oitro Poder realmente permitiria ficar ali sem que lhe fizesse nada? Claro, Damon dissera que influenciara Alaric para que se esquecesse de que estava ali em cima; mas, teria o Outro Poder sucumbido a influência de Damon? Não era forte o suficiente para isso?

Ao menos que seus poderes tivessem se esgotado temporariamente, disse a si

mesma de improviso. Como os de Stefan se esgotaram agora. Ou ao menos fingira que lhe influenciaram.

-Bom, não o risquemos da lista por enquanto – disse ela. – Devemos ter cuidado. O que temos da sra. Flowers? Averiguou algo sobre ela?

-Não tive sorte – disse Meredith. – Fomos a pousada esta manhã, mas ela não respondeu a nossas chamadas. Stefan disse que tentaria localiza-la pela tarde.

-Se alguém me convidasse a entra ali, eu podia vigia-la também – disse Elena. – Sinto como se fosse a única pessoa que não faz nada. Creio... – se interrompeu por um momento, meditando, e logo seguiu: - Creio que passarei pela frente da casa... Pela frente da casa de tia Judith, quero dizer. Além do mais, encontrarei Robert rondando por ali pelos arbustos ou algo assim.

-Iremos com você – ofereceu Meredith.

-Não, é melhor que eu faça sozinha. De verdade. Posso passar muito despercebida por esses dias.

-Nesse caso, faça o que ache conveniente e tenha cuidado. Continua nevando forte. Elena assentiu e saltou pelo parapeito.

Ao aproximar-se de casa viu que um carro saia pelo caminho de acesso naquele momento. Se afundou entre as sombras e observou. Os faróis iluminaram uma espectral paisagem invernal: a acácia falsa dos vizinhos, em forma da silhueta desnuda, com uma coruja branca pousada nela.

Quando o carro passou pelo seu lado, Elena o reconheceu: era o Oldmobile de Robert. Agora, isso era interessante. Teve vontade de segui-lo, mas impediu o impulso mais forte de dar uma olhada na casa, de se assegurar que tudo ia bem. A rodeou, sigilosamente, examinando as janelas.

As cortinas de chintz amarelo da janela da cozinha estavam dispostas para trás, mostrando uma iluminada seção da cozinha que havia do outro lado. Tia Judith fechada o lava-louças. “Robert teria ido jantar?”, se perguntou Elena.

Tia Judith se dirigiu ao vestíbulo da entrada e Elena se moveu com ela, voltando a rodear a casa. Encontrou uma fenda nas cortinas da sala de estar e aproximou com cautela ao grosso e ondulado velho vidro da janela. Ouviu abrir e fechar a

porta principal, e logo girar a chave, e depois sua tia entrou na sala e se sentou no sofá. Ligou a televisão e começou a passar os canais ocasionalmente.

Ele desejou ver mais que simplesmente o perfil de sua tia pela luz tremeluzente da TV. Sentia uma sensação estranha olhar aquela sala, sabendo que só podia olha-la e não entrar. Quanto tempo se passara desde a última vez que reparara quão bonita era aquela sala? A velha estante de mogno, ocupada por peças de porcelana e a cristais, a lâmpada Tiffany sobre a mesa perto de tia Judith, as almofadas bordadas sobre o sofá... Tudo lhe parecia precioso agora. De pé do lado de fora, sentindo a leve caricia da neve na nuca, desejou poder entrar um momento, somente por um segundo.

A cabeça de tia Judith se inclinara para trás, os olhos se fechavam. Elena apoiou o rosto contra a janela e logo deu a volta devagar.

Subiu no galho situado em frente de seu próprio quarto, mas comprovou decepcionada que as cortinas estavam totalmente fechadas. A borda da árvore que havia em frente ao quarto de Margaret era frágil e parecia mais difícil de subir, mas, uma vez que conseguira chegar em cima teve uma boa vista; as cortinas estavam totalmente afastadas. Margaret dormia com o lençol até o queixo, a boca aberta e os pálidos cabelos estendidos como um leque na almofada.

“Olá, bebê”, pensou Elena e tragou as lágrimas com alegria. Era uma cena tão inocente e doce... A luz da mesinha, a menininha na cama, os animais de pelúcia na estante, a vigiando. E ali chegava uma gatinha branca que entrava silenciosamente pela porta para completar o quadro, pensou Elena.

Bola de neve saltou sobre a cama de Margaret. A gatinha bocejou mostrando a pequena língua rosa e se espreguiçou mostrando as garras em miniatura. Depois caminhou delicadamente até se colocar sobre o peito de Margaret.

Algo fez com que Elena sentisse uma coceira na raiz dos cabelos. Não soube se era algum novo sentido de caçador ou pura intuição, mas repetinamente sentiu medo. Existia perigo naquele quarto. Margaret estava em perigo. A gatinha continuava ali com o rabo balançando de um lado para o outro. E logo Elena compreendeu a que se parecia: os cachorros. Olhava da mesma forma que olhara Doug Carson antes de saltar sobre ele. Céus, a cidade pusera em quarentena os cachorros, mas ninguém pensara nos gatos.

A mente de Elena trabalhava a toda velocidade, mas não adiantava de nada. Não eram mais do que imagens fugazes do que um gato podia fazer com unhas curvadas e dentes afiados como agulhas. E Margaret estava, simplesmente, estava ali deitada respirando com suavidade, sem perceber o perigo.

A pelagem de Bola de Neve começava a se eriçar, o rabo inchando como uma vassorinha de limpar garrafas. As orelhas do animal se afastaram da cabeça e a boca se abriu em um grunhido silencioso. Tinha os olhos fixos no rosto de Margaret, tal como Chelsea fizera com Doug Carson.

-Não!

Elena olhou desesperada ao seu redor em busca de algo para jogar contra a janela, algo que fizesse ruído. Não podia se aproximar mais; os galhos exteriores da árvore não suportariam seu peso.

-Margaret, acorde!

Mas a neve, pousando como um manto ao seu redor, parecia amortecer as palavras até

transforma-las em nada. Um gemido surdo e discordante começara a brotar da garganta de Bola de Neve enquanto esta desviava os olhos para a janela e depois voltava a pousalos no rosto de Margaret. Então, justamente quando a gatinha sacava uma garra, Elena se levantou contra a janela. Mais tarde, nunca soube como conseguiu se agarrar. Não tinha espaço para se ajoelhar no parapeito, mas as unhas se afundaram na branda e velha madeira do caixote e a ponta de uma bota se introduziu em um ponto de apoio mais abaixo. Golpeou a janela com todo o peso do corpo, gritando.

-Se afaste dela! Acorde, Margaret!

Os olhos de Margaret se abriram em um golpe e se sentou na cama, empurrando Bola de Neve para trás. As garras da gatinha se prenderam nas bordas da colcha enquanto lutava para se endireitar. Elena voltou a gritar:

-Margaret, saia da cama! Abra a janela, depressa!

O rosto de quatro anos da menina estava inundado de sonolenta surpresa, mas não de medo. Se levantou e avançou a tropeções até a janela enquanto Elena cerrava os dentes.

-É isso aí. Boa garota... Agora diga: Entre. Rápido, diga!

-Entre – disse Margaret, obediente, pestanejando e dando um passo para trás. A gatinha saltou para fora ao mesmo tempo que Elena se deixava cair para dentro. Tentou atrapalhar o felino, mas ele era muito veloz. Uma vez fora, deslizou pelas bordas dos galhos com zombeteira facilidade e saltou para neve onde desapareceu. Uma mãozinha tirava o suéter de Elena.

-Você voltou! – exclamou Margaret, abraçando os quadris de sua irmã. – Senti sua falta.

-Ah, Margaret, eu sim senti sua falta... – Elena começou a dizer e então ficou totalmente imóvel. A voz de tia Judith soava do alto da escada.

-Margaret, está acordada? O que está acontecendo?

Elena só teve um instante para tomar sua decisão.

-Não diga que estou aqui – sussurrou caindo de joelhos. – É um segredo, entende? Diga que você deixou a gatinha sair, mas não diga que estou aqui.

Não tinha tempo para mais nada. Elena se enfiou debaixo da cama e rezou. Por debaixo da colcha que pendia da cama, viu os pés cobertos de tia Judith entrarem no quarto. Apertou o rosto contra as tabuas no chão, sem respirar.

-Margaret! O que você faz levantada? Vamos, volte para a cama – disse a voz de tia Judith e em seguida a cama abaixou com o peso de Margaret e Elena ouviu os ruídos que fazia sua tia ajeitando os cobertores. – Está com as mãos geladas. Por que raios a janela está

aberta?

-A abri e Bola de Neve saiu – disse Margaret.

Elena voltou a respirar.

-E agora tem neve por todo o chão. Não posso acreditar nisso... Não volte a abrir, ouviu bem?

Ouviram-se mais ruídos enquanto acabava de cobrir a menina e os pés cobertos voltaram a sair. A porta se fechou.

Elena se arrastou para sair debaixo da cama.

-Boa garota – sussurrou enquanto Margaret se sentava na cama. – Estou orgulhosa de você. Amanhã diga a tia Judith que tem que dar a sua gatinha. Diga que se assustou. Sei que não quer fazer isso... – pousou uma mão para deter o gemido que estava a ponto de brotar dos lábios da pequena -, mas tem que fazer. Porque posso assegurar a você que essa gatinha machucará você se ficar com ela. Não quer se machucar, não é?

-Não – respondeu Margaret e seus olhos azuis se encheram de lagrimas. – Mas...

-E você também não quer que a gatinha faça mal a tia Judith, não é? Diga a tia Judith que não pode ter nenhum gatinho, nem um cachorro, nem sequer um pássaro até... Bom, durante um tempo. Não diga que foi eu que disse; isso continua sendo nosso segredo. Diga que tem medo devido ao que aconteceu com os cachorros na igreja. Isso era melhor, Elena raciocinou sombriamente, provocar pesadelos noturno a garotinha então ver um pesadelo se converter em realidade no quarto.

A boca de Margaret se abriu de maneira entristecida.

-Tudo bem.

-Sinto muito, querida – Elena se sentou na cama a abraçou com força. – Mas é assim que tem que ser.

-Está fria – disse Margaret. Então levantou os olhos até o rosto de Elena. – Você é um anjo?

-Uhm... Não exatamente.

“Justamente o oposto”, pensou Elena com ironia.

-Tia Judith disse que você foi se reunir com mamãe e papai. Você os viu?

-É... é um pouco difícil de explicar, Margaret. Não os vi, não. E não sou um anjo, não, mas em todo caso vou ser como seu anjo da guarda, ok? Olharei por você mesmo que não possa me ver. Ok?

-Ok – Margaret brincou com seus dedos. – Isso significa que não pode mais viver aqui. Elena passou os olhos pelo quarto rosa e branco, os animais de pelúcia na estante, a pequena mesa e o cavalinho balançando quando fora dela e estava em um canto.

-É isso que significa – respondeu com suavidade.

-Quando eles disseram que você tinha ido com mamãe e papai disse que eu também queria ir.

Elena pestanejou com força.

-Oh, querida. Não chegou não chegou a hora de você ir, portanto, não pode ir. E tia Judith ama muito você e ficaria muito só sem você.

Margaret assentiu e suas pálpebras começaram a se fechar. Mas enquanto Elena voltava a deita-la na cama e colocava a colcha por cima dela, a garota fez mais uma pergunta:

-Mas você não me ama?

-Mas claro que sim. Eu amo muito você... Nunca soube o quanto até agora. Mas eu estarei bem e tia Judith precisa de você.

Elena teve que tomar ar para se acalmar e quando abaixou a vista os olhos de Margaret estava fechados e a respiração compassada. A garota dormia.

“Que estúpida, estúpida”, pensou Elena abrindo passo pelos montões de neve até o outro lado da rua Maple. Deixara passar a oportunidade de perguntar a Margaret se Robert tinha ido jantar. Agora era tarde demais.

Robert. Seus olhos se entrecerraram repentinamente. Na igreja, Robert esteve fora e então os cachorros ficaram loucos. E essa noite a gatinha de Margaret se tornara selvagem... Justamente pouco depois do carro de Robert sair.

“Robert tem muitas perguntas para responder”, disse Elena para si. Mas a melancolia estava a levando, a tirando de seus pensamentos. Sua mente não fazia mais do que regressar a casa que acabara de abandonar, repassando as coisas que jamais voltaria a ver. Todas as suas roupas e complementos e jóias... O que tia Judith faria com elas? “Não tenho mais nada – se disse -, sou uma indigente”.

“Elena?”

Aliviada, Elena reconheceu a voz mental e a característica sombra no final da rua. Apressou o passo até Stefan que tirou as mãos do bolso da jaqueta e seguros as dela para acalenta-la.

-Meredith me contou onde tinha ido.

-Fui em casa – respondeu ela.

Isso era tudo que podia dizer, mas enquanto se encostava contra ele para obter conforto, soube que ele a compreendia.

-Vamos encontrar algum lugar onde possamos nos sentar – disse Stefan e se interrompeu cheio de contrariedade.

Todos os lugares que iam antes eram perigosos demais ou estavam vedados para Elena. A polícia ainda tinha o carro de Stefan.

Finalmente se limitaram a ir a escola secundária e se sentar em uma saliência do telhado e contemplar como a neve caía. Elena lhe contou o que acontecera no quarto de Margaret.

-Vou fazer com que Meredith e Bonnie estendam a informação por toda a cidade de que os gatos também podem atacar. As pessoas devem saber. E creio que alguém deveria vigiar Robert – concluiu.

-Seguiremos seus passos – disse Stefan e ela não pôde evitar sorrir.

-É curioso o quão americano você se transformou – comentou. – Não tinha pensado nisso há muito tempo, mas quando você chegou pela primeira vez parecia muito estrangeiro. Agora ninguém saberia que não viveu a vida toda aqui.

-Nos adaptamos com rapidez. Temos que nos adaptar – respondeu ele. – Sempre países novos, décadas novas, situação nova. Você se adaptará também.

-Me adaptarei? – os olhos de Elena permaneceram fixos no brilho dos flocos de neve caindo. – Não sei...

-Aprenderá com o tempo. Se tem algo... bom... sobre o que somos, é o tempo. Temos muito dele, tanto quanto queremos. Para sempre.

-Eu amo você – disse Stefan contra seu pescoço e ela se apertou mais força contra ele. Compreendeu então porque ele tinha temido dize-lo por tanto tempo. Quando a idéia do amanhã o aterrava, era difícil de se comprometer, porque ele não queria arrastar ninguém mais com ele.

Em especial alguém quem amava.

-Eu também amo você – se fez dizer e se recostou, quebrou seu tranqüilo estado de animo. – E tentará dar a Damon uma chance, por mim? Tentará trabalhar com ele?

-Trabalharei com ele, mas não confiarei nele. Não posso. O conheço muito bem.

-Nesse caso, me pergunto se alguém o conhece na realidade. Muito bem, então faça o que puder. Talvez possamos pedir que ele diga Robert amanhã.

-Segui a sra. Flowers hoje – o lábio de Stefan se curvou. – Por toda a tarde até o anoitecer. E sabe o que ela fez?

-O que?

-Três lavagens... Numa velha máquina que parecia que ia explodir a qualquer momento. Não tem secadora, só uma máquina de escorrer. Está tudo abaixo, no sótão. Então foi para fora e encheu umas duas dúzias de bacias de comida para pássaros. Passa a maior parte do tempo ali. Fala consigo mesma.

-Como qualquer velha gagá – disse Elena. – Bem, Meredith pode ter se equivocado e isso é tudo – observou a mudança de sua expressão ao nome de Meredith e disse: - O que foi?

-Bom, Meredith talvez tenha que explicar algumas coisas também. Não lhe

perguntei a respeito, pensei que talvez fosse melhor que vinhesse de você. Mas ela foi falar com Alaric Saltzman depois da aula de hoje. E não quis que ninguém soubesse aonde ia. Desinquieto se desenroscou da cintura de Elena.

-E então?

-Então ela mentiu sobre isso... Ou ao menos se esquivou do assunto. Tentei sondar sua mente, mas meus poderes estão quase esgotados. E ela é difícil.

-E você não tinha o direito! Stefan, me escuta. Meredith jamais nos machucaria ou nos trairia. O que seja que esteja escondendo...

-Então admite que ela esconde algo.

-Sim – disse Elena relutantemente -, mas não é nada que vá nos prejudicar, tenho certeza. Meredith é minha amiga desde o primeiro ano do primário...

Sem se dar conta, Elena deixou que a frase se desvanecesse. Pensava na outra amiga que fora íntima desde o jardim de infância, Caroline. A que na semana anterior tentara destruir Stefan e humilhar Elena diante de toda a cidade.

E o que Craoline escrevera em seu diário sobre Meredith? “Meredith não faz nada, se limita a observar. É como se não pudesse agir, só pudesse reagir as coisas. Além do mais ouvi meus pais falarem sobre sua família..., não me surpreende que nunca a mencione”. Os olhos de Elena abandonaram a paisagem nevada em busca do rosto de Stefan que a esperava.

-Não importa – disse em voz baixa. – Conheço Meredith e confio nela. Confiarei nela até o fim.

-Espero que ela seja digna disso, Elena – disse ele. – Realmente, espero.

Capitulo 10

Quinta-feira, 12 de dezembro pela manhã.

Querido diário

Depois de uma semana de trabalho, o que conseguimos?

Bem, entre nós temos nos organizado para seguir os três suspeitos quase continuamente durante os últimos seis ou sete dias. Resultado: informações sobre os movimentos de Robert durante a ultima semana que agiu como qualquer normal homem de negócios. Informações sobre Alaric que não tem feito nada que não seja normal para um professor de história. Informações sobre a sra. Flowers que aparentemente gasta a maior parte de seu tempo no sótão. Mas na verdade não temos averiguado nada.

Stefan disse que Alaric se reuniu com o diretor da escola umas duas vezes, mas não pôde se aproximar o suficiente para ouvir do que falavam.

Meredith e Bonnie estenderam as informações sobre outros animais de estimações além dos cachorros que podiam ser perigosos. Elas não precisaram trabalhar muito nisso; parece que toda a cidade já está no limite da histeria. Desde então houveram muitos outros ataques de animais reportados, mas é muito difícil saber qual deles pode ser levado a sério. Algumas crianças mexiam em um esquilo e ele os mordeu. O coelho dos Masases arranhou o filho caçula deles. A velha sra. Coombers viu cobras cabeça-de-cobre no seu jardim quando todas as serpentes deviam estar hibernando. O único que estou certa é do ataque ao veterinário que mantinha os cachorros em quarentena. Um grupo deles o mordeu e a maioria deles escapou de onde estavam presos. Depois disso simplesmente desapareceram. As pessoas deram adeus e boa viagem e esperam que morram de fome no bosque, mas eu tenho minhas duvidas. E não parou de nevar, não tem sido uma nevada forte, mas tampouco parou. Nunca vi tanta neve.

Stefan está preocupado com o baile amanhã a noite.

O que nos leva de volta: O que temos investigado até agora? O que sabemos? Nenhum de nossos suspeitos esteve perto da casa dos Masases ou da casa da sra. Coomber ou da clinica veterinária quando aconteceram os ataques. Não estávamos mais perto de encontrar o Outro Poder do que estávamos quando começamos.

A pequena reunião de Alaric é esta noite. Meredith acha que devíamos ir. Não sei que outra coisa podemos fazer.

Damon esticou as longas pernas e falou preguiçosamente, passando os olhos pelo celeiro.

-Não, particularmente não acho que seja perigoso. Mas não vejo o que espera conseguir.

-Nem eu sei exatamente – admitiu Elena. – Mas não tenho idéia melhor. Você tem?

-O que, você quer dizer outras formas de passar o tempo? Sim, eu tenho. Você quer que eu fale a você sobre eles?

Elena o fez calar com um gesto e deixou o assunto de lado.

-Me refiro a coisa úteis que nos façam chegar em um ponto. Robert está fora da cidade, a sra. Flowers está no...

-Sótão – disseram em coro varias vozes.

-E nós nos limitamos a ficar aqui sentados. Alguém tem uma idéia melhor?

Meredith rompeu o silêncio.

-Se estão preocupados porque pode ser perigoso para mim e Bonnie por que não vem todos vocês? Não quero dizer que tenham que os deixar vê-los. Podiam vir e se esconderem no porão. Então se algo acontecer, podíamos gritar pedindo ajuda e vocês nos ouviriam.

-Não vejo porque alguém terá que gritar – disse Bonnie -, não vai acontecer nada lá.

-Bom, talvez não, mas não é demais se assegurar – disse Meredith. – O que vocês acham?

Elena assentiu devagar

-Faz sentido – olhou ao redor em busca de objeções, mas Stefan se limitou a se encolher de ombros e Damon murmurou algo que fez Bonnie sorrir.

-Tudo bem, então está decidido. Vamos.

A inevitável neve os recebeu ao abandonar o celeiro.

-Bonnie e eu podemos ir no meu carro – disse Meredith. – E vocês três...

-Oh, nós encontraremos nosso próprio caminho – disse Damon com um sorriso de lobo. Meredith assentiu, sem se mostrar impressionada. Engraçado, pensou Elena enquanto as outras garotas se afastavam; Meredith nunca se sentia impressionada com Damon. Seu encanto parecia não ter efeito nela.

Estava a ponto de mencionar que estava com fome quando Stefan se virou para Damon.

-Está disposto a ficar com Elena todo o tempo que estiver aqui? Cada minuto? –

perguntou.

-Tente me impedir – respondeu Damon em tom divertido. Logo fez o sorriso desaparecer.

– Por que?

-Porque se você ficar, os dois podem ir sozinhos e eu me reunirei com vocês mais tarde. Tenho que fazer algo, mas não levará muito tempo.

-O que é?

-Recebi uma carta de Caroline hoje. Perguntava se não podia me encontrar com ela na escola antes da festa de Alaric. Disse que queria se desculpar. Elena abriu a boca para soltar um comentário afiado, mas logo voltou a fecha-la. Pelo que tinha ouvido Caroline estava uma lástima esses dias. E talvez falar com Stefan a fizesse se sentir melhor.

-Bem, você não tem nada para se desculpar – disse ela a ele. – Tudo o que aconteceu foi culpa dela. Não a considera perigosa?

-Não; de todos os modos ainda me restam alguns dos meus poderes. Ela não é uma má

garota. Me encontrarei com ela e vocês podem ir para a casa de Alaric.

O porão estava tal e como eu me lembrava, escuro e poeirento e cheio de misteriosas formas cobertas com lençóis. Damon que tinha entrado de um modo mais convencional, pela porta da frente, teve que tirar os ferrolhos para que ela entrasse pela janela. Depois disso se sentaram um junto ao outro no velho

colchão e escutaram as vozes que vinham pelos dutos.

-Eu podia ter encontros mais românticos – murmurou Damon tirando melindrosamente uma teia de aranha da manga. – Tem certeza que não preferia...?

-Sim – respondeu Elena. – E agora cala a boca.

Era como um jogo, escutar retalhos de conversas e tentar coloca-las juntas, tentar por a cada voz o rosto correspondente.

-E então disse: não me importa quanto tempo faz que tem o periquito; se desfaça dele ou irei ao Baile de Inverno com Mike Peldman. E ele disse...

-...corre o rumor que voltarão a abrir a tumba do sr. Tanner essa noite...

-...soube que todo mundo exceto Caroline saíram do concurso para eleger a rainha da neve? Você não acha...

-...morta, mas tenho certeza que a vi. E não, não estava sonhando; estava com um vestido prateado e os cabelos eram totalmente dourados e se agitavam no vento... Elena olhou para Damon levantando as sobrancelhas, logo baixou os olhos para sua cômoda e prática vestimenta preta. Ele sorriu brincalhão.

-Romantismo – disse ele. – Eu mesmo gosto de você de preto.

-Bom, você gostaria, não gostaria? – murmurou Elena.

Era entranho como se sentia cômoda com Damon ultimamente. Permaneceu sentada em silêncio, deixando que as conversas flutuassem ao seu redor, quase perdendo a noção do tempo. Logo captou uma voz familiar, enraivecida e mais perto que as outras.

-Ok. Ok, estou indo. Ok.

Elena e Damon trocaram uma olhada e se colocaram de pé enquanto a maçaneta da porta do porão girava. Bonnie colocou a cabeça na borda da porta.

-Meredith me disse para subir para cá. Não sei o motivo. Está monopolizando Alaric e a festa é um desastre. Aff.

Se sentou no colchão e depois de poucos minutos Elena voltou a se sentar ao lado dela. Começava a desejar a chegada de Stefan quando a porta voltou a abrir e Meredith entrou, ela estava certa de ter desejado.

-Meredith, o que está acontecendo?

-Nada ou pelo menos nada para se preocupar. Onde está Stefan?

As bochechas de Meredith estavam não-usualmente avermelhadas e luzia uma expressão curiosa nos olhos como se mantivesse algo firmemente sob controle.

-Virá mais tarde... – começou Elena, mas Damon a interrompeu.

-Não importa onde ele esteja. Quem está subindo as escadas?

-O que quer dizer com “quem está subindo as escadas”? – disse Bonnie se levantando.

-Todos vocês, mantenham a calma – disse Meredith se colocando em frente a janela como se a guardasse; não parecia precisamente muito calma, se disse Elena. – Tudo certo –

disse em voz alta e a porta se abriu e Alaric Saltzman entrou no quarto. O movimento de Damon foi tão gracioso que nem sequer os olhos de Elena puderam segui-lo; com um gesto pegou o pulso de Elena e a pôs atrás dele, ao mesmo tempo que se dirigia diretamente para o rosto de Alaric. Ele finalizou se agachando como um predador, cada músculo tenso e pronto para o ataque.

-Oh, no! –exclamou Bonnie violentamente.

Ela se lançou sobre Alaric que já tinha começado a retroceder um pouco ante Damon. O

professor quase perdeu o equilíbrio e tateou a suas costas em busca da porta. A outra mão procurava algo no cinto.

-Chega! Chega! – gritou Meredith.

Elena viu a forma abaixo da jaqueta de Alaric e compreendeu que era uma pistola. Outra vez, não conseguiu acompanhar tudo que aconteceu, Damon

soltou o pulso dela e pegou o de Alaric. E depois Alaric estava sentado no chão com uma expressão atordoada e Damon tirava as balas da arma, uma a uma.

-Disse a você que era uma estupidez e que não precisaria disso – disse Meredith. Elena reparou que ela mesma segurando a garota morena em seus braços. Sem duvida tinha que faze-lo para impedir que Meredith interrompesse Damon, mas não se lembrava.

-Essas coisinhas com pontas de madeira são desagradáveis; podiam ferir alguém – disse Damon, com um leve tom de censura; voltou a colocar um dos cartuchos e fechou o carregador com um clique, apontou pensativamente para Alaric.

-Páre! – disse Meredith intensamente. Ela se virou para Elena. – Faça ele parar, Elena; ele só está piorando mais as coisas. Alaric não vai machucar vocês; eu prometo. Eu gastei toda a semana o convencendo que vocês não iam machuca-lo.

-E agora acho que meu pulso está quebrado – disse Alaric controladamente. Seu cabelo cor de areia estava caindo nos olhos.

-Você não pode culpar ninguém a não ser você – Meredith replicou amargamente. Bonnie que estava segurando, solicitamente, os ombros de Alaric, levantou os olhos ante a familiaridade do tom de Meredith e então retrocedeu alguns passos e se sentou.

-Mal posso esperar por ouvir uma explicação para isso – disse ela.

-Por favor, confie em mim – Meredith disse a Elena.

Elena olhou dentro de seus olhos escuros. Ela confiava em Meredith; ela diria então. E as palavras despertaram outra lembrança, sua própria voz pedindo a Stefan confiança. Assentiu.

-Damon? – disse ela.

Ele jogou a arma casualmente no chão e então sorriu para todos, deixando bem claro que não precisava de armas artificiais.

-Agora se todo mundo se limitar a escutar, todos compreenderão – disse Meredith.

-Oh, claro – disse Bonnie.

Elena se aproximou de Alaric Saltzman. Ela não estava com medo dele, mas o modo em que ele olhou somente para ela, vagarosamente, começando a por os pés no chão e logo se levantando, ele estava com medo dela.

Ela parou quando estava a um metro do lugar onde ele estava sentado no chão e se agachou ali, olhando para ele.

-Olá – disse ela.

Ele ainda estava segurando o pulso.

-Olá – respondeu, tragando saliva.

Elena deu uma rápida olhada para trás para ver Meredith e então voltou a olhar Alaric. Sim, ele estava assustado. E com o cabelo nos olhos daquele modo, parecia jovem. Podia ter quatro anos a mais que Elena, talvez cinco. Não mais que isso.

-Não vamos machucar você – disse ela.

-Isso é o que você está dizendo – disse Meredith em voz baixa. – Eu o expliquei que seja lá

o que já tenha visto, qualquer que seja a historia que já tenha ouvido, vocês dois eram diferentes. Contei o que você me contou sobre Stefan, o modo como tem lutado contra sua natureza durante todos esses anos. Contei sobre o que aconteceu, Elena, e que não queria que acabasse assim.

“Mas por que você contou todas essas coisas a ele?”, pensou Elena e disse a Alaric:

-Tudo bem, sabe coisas sobre nós. Mas tudo que sabemos sobre você é que é um professor de historia.

-É um caçador – disse Damon com suavidade, ameaçadoramente. – Um caçador de vampiros.

-Não – disse Alaric. – Ou ao menos não no sentido que você acha – Pareceu

tomar alguma decisão. – Tudo bem. Do que eu sei sobre vocês três... – se interrompeu passando os olhos pelo quarto escuro como se de repente reparasse em algo. – Onde está Stefan?

-Está a caminho. Na verdade, já deveria estar aqui agora. Ele ia parar na escola e trazer Caroline – disse Elena. Ela não estava preparada para a reação de Alaric.

-Caroline Forber? – disse ele abruptamente, sentando-se muito tenso. Sua voz soava como quando ela o ouvira falando com o sr. Feinberg e o diretor, cortante e enérgica.

-Sim; ela enviou um bilhete para ele hoje, ela disse que queria pedir desculpas ou algo assim. Ela queria encontra-lo na escola antes da festa.

-Ele não pode ir. Vocês têm que para-lo – Alaric se pôs de pé apressadamente e repetiu urgentemente: - Vocês precisam para-lo.

-Ele já foi. Por que? Por que ele não deveria ir? – quis saber Elena.

-Porque hipnotizei Caroline há dois dias. Tinha tentado antes com Tyler, sem existo. Mas Caroline é um bom sujeito, e recordou o que tinha acontecido na cabana. Identificou Stefan Salvatore como o atacante.

O chocante silêncio durou apenas uma fração de segundos. Então Bonnie disse:

-Mas o que Caroline pode fazer? Ela não pode machuca-lo...

-Você não entende? Não se trata de um encontro de estudantes na escola – disse Alaric. –

Isso foi longe demais. O pai de Caroline sabe sobre isso e o pai de Tyler também. Eles estão preocupados com a segurança da cidade...

-Xi! Fique quieto!

Elena procurava em sua mente, tentando encontrar algum sinal da presença de Stefan.

“Ele se deixou enfraquecer”, ela pensou, com a parte dela que mantinha uma calma glacial em meio ao turbilhão de medo e pânico. Por fim percebeu algo, só

um leve indício, mas lhe pareceu ser Stefan. E estava em apuros.

-Algo está errado – confirmou Damon e ela compreendeu que ele também devia tê-lo procurado com uma mente muito mais poderosa do que a dela. – Vamos.

-Espere, deixe eu falar com eles primeiro. Não se metam nisso. Mas Alaric podia ter falado com o vento, tentando reiterar seu poder destruidor com palavras. Damon já estava na janela e logo Elena também se deixava cair por ela, aterrizando limpidamente junto a Damon na neve. A voz de Alaric os seguiu de cima.

-Nós também vamos. Esperem aí. Deixe que eu fale com eles primeiro. Posso fazer isso... Elena apenas o olhou. Sua mente funcionava com um único propósito, um pensamento. Machucar as pessoas que queriam machucar Stefan. “Foram longe demais”, pensava, “e agora vou tão longe quanto seja necessário. Se se atreverem a toca-lo”.Em sua mente passavam imagens fugazes, rápidas demais para contá-las, do que faria. Em qualquer outro momento se sentiria chocada pela torrente de adrenalina, de excitação, que fluía naqueles pensamentos.

Podia perceber a mente de Damon junto a ela enquanto corriam a toda velocidade pela neve; era como se uma chama de luz vermelha e fúria. A ferocidade que havia dentro de Elena a recebeu de bom grado, feliz por senti-la tão perto. Mas então lhe ocorreu outra coisa.

-Vou diminuir o passo – disse ela.

Ela mal respirava, mesmo correndo pela neve virgem, conseguiram fazer um tempo extraordinário. Mas nada sobre as duas pernas, ou mesmo sobre quatro, poderia igualar a velocidade das asas de uma ave.

-Continue – disse ela. – Chegarei o mais rápido que puder. Me encontrarei com você. Não ficou para contemplar como o ar se desenrolava e se estremecia, ou o modo em que a escuridão rodopiava até se converter em um bater de asas que batiam no ar. Mas ela olhou para o alto para contemplar o corvo que se elevava as alturas e ouviu a voz mental de Damon.

“Boa caça”, disse, e a alada figura negra foi como uma flecha para a escola.

“Boa caça” foi o pensamento que Elena enviou para ele, e falava sério.

Redobrou a velocidade com a mente fixa o tempo todo naquele brilho da presença de Stefan.

Stefan jazia de costas, desejando que sua visão não fosse tão borrada ou que tivesse algo mais que um controle vacilante sobre a consciência. A visão borrada se devia em parte a dor e em parte a neve, mas também havia uma linha de sangue procedente da ferida de sete centímetros em sua cabeça.

Ele tinha sido tão estúpido por não ter dado uma olhada ao redor da escola; de ter visto vários carros com as luzes apagadas estacionados do outro lado. E agora ia pagar por aquela estupidez.

Se ao menos fosse capaz de se concentrar o suficiente para pedir ajuda... Mas a debilidade que permitira que esses homens pudessem com ele com tanta facilidade também o impedia. Não tinha se alimentado desde a noite de Tyler. De certo modo, isso era irônico. Seu próprio sentimento de culpa era responsável da enrascada em que se encontrava.

“Não devia ter tentado mudar minha natureza”, pensou, “por fim Damon estava certo. Todos eram iguais, Alaric, Caroline, todos. Todos o traíram. Deveria ter caçado todos e desfrutado disso”.

Esperou que Damon cuidasse de Elena. A garota estaria a salvo com ele; Damon era forte e implacável. Damon a ensinaria a sobreviver. Isso o alegrava. Mas algo em seu interior chorava.

Os agudos olhos de corvo distinguiram as luzes dos faróis cruzados no chão e a ave desceu. Mas Damon não precisava de confirmação visual; era guiado pelo tênue latido da força vital de Stefan. Tênue porque Stefan estava fraco e porque quase já se havia dado por vencido.

“Nunca vai aprender, não é, irmão?”, lhe disse Damon mentalmente. “Deveria deixa-lo aí

onde está”. Mesmo quando passava pelo chão em vôo rasante sua forma mudava, adotando uma forma que faria mais estrago que o de um corvo.

O lobo negro saltou no meio dos homens que rodeavam Stefan, dirigindo-se com precisão para o que segurava o cilindro afiado de madeira sobre o peito de Stefan. A força do golpe lançou o homem uns três metros para trás e a estaca

caiu sobre a era. Damon conteve o impulso – muito mais forte pela aparência que havia adotado – de fechar os dentes no pescoço do homem. Girou e virou para os outros dois homens que continuavam de pé. Sua segunda investida os dispersou, mas um deles alcançou o fim da luz e voltou, levantando algo a altura do ombro. “Um rifle”, pensou Damon. E provavelmente carregado com as mesmas balas carregadas especialmente que tinha na arma de Alaric. Não havia modo de alcançar o homem antes que disparasse. O lobo grunhiu e se preparou para dar um salto do mesmo jeito. O rosto roliço do homem se crispou em um sorriso. Veloz como o ataque de uma serpente, uma mão branca surgiu da escuridão e arrancou o rifle. O homem olhou freneticamente ao seu redor, perplexo, e o lobo deixou que suas mandíbulas se abrissem em um largo sorriso. Elena tinha chegado.

Capitulo 11

Elena contemplou como o rifle do sr. Smallwood girava na era. Desfrutou como a expressão no rosto do homem quando ele girou ao seu redor para procurar o que o havia arrebatado. E sentiu a chamada de aprovação de Damon do outro lado da zona iluminada, feroz e ardente como o orgulho de um lobo ante a primeira presa de seu filhote. Mas quando pôde ver Stefan caído no chão, esqueceu de tudo. Uma fúria incomensurável a deixou sem alento e começou a avançar para ele.

-Todos, parem! Parem tudo agora, exatamente onde estão!

O grito chegou junto ao guincho dos pneus. Alaric saltou do carro quase antes que ele parasse de se mover.

-O que está acontecendo aqui? – exigiu, avançando a grandes passos até os homens. Ao ouvi-lo, Elena retrocedeu automaticamente para as sombras e naquele momento contemplava os rostos dos homens enquanto eles se viravam para o recém-chegado. Além do sr. Smallwood, reconheceu o sr. Forbes e o sr. Bennett, o pai de Vickie Bennett. Os outros homens deviam ser os pais dos outros dois garotos que tinham estado com Tyler na cabana, se disse.

Foi um dos desconhecidos que respondeu a pergunta, com uma enunciação lenta que não conseguia ocultar todo o nervosismo subjacente.

-Bem, nós nos cansamos de continuar esperando. Decidimos acelerar um pouco as coisas. O lobo grunhiu. Foi um som surdo que se elevou até se converter em

um grunhido parecido ao de uma motocerra. Todos os homens retrocederam com um estremecimento e os olhos de Alaric se desorbitaram ao notar a presença do animal pela primeira vez. Soava outro som, mais pausado e continuado, procedente de uma figura abaixada junto a um dos carros. Caroline Forbes choramingava sem parar.

-Disseram que só queriam falar com ele. Não me disseram o que iam fazer. Alaric, com um olho posto no lobo, a apontou para ela com um gesto.

-E iam deixar que ela presenciasse-se isso? Uma jovem? Vocês se dão conta dos danos psicológicos que isso lhe podia causar?

-O que há de dano psicológico quando arrancarem sua garganta? – replicou o sr. Forbes e houveram gritos de consentindo. – É isso que nos preocupa.

-Nesse caso é melhor que se preocupem de encontrar o homem correto – disse Alaric. –

Caroline – acrescentou, se virando para ela. – Quero que pense. Não chegamos a finalizar nossa seção. Sei que quando pausamos pensava ter reconhecido Stefan. Mas, tem certeza que foi ele? Pode ter sido alguma outra pessoa, alguém que se parecesse com ele?

Caroline se levantou, se apoiando no carro e levantando o rosto manchado de lágrimas. Olhou Stefan, que acabava de se sentar no chão, e então para Alaric.

-Eu...

-Pense, Caroline. Tem que está absolutamente segura. Existe alguma outra pessoa que pudesse ter sido, como...?

-Como esse garoto que disse que se chama Damon Smith – se ouviu dizer a voz de Meredith; a garota era uma esbelta sombra de pé junto ao carro de Alaric. – Se lembra, Caroline? Veio a primeira festa de Alaric. Se parece com Stefan em alguns aspectos. A tensão manteve Elena em perfeita suspensão enquanto Caroline abria muito os olhos, perplexa. Então, lentamente, a garota de cabelos cor de mel começou a assentir.

-Sim... pode ter sido, eu acho. Tudo aconteceu tão depressa... Mas pode ter sido.

-E realmente não pode ter certeza de qual foi? – disse Alaric.

-Não... não com absoluta certeza.

-Viram – disse Alaric. – Disse a vocês que ela precisava de mais sessões, que não podíamos estar certos de nada ainda. Ainda está muito confusa.

Ele avançava, com cuidado, até Stefan. Elena notou que o lobo voltava a retroceder para as sombras. Ela podia vê-lo, mas os homens provavelmente não.

O desaparecimento do animal os fez mais agressivos.

-Do que está falando? Quem é esse Smith? Nunca o vi.

-Mas sua filha, Vickie, provavelmente o viu, sr. Bennett – disse Alaric. – Isso podia sair na próxima sessão com ela. Falaremos disso amanhã; pode esperar esse tempo. Agora creio que o melhor será que levem Stefan a um hospital.

Alguns dos homens se mostraram inconformados.

-Oh, certamente, e enquanto nós esperamos alguma coisa acontecer – começou a dizer o sr. Smallwood. – A qualquer momento, em qualquer lugar...

-Então vocês simplesmente vão fazer justiça com as próprias mãos? – disse Alaric, e sua voz se tornara dura. – Mesmo que tenham o suspeito certo ou errado? Onde estão as provas que esse garoto possui poderes sobrenaturais? Que provas vocês tem? Quanta resistência sequer impôs?

-Tem um lobo por aqui que se opôs com muita resistência – replicou o sr. Smallwood com o rosto ruborizado. – Além do mais estão juntos com ele.

-Não vejo nenhum lobo. Vi um cachorro. Talvez um dos cachorros que escaparam da quarentena. Mas o que isso tem a ver com tudo? Lhes digo que em minha opinião profissional pegaram o homem errado.

Os homens titubearam, mas ainda existia alguma duvida em seus rostos. Meredith tomou a palavra.

-Creio que deveriam saber que tem tido ataques de vampiros neste condado anteriormente – disse. – Muito tempo antes de Stefan chegar aqui. Meu avô foi

uma vítima. Talvez alguns de vocês tenham ouvido falar disso – olhou em direção a Caroline. Aquilo pôs fim a questão. Elena viu como os homens trocaram olhares inquietos e retornaram para seus carros. De repente todos eles pareciam ansiosos para estarem em outro lugar.

O sr. Smallwood foi o único que ficou para trás para dizer:

-Disse que falaríamos sobre isso amanhã, Saltzman. Quero ouvir o que diz meu filho na próxima vez que o hipnotizem.

O pai de Caroline puxou sua filha e a empurrou para dentro do carro a toda pressa, murmurando algo sobre que aquilo era um erro e que ninguém o considerava suficientemente sério.

Quando o último carro foi embora, Elena correu para junto de Stefan.

-Você está bem? Machucaram você?

Ele se afastou do braço de Alaric que o sustentava.

-Alguém me golpeou por trás enquanto falava com Caroline. Estou bem... agora – dirigiu uma veloz olhada para Alaric. – Obrigado. Por que?

-Está do nosso lado – explicou Bonnie, reunindo-se com eles. – Eu disse a vocês. Então, Stefan, está bem de verdade? Por um segundo pensei que eu fosse desmaiar aqui. Eles não falavam sério. Quero dizer, eles não pensavam realmente em...

-De verdade ou não, não acho que devamos permanecer aqui – disse Meredith. – Precisa realmente ir a um hospital?

-Não – respondeu Stefan enquanto Elena examinava com ansiedade o corte em sua cabeça. – Só preciso descansar. Algum lugar para me sentar.

-Tenho minhas chaves. Vamos para a sala de história – disse Alaric. Bonnie passava os olhos pela escuridão com apreensão.

-O lobo também? – disse e logo pegou um susto quando uma sombra adquiriu solidez e se transformou em Damon.

-Que lobo? – perguntou ele.

Stefan virou levemente, fazendo uma careta de dor.

-Obrigado a você também – disse friamente.

Mas os olhos de Stefan permaneceram postos em seu irmão com algo parecido com perplexidade enquanto se encaminhavam ao edifício da escola.

No corredor, Elena se encostou ao lado dele.

-Stefan, como é que não notou que eles se aproximavam pelas suas costas? Por que estava tão fraco?

Stefan sacudiu a cabeça evasivamente, e ela disse:

-Quando foi a ultima vez que você se alimentou? Stefan, quando foi? Sempre dá alguma desculpa quando eu ando por aí. O que está tentando fazer?

-Estou bem – disse. – De verdade, Elena. Caçarei mais tarde.

-Você promete?

-Eu prometo.

Naquele momento, não ocorreu a Elena que não tinham dito o que era “mais tarde”. Deixou que ele a conduzisse ao corredor adiante.

A sala parecia diferente durante a noite aos olhos de Elena. Havia uma atmosfera estranha nela, como se as luzes fossem fortes demais. Naquele momento todas as mesas estavam colocadas de lado e haviam cinco cadeiras colocadas diante da mesa de Alaric. Ele, que acabara de organizar os moveis, convenceu Stefan a ocupar seu próprio assento acolchoado.

-Bem, por que vocês também não se sentam?

Se limitaram a olha-lo. Em um instante, Bonnie se deixou cair em uma cadeira, mas Elena permaneceu junto a Stefan, Damon ficou encostado na metade do caminho entre grupo e a porta, e Meredith empurrou alguns papeis até a parte central da mesa de Alaric e se acomodou em uma quina dela.

O olhar de professor desapareceu dos olhos de Alaric.

-Muito bem – disse e se sentou em uma das cadeiras para alunos. – Bem.

-Bem – disse Elena.

Todos olharam todos. Elena pegou um pedaço de algodão da caixa de primeiros socorros que tinha pego na entrada e começou a dar ligeiros toques na cabeça de Stefan.

-Creio que é hora de explicação – disse.

-Certo. Sim. Bem, todos parecem ter adivinhado que não sou um professor de historia...

-Nos primeiros cinco minutos – disse Stefan.

A voz dele soou tranqüila e perigosa, e com um estremecimento, Elena recordou que se parecia com a de Damon.

-Então, o que você é?

Alaric fez um gesto de desculpas e respondeu quase com timidez:

-Um psicólogo. Não um que usa um divã – disse apressadamente quando os outros trocaram olhares. – Sou um investigador, um psicólogo experimental. Da universidade Duke. Vocês sabem, onde iniciam os experimentos sobre percepção extras sensorial.

-Onde eles fazem você adivinhara o que há na cartolina sem ver – perguntou Bonnie.

-Sim, bom, tem ido mais longe do que isso agora, desde então. Ainda que não me importaria de fazer uma prova com as cartolinas Rhine, em especial quando se está em uma dessas confusões – o rosto de Alaric se iluminou com um interesse cientifico. Então ele limpou a garganta e continuou. – Mas... ah... como dizia, começou há dois anos, quando fiz um trabalho sobre parapsicologia. Não tentava demonstrar que existiam poderes sobrenaturais, só queria estudar qual é seu efeito psicológico nas pessoas que o possuem. Bonnie, aqui presente, é um desses casos – a voz de Alaric adotou um tom de confidencia.

– O que lhe provoca mentalmente, emocionalmente, ter que lidar com esses poderes?

-É terrível – interrompeu Bonnie com veemência. – Não os quero. Eu os odeio.

-Bem, então – disse Alaric. – Tinha proporcionado um estudo fantástico. Meu problema era que não tinha ninguém com autênticos poderes para examinar. Havia uma grande quantidade de farsantes: curadores com cristais, videntes, canalizadores, de tudo que você pensar. Mas não pôde encontrar nada genuíno até que recebi uma informação de um amigo do corpo de polícia. Havia uma mulher na Carolina do Sul que afirmava ter sido mordida por um vampiro e que desde então padecia de pesadelos psíquicos. Até então eu estava tão acostumado com os farsantes que esperava que fosse só mais um. Mas não era, não ao menos a respeito da mordida. Jamais pude provar que tivesse poderes psíquicos.

-Como você podia ter certeza que haviam sido mordida – disse Elena.

-Havia provas médicas. Restos de saliva nas feridas que eram similares a saliva humana... mas não eram. Continha um agente anti-colagulante similar ao que se encontra na saliva das sanguessugas... – Alaric parou e então prosseguiu a toda pressa. – Em todo caso, eu tinha certeza. E foi assim que começou. Uma vez que me convenci de que algo havia realmente acontecido a ela, comecei a procurar outros casos como o dela. Não havia uma grande quantidade deles, mas existia. Pessoas que tinham tropeçado com vampiros. Abandonei todos meus estudos e me concentrei em localizar vitimas de vampiros e examina-las. E modéstia a parte, me tornei um expert mais importante nesse campo –

concluiu com modéstia. – Escrevi vários trabalhos...

-Mas nunca tinha visto um vampiro de verdade – interrompeu Elena. – Até agora, quero dizer. Não é?

-Bom... não. Não, em carne e osso. Mas escrevi monografias... e coisas – sua voz foi se apagando.

Elena mordeu o lábio.

-O que fazia com os cachorros? – perguntou. – Na igreja, quando agitava as mãos em direção a eles.

-Ah... – Alaric pareceu envergonhado -, aprendi algumas coisas aqui e ali, sabe como é. Era um conjuro que um velho da montanha me ensinou para afastar o mal. Pensei que podia funcionar.

-Tem muito o que aprender – disse Damon.

-Evidentemente – respondeu ele friamente e então se deu de ombros. – Na realidade, me imaginei nisso quando cheguei aqui. Seu diretor, Brian Newcastle, tinha ouvido falar de mim. Conhecia os estudos que eu realizo. Quando mataram Tanner e o dr. Feinberg não encontrou sangue no corpo e encontrou lacerações feitas por dentes no pescoço... Bom, me chamaram. Pensei que podia ser uma grande oportunidade para mim..., um caso com um vampiro na área. O único problema foi que quando cheguei aqui me dei conta que esperavam que eu desse conta do vampiro. Não sabiam que só havia lidado com as vítimas. E... bom, talvez isso me superasse. Mas fiz todo o possível para justificar sua confiança...

-Fingiu – disse Elena – Isso foi o que você fez quando o ouvi falando com eles na sua casa sobre encontrar nossa suposta guarita e tudo isso. Simplesmente, improvisava.

-Bom, não exatamente – disse ele. – Teoricamente, sou um expert – então racionou a suas palavras. – A que se refere quando diz que me ouviu falar com eles?

-Enquanto você estava fora procurando um esconderijo, ela dormia no seu sótão – lhe informou Damon secamente.

Alaric abriu a boca e logo voltou a fecha-la.

-O que eu gostaria de saber é como Meredith entra em tudo isso – interveio Stefan, e não sorria.

Meredith, que estava contemplando pensativamente a bagunça de papeis que estavam na mesa de Alaric durante todo aquele tempo, levantou os olhos. Falou sem se alterar, sem emoção.

-O reconheci, sabe? Não conseguia lembrar de onde no começo, porque já fazia três anos. Então compreendi que foi no hospital onde estava meu avô. O que contei a esses homens é a verdade, Stefan. Meu avô foi atacado por um vampiro – houve um curto silêncio e Meredith continuou falando. – Aconteceu há muito

tempo, antes que eu nascesse. Não ficou muito sequelado, mas jamais se recuperou completamente. Se tornou... Bom, algo parecido com que Vickie se tornou, só que mais violento. Chegou a tal ponto que tivessem medo que fizesse mal a si mesmo ou a alguma outra pessoa. E foi assim que o levaram a um hospital, um lugar onde estaria a salvo.

-Um hospital para doentes mentais – disse Elena, e sentiu uma pulsada de compaixão pela garota de cabelos escuros. – Ah, Meredith. Por que você não disse nada? Podia ter nos contado.

-Eu sei. Deveria ter dito..., mas não podia. A família o manteve em segredo por muito tempo; ou tentou, ao menos. Pelo que Caroline escreveu no seu diário, evidentemente ela ouviu algo sobre isso. A questão é que ninguém jamais acreditou nas historias do meu avô

sobre o vampiro. Simplesmente, pensaram que era outro de seus delírios e ele tinha muitos. Nem sequer eu acreditava... até que Stefan chegou. E então... não sei, minha mente começou a encaixar coisas sem importância. Mas realmente não acreditava no que pensava até que você voltou, Elena.

-Me surpreende que não me odiasse – disse Elena em voz baixa.

-Como podia odiar você? Conheço você e conheço Stefan. Sei que não são malvados –

Meredith não olhou para Damon; o ignorava, como se ele nem ao menos estivesse ali. –

Mas quando lembrei ter visto Alaric falando com meu avô no hospital, soube quem ele era. Sé que não sabia exatamente como reunir todos vocês e mostrar isso.

-Nem eu a reconheci – disse Alaric. – O velho se chamava de outra forma; o pai da tua mãe, não é? E pode ser que eu a tenha visto rondando a sala de espera alguma vez, mas não é mais do que uma garotinha de pernas finas. E então mudou – disse como um elogio. Bonnie tossiu com um som muito significativo.

Elena tentava organizar as coisas em sua mente.

-Então o que faziam os homens lá de fora com uma estaca se você não os disse

para está

ali?

-Tive que pedir permissão aos pais de Caroline para hipnotiza-la. E os informei sobre o que descobri. Mas se pensa que tive algo a ver com o que aconteceu essa noite, está errada. Nem sequer sabia.

-Contei a ele o que temos feito, como temos estado procurando o Outro Poder – explicou Meredith. – E quer ajudar.

-Disse que poderia ajudar – disse com cautela.

-Errado – disse Stefan. – Ou está conosco ou contra nós. Agradeço pelo que fez lá fora, ao falar com eles, mas continuo de pé. Para começar, você começou grande parte disso. Agora tem que decidir: está do nosso lado... ou do deles?

Alaric olhou para cada um deles, observou o firme olhar de Meredith e as sobrancelhas arqueadas de Bonnie, Elena sentada no chão e a cabeça de Stefan que já cicatrizava. Então desviou os olhos para Damon, que estava encostado contra a parede, sombrio e taciturno.

-Ajudarei – disse por fim. – Demônios, é o estudo definitivo.

-Então está certo – disse Elena. – Está dentro. Agora o que acontecerá com o sr. Smallwood amanhã? E se ele quiser que você volte a hipnotizar Tyler?

-Vou enrola-lo – respondeu ele. – Não funcionará eternamente, mas nos dará tempo. Direi a ele que terei que ajudar no baile...

-Espere – disse Stefan. – Não deveria haver um baile, não se há um modo de evita-lo. Está

com boas relações com o diretor; pode falar com a junta escolar. Faça que o cancelem. Alaric pareceu sobressaltado.

-Você acha que vai acontecer algo?

-Sim – respondeu Stefan. – Não só devido ao que tem acontecido nos outros atos públicos, e sim, porque está preparando algo. Tem estado preparando algo a

semana toda; posso notar.

-Eu também – disse Elena.

Não tinha reparado nele até aquele momento, mas a tensão que sentia, a sensação de emergência, não estavam simplesmente dentro dela. Estava fora, em todas as partes. Diferenciava o ambiente.

-Algo vai acontecer, Alaric.

Alaric soltou o ar com um suspiro pausado.

-Bem, posso tentar convence-los, mas... não sei. O diretor está empenhado em manter um aspecto de normalidade o tempo todo. E não é como se eu pudesse dar uma explicação racional para querer enclausurá-lo.

-Se esforce – disse Elena.

-Tentarei. E você deveria tentar se proteger. Se o que Meredith me disse está correto, então a maioria dos ataques tem sido para você e as pessoas próximas a você. Jogaram seu namorado em um poço; perseguiram seu carro até joga-lo em um rio; arruinaram seu funeral. Meredith disse que até sua irmã mais nova foi ameaçada. Se algo vai acontecer amanhã era melhor que saísse da cidade.

Foi então que Elena se tocou. Nunca tinha pensado nos ataques desse modo, mas ele estava certo. Olhou como Stefan respirava com força e sentiu que os dedos dele se fechavam com mais força sobre os seus.

-Tem razão – disse Stefan. – Deve ir, Elena. Eu posso ficar até que...

-Não. Não vou sem você. E – prosseguiu Elena, lentamente, considerando com cuidado –

não vou ir a lugar nenhum até que encontremos o Outro Poder e o detenhamos –

levantou os olhos para ele muito séria, falando depressa agora. – Stefan, não se dá conta, ninguém mais tem uma possibilidade sequer contra ele. O sr. Smallwood e seus amigos não tem nem idéia. Alaric pensa que pode combate-lo agitando as mãos na frente dele. Nenhum deles sabe o que enfrentamos. Somos os únicos que podemos ajudar. Via a resistência nos olhos de Stefan e sentia a

tensão em seus músculos. Mas a medida que continuava olhando diretamente para ele, viu como suas objeções caiam uma a uma. Pelo simples motivo de que era a verdade e Stefan odiava mentir.

-Tudo bem – disse ele por fim, com pesar. – Mas enquanto isso finalize, nos vamos. Não vou deixar que fique em uma cidade que grupos vigilantes correm com estacas.

-Sim – disse ela, devolvendo a pressão de seus dedos nos dele. – Quando isso acabe, vamos embora.

Stefan virou a cabeça para Alaric.

-E se não há um modo de dissuadi-los a parar o baile de amanhã, acho que devemos manter uma vigilância sobre ele. Se finalmente acontecer algo, talvez possamos detê-lo antes que perca o controle.

-Essa é uma boa idéia – disse Alaric, se animando. – Podíamos nos reunir amanhã depois do escurecer, aqui, na sala de aula de historia. Ninguém vem aqui. Podíamos vigiar toda a noite.

Elena dirigiu um duvidoso olhar para Bonnie.

-Bom... significa perder o baile em si; para aquele de nós que poderia ter ido, quero dizer. Bonnie se ergueu completamente.

-Bom, quem se importa de perder um baile? – disse indignada. – O que importa um baile para alguém?

-Tudo bem – disse Stefan em tom sério. – Então está decidido.

Um espasmo de dor pareceu percorre-lo e fez uma careta olhando o chão. Elena se sentiu imediatamente preocupada.

-Precisa ir para casa e descansar – disse. – Alaric, pode nos levar no carro? Não é muito longe.

Stefan declarou que era perfeitamente capaz de andar, mas acabou cedendo. Uma vez na casa de hospedes, depois que Stefan e Damon saíram do carro, Elena se inclinou sobre a janela de Alaric para fazer uma ultima pergunta. Era

algo que estava atormentando sua mente desde o momento em que Alaric havia lhes contado sua historia.

-A respeito dessas pessoas que haviam tropeçado com vampiros – disse. – Quais eram os efeitos psicológicos? Quero dizer, todos ficavam loucos ou tinham pesadelos? Algum deles seguiram adiante normalmente?

-Depende do individuo – respondeu ele. – E de quantos encontros tenham dito, e de que tipo de contatos foram. Mas em sua maioria depende da personalidade da vitima, do quão bem pudessem lidar com isso na mente dele.

Elena assentiu e não disse nada até que as luzes do carro de Alaric foram engolidas pelo ar inundado de pedaços de neve. Então se virou para Stefan.

-Matt.

Capítulo 12

Stefan olhou para Elena, cristais de neve salpicados em seu cabelo escuro. “O que tem o Matt?”

“Eu me lembro – de algo. Não está claro. Mas naquela primeira noite, quando eu não era mim mesma – eu vi o Matt? Eu–?”

Medo e uma nauseante sensação de consternação passaram por sua garganta e interromperam suas palavras. Mas ela não precisou terminar, e Stefan não precisou responder. Ela viu isso em seus olhos.

“Era a única maneira, Elena,” ele disse então. “Você teria morrido sem sangue humano. Você preferia ter atacado alguém relutante, machucado-o, talvez matado-o? A necessidade pode levá-la a isso. É isso o que você teria querido?”

“*Não*,” Elena disse violentamente. “Mas tinha que ser o Matt? Ah, não responda isso; eu não consigo pensar em mais ninguém, tampouco.” Ela tomou um fôlego instável. “Mas agora estou preocupada com ele, Stefan. Eu não o vi desde aquela noite. Ele está bem? O

que ele disse a você?”

“Não muito,” disse Stefan, olhando para longe. “ ‘Deixe-me em paz’ foi o

principal. Ele também negou que algo tenha acontecido naquela noite, e disse que você estava morta."

"Parece com uma dessas pessoas que não sabem lidar com as coisas," Damon comentou.

"Ah, cala a boca!" disse Elena. "Fique fora disso, e enquanto faz isso, podia pensar sobre a coitada da Vickie Bennett. Como você acha que *ela* está lidando com as coisas atualmente?"

"Podia ajudar se eu soubesse quem essa Vickie Bennett é. Você fica falando sobre ela, mas eu nunca conheci essa garota."

"Sim, você conheceu. Não brinque comigo, Damon – o cemitério, se lembra? A Igreja arruinada? A garota que você deixou vagando de lingerie?"

"Desculpa, não. E eu geralmente me *lembro* de garotas que eu deixo vagando em lingerie."

"Creio que foi Stefan que fez, então," Elena disse sarcasticamente. Raiva relampejou na superfície dos olhos de Damon, cobertos rapidamente por um sorriso perturbador.

"Talvez ele tenha feito. Talvez *você* tenha feito. É tudo igual para mim, exceto que eu estou ficando um pouco cansado dessas acusações. E agora –"

"Espera," disse Stefan, com uma surpreendente brandura. "Não vá ainda. Nós deveríamos falar–"

"Receio ter um compromisso prévio." Houve um alvoroço de asas, e Stefan e Elena ficaram sozinhos.

Elena colocou os nós dos dedos em seus lábios. "Droga. Eu não quis deixá-lo nervoso. Depois dele ter sido realmente quase civilizado a noite toda."

"Deixa pra lá," disse Stefan. "Ele gosta de ficar nervoso. O que você estava dizendo sobre o Matt?"

Elena viu o desgaste no rosto de Stefan e colocou um braço ao redor dele. "Não vamos falar sobre isso agora, mas eu acho que talvez amanhã devêssemos vê-lo.

Para contar a ele...”

Elena levantou sua outra mão desemparadamente. Ela não sabia o que queria contar a Matt; ela só sabia que precisava fazer *algo*.

“Eu acho,” disse Stefan lentamente, “que é melhor *você* ir ver ele. Eu tentei falar com ele, mas ele não quis me ouvir. Eu consigo entender, mas talvez você tenha mais sucesso. E eu acho,” ele pausou e então continuou resolutamente, “e eu acho que seria melhor você

estar sozinha com ele. E você poderia ir agora.”

Elena olhou para ele duramente. “Tem certeza?”

“Sim.”

“Mas – você vai ficar bem? Eu devia ficar com você–”

“Eu vou ficar bem, Elena,” Stefan disse, gentilmente, “Vá.”

Elena hesitou, então concordou. “Eu não vou demorar,” ela prometeu a ele.

Sem ser vista, Elena deslizou pelo lado da casa com tinta descascando e a caixa de correio torta com o nome *Honeycutt.* A janela de Matt estava destrancada. Que garoto descuidado, ela pensou desaprovadoramente. Você não sabe que alguma coisa pode se infiltrar?

Ela a abriu facilmente, mas obviamente era só até onde podia ir. Uma barreira invisível que parecia com uma parede suave de ar pesado bloqueava seu caminho.

“Matt,” ela sussurrou. O quarto estava escuro, mas ela conseguia ver uma forma vaga na cama. Um relógio digital com números verdes pálidos mostrava que era 12:15.

“Matt,” ela sussurrou novamente.

A silhueta se moveu. “Hein?”

“Matt, eu não quero assustá-lo.” Ela deixou sua voz suave, tentando acordá-lo

gentilmente ao invés de matá-lo de susto. “Mas sou eu, Elena, e eu queria conversar. Só

que você tem que me convidar para entrar primeiro. Pode me convidar?”

“Hã. Entre.”

Elena ficou maravilhada com a falta de surpresa em sua voz. Somente depois dela ter passado pelo umbral que ela percebeu que ele ainda estava adormecido.

“Matt. *Matt*,” ela sussurrou, com medo de chegar perto demais. O quarto estava sufocante e superaquecido, o radiador a todo poder. Ela conseguia ver um pé nu para fora do amontoado de cobertores na cama e cabelo loiro no topo.

“Matt?” Brevemente, ela se inclinou e o tocou.

Isso provocou uma reação. Com um grunhido explosivo, Matt se sentiu retamente, movendo-se repentinamente. Quando os olhos dele encontraram os dela, eles estava arregalados e a encaravam.

Elena se pegou tentando parecer pequena e inofensiva, não-ameaçadora. Ela recuou contra a parede. “Não quis te assustar. Eu sei que é um choque. Mas você falaria comigo?”

Ele simplesmente continuou encarando-a. Seu cabelo amarelo estava suado e desordenado como penas de frango molhadas. Ela conseguia ver a pulsação dele batendo em seu pescoço nu. Ela receava que ele se levantasse e se arrojasse para fora do quarto. Então os ombros dele relaxaram, afundando, e ele lentamente fechou seus olhos. Ele estava respirando profunda mas irregularmente. “Elena.”

“Sim,” ela sussurrou.

“Você está morta.”

“Não. Eu estou aqui.”

“Pessoas mortas não voltam. Meu pai não voltou.”

“Eu não morri de verdade. Eu só me transformei.” Os olhos de Matt ainda estavam fechados de repudiação, e Elena sentiu uma onda gelada de

desesperança inundá-la. “Mas você queria que eu tivesse morrido, não queria? Eu vou embora agora,” ela sussurrou. O rosto de Matt se rachou e ele começou a chorar.

“Não. Ah, não. Ah, não, Matt, por favor.” Ela se pegou acariciando ele, lutando para ela própria não chorar. “Matt, eu sinto muito; eu nem deveria ter vindo aqui.”

“Não se vá,” ele soluçou. “Não vá embora.”

“Eu não irei.” Elena perdeu a batalha, e lágrimas caíram no cabelo úmido de Matt. “Eu não quis te machucar, nunca,” ela disse. “*Nunca*, Matt. Todas aquelas vezes, todas aquelas coisas que eu fiz – eu nunca quis te machucar. Verdadeiramente…” Então ela parou de falar e simplesmente segurou-o.

Após um tempo, a respiração dele se acalmou e ele se sentou de volta, enxugando seu rosto com um punhado do lençol. Os olhos dele evitaram os dela. Havia um olhar em seu rosto, não só de vergonha, mas de desconfiança, como se ele estivesse se preparando para algo que temia.

“Certo, então você está aqui. Você está viva,” ele disse asperamente. “Então o que você

quer?”

Elena ficou embasbacada.

“Vamos, deve haver algo. O que é?”

Novas lágrimas surgiram, mas Elena engoliu-as de volta. “Creio que mereço isso. Eu *sei* que mereço. Mas uma vez na vida, Matt, eu não quero absolutamente nada. Eu vim me desculpar, dizer que sinto muito por ter usado você – não só aquela noite, mas sempre. Eu me preocupo com você, e eu me preocupo se você se machuca. Eu achei que talvez eu pudesse melhorar as coisas.” Depois de um silêncio pesado, ela acrescentou, “Acho que *irei* embora agora.”

“Não, espera. Espera um segundo.” Matt esfregou sua cara com o lençol novamente.

“Escuta. Isso foi estúpido, e eu sou um canalha–”

“É verdade e você é um cavalheiro. Ou teria me dito para eu me mandar a muito tempo.”

“Não, eu sou um canalha estúpido. Eu deveria estar batendo a minha cabeça contra a parede de felicidade por você não estar morta. Eu baterei em um minuto. Escuta.” Ele agarrou o pulso dela e Elena olhou para ele com uma branda surpresa. “Eu não ligo se você é o Monstro da Lagoa Negra, o Coisa, Godzilla e o Frankenstein todos juntos. Eu só–”

"Matt." Entrando em pânico, Elena colocou sua mão livre em cima da boca dele.

“Eu sei. Você está noiva do cara da capa negra. Não se preocupe; eu me lembro dele. Eu até gosto dele, sabe-se lá por que.” Matt tomou fôlego e pareceu se acalmar. “Olaha, eu não sei se Stefan te contou. Ele disse um monte de coisas para mim – sobre ser malvado, sobre não estara arrependido sobre o que ele fez à Tyler. Você sabe do que eu estou falando?”

Elena fechou seus olhos. “Ele quase não comeu desde aquela noite. Eu acho que ele caçou uma vez. Hoje a noite ele quase se matou por estar tão fraco.”

Matt concordou. “Então é essa besteira. |Eu deveria saber.”

“Bem, é e não é. A necessidade é forte, mais forte do que você consegue imaginar.” Elena estava começando a perceber que *ela* não tinha se alimentado hoje e que ela estivera faminta antes de saírem atrás de Alaric. “De fato - Matt, é melhor eu ir. Só uma coisa – se houver um baile amanhã a noite, não vá. Algo vai acontecer lá, algo ruim. Nós vamos tentar tomar contar, mas eu não sei o que podemos fazer.”

“Quem é ‘nós’?” Matt disse severamente.

“Stefan e Damon – eu acho que Damon – e eu. E Meredith e Bonnie... e Alaric Saltzman. Não pergunte sobre Alaric. É uma longa história.”

“Mas *contra* o que vocês estão tomando conta!”

“Eu esqueci; você não sabe. *Essa é* uma longa história, também, mas... bem, a resposta curta é, o que quer que me matou. O que quer que fez aqueles cachorros atacaram as pessoas no memorial. É algo ruim, Matt, que tem estado por Fell’s Church por um tempo. E nós vamos tentar impedir isso de fazer qualquer coisa

amanhã a noite.” Ela tentou não se contorcer. “Olhe, eu sinto muito, mas eu realmente deveria ir embora.” Os olhos dela vagaram, voluntariamente, para a ampla veia azul no pescoço dele. Quando ela conseguiu afastar seu olhar e olhar para o rosto dele, ela viu choque cedendo o caminho para um entendimento repentino.

Então para algo inacreditável: aceitação. “Tudo bem,” Matt disse. Ela não teve certeza se ouvira bem. "Matt?"

“Eu disse, tudo bem. Não me machucou antes.”

“Não. Não, Matt, sério. Eu não *vim* aqui pra isso–”

“Eu sei. É por isso que eu quero. Eu quero te dar algo que você *não* pediu.”

Após um momento ele disse, “Pela amizade.”

Stefan, Elena estava pensando. Mas Stefan tinha dito a ela para vir, e vir sozinha. Stefan sabia, ela percebeu. E estava tudo bem. Era o seu presente para Matt – e para ela. Mas eu vou voltar para *você*, Stefan, ela pensou.

Enquanto ela se inclinava na direção dele, Matt disse, “Eu vou ajudar você amanha, sabe. Mesmo se eu não for convidado.”

Então os lábios dela tocaram a garganta dele.

13 de dezembro, sexta-feira

Querido Diário,

Hoje a noite é a noite.

Eu sei que já escrevi isso antes, ou pensei pelo menos. Mas hoje a noite é a noite, a grande, quando tudo vai acontecer. É isso.

Stefan sente isso, também. Ele voltou da escola hoje para me dizer que o baile ainda vai acontecer – o Sr. Newcastle não queria causar pânico ou algo assim ao cancelá-lo. O que eles vão fazer é deixar “seguro” o lado de fora, o que significa policiais, eu acho. E

talvez o Sr. Smallwood e alguns de seus amigos com rifles. O que quer que vá acontecer, eu não acho que eles conseguiram parar.

Eu não sei se nós conseguiremos, tampouco.

Esteve nevando o dia todo. A passagem está bloqueada, o que quer dizer que nada em rodas entra ou sai da cidade. Até que o trator para evacuar a neve chegue lá, o que não vai ser até de manhã, o que será tarde demais.

E o ar tem um pressentimento estranho. Não só a neve. É como se algo ainda mais gelado do que ela estivesse esperando. Recuou do jeito que o oceano recua antes de uma onda excepcionalmente grande. Quando soltar...

Eu pensei sobre o meu outro diário hoje, o debaixo do piso de madeira do armário do meu quarto. Se eu ainda possuo algo, eu possuo aquele diário. Eu pensei em pegá-lo, mas eu não quero ir para casa novamente. Eu não acho que consiga lidar com isso, e eu sei que a tia Judith não conseguiria se me visse.

Estou surpresa que foram capazes de lidar com isso. Meredith, Bonnie – especialmente Bonnie. Bem, Meredith, também, considerando o que sua família já passou. Matt. Eles ão amigos bons e leais. É engraçado, eu costumava pensar que sem uma galáxia inteira de amigos e admiradores eu não sobreviveria. Agora eu estou perfeitamente feliz com três, muito obrigada. Porque eles são amigos de verdade. Eu não sabia o quanto me importava com eles antes. Ou com Margaret, ou tia Judith, até. E todos na escola... eu sei que há algumas semanas eu dizia que eu não ligava se toda a população da Robert E. Lee morresse, mas isso não é verdade. Hoje a noite eu farei o meu melhor para protegê-los.

Eu sei que estou pulando de um assunto para outro, mas eu só estou falando sobre coisas que são importantes para mim. Meio que reunindo eles na minha mente. Só por precaução.

Bem, está na hora. Stefan está esperando. Eu vou terminar essa última linha e então ir. Eu acho que vamos vencer. Eu espero que sim.

Nós vamos tentar.

A sala de história estava quente e claramente iluminada. No outro lado do prédio da escola, a cantina estava ainda mais clara, brilhando com as luzes e decorações

do Natal. Assim que chegou, Elena tinha examinado-a de uma distância segura, observando os casais chegando para o baile e passando pelos policiais na porta. Sentindo a silenciosa presença de Damon atrás dela, ela apontou uma garota de cabelo castanho claro comprido.

“Vickie Bennett,” ela disse.

“Confio em você,” ele replicou.

Agora, ela olhava ao redor do quartel temporário deles essa noite. A mesa de Alaric tinha sido limpa, e ele estava inclinado sobre um esboço do mapa da escola. Meredith se inclinou ao lado dele, seu cabelo escuro batendo na manga dele. Matt e Bonnie estavam fora no estacionamento se misturando com os que vieram ao baile, e Stefan e Damon estavam rondando o perímetro do terreno da escola. Eles iam se revezar.

“É melhor você ficar aqui dentro,” Alaric tinha dito à Elena. “Tudo o que precisamos é que alguém te veja para começar a caçá-la com uma estaca.”

“Eu estive andando pela cidade a semana toda,” Elena disse, entretida. “Se eu não quiser ser vista, você não me verá.” Mas ela concordara em ficar na sala de história e coordenar. É como um castelo, ela pensou, enquanto observava Alaric organizar as posições da rodada, o relógio chato na parede sinalizando os minutos.

Elena observava isso enquanto deixava as pessoas entrarem e depois saírem. Ela serviu café quente de uma garrafa térmica para aqueles que queriam. Ela escutou os relatos chegando.

“Tudo está quieto no lado norte da escola.”

“Caroline acabou de ser coroada rainha da neve. Grande surpresa.”

“Alguns brutamontes no estacionamento – o policial acabou de segurá-los...”

A meia-noite chegou e se foi.

“Talvez estivéssemos errados,” Stefan disse mais ou menos uma hora depois. Era a primeira vez que todos estavam juntos do lado de dentro desde o começo da noite.

“Talvez esteja acontecendo em algum outro lugar,” disse Bonnie, esvaziando uma bota e espiando dentro dela.

“Não tem jeito de saber onde vai acontecer,” Elena disse firmemente. “Mas não estávamos errados sobre isso acontecer.”

“Talvez,” disse Alaric pensativamente, “*haja* um jeito. De descobrir onde vai acontecer, eu digo.” Quando as cabeças se levantaram questionadoramente, ele disse, “Precisamos de uma predição.”

Todos os olhos se voltaram para Bonnie.

“Ah, não,” Bonnie disse. “Estou cheia de tudo isso. Eu *odeio*.”

“É um grande dom–” começou Alaric.

“É um grande porre. Olhe, vocês não entendem. As previsões comuns são ruins o bastante. Sinto que na maior parte do tempo eu estou descobrindo coisas que não quero saber. Mas ser tomada por completo – isso é *terrível*. E depois eu nem me lembro do que disse. É horrível.”

“Ser tomada por completo?” Alaric repetiu. “O que é isso?”

Bonnie suspirou. ”Foi o que aconteceu comigo na Igreja,” Ela disse pacientemente. “Eu consigo fazer outros tipos de previsões, tipo achar água ou ler palmas” – ela olhou para Elena, e então para longe – “e coisas assim. Mas aí há vezes quando – alguém – me possui e só me usa para falar por eles. É como ter outra pessoa no meu corpo.”

“Como no cemtério, quando você disse que havia algo lá esperando por mim,” disse Elena.

“Ou quando você me avisou para não chegar perto da ponte. Ou quando você veio jantar e disse que a Morte, a minha morte, estava na casa.” Ela olhou automaticamente para Damon, que retornou o olhar impassivelmente. Ainda assim, isso tinha sido errado, ela pensou. Damon não havia sido a sua morte. Então o que a profecia significava? Por um instante algo se vislumbrou em sua mente, mas antes que ela pudesse captá-lo, Meredith interrompeu.

“É como outra voz que fala pela Bonnie,” Meredith explicou para Alaric.

“Ela até mesmo fica diferente. Talvez você não estivesse perto o bastante na Igreja para ver.”

“Mas por que vocês não me contaram isso?” Alaric estava animado. “Isso pode ser importante. Essa – entidade – o que quer que seja – pode nos dar informações vitais. Pode esclarecer o mistério do Outro Poder, ou pelo menos nos dar uma chance de como lutar contra *ele*.”

Bonnie estava balançando sua cabeça. “Não. Não é algo que eu possa convocar, e não responde perguntas. Simplesmente *acontece* comigo. E eu odeio.”

“Você quer dizer que não consegue pensar em nada que possar acioná-lo? Nada que levou isso a acontecer antes?”

Elena e Meredith, que sabiam muito bem o que poderia acioná-lo, olharam uma para a outra.

Elena mordeu o interior de sua bochecha. Era a escolha de Bonnie. Tinha que ser a escolha de Bonnie.

Bonnie, que estava segurando sua cabeça com suas mãos, disparou um olhar através dos cachos vermelhos para Elena. Então ela fechou seus olhos e gemeu.

“Velas,” ela disse.

“O quê?”

“*Velas*. Uma chama de vela deve bastar. Eu não tenho certeza, entenda; não estou prometendo *nada*–”

“Alguém vá saquear o laboratório de ciência,” disse Alaric.

Era uma cena que lembrava o dia que Alaric tinha chego na escola, quando ele tinha pedido a todos para colocar suas cadeiras em um círculo. Elena olhou para o círculo de rostos iluminados assustadoramente pela chama das velas. Ali estava Matt, com sua mandíbula imóvel. Ao lado dele, Meredith, seus cílios escuros jogando sombras para cima. E Alaric, inclinando-se para frente com avidez. Então Damon, luz e sombra dançando sobre a superfície do seu rosto.

E Stefan, as maças do rosto elevadas com uma aparência muito severa aos olhos

de Elena. E finalmente, Bonnie, parecendo frágil e pálida até mesmo na luz dourada da vela. Nós estamos conectados, Elena, pensou, inundada pelo mesmo pressentimento que tivera na Igreja, quando ela tinha pego as mãos de Stefan e Damon. Ela se lembrava de um pequeno círculo branco de cera flutuando numa vasilha de água. *Nós conseguiremos se ficarmos juntos.*

“Eu só vou olhar para a vela,” Bonnie disse, sua voz tiritando ligeiramente.

“E não pensar em nada. Eu vou tentar – me deixar aberta a isso.” Ela começou a respirar profundamente, olhando na chama da vela.

E então aconteceu, exatamente como tinha acontecido antes. O rosto de Bonnie se aplainou, toda a expressão escorrendo. Seus olhos ficaram vazios como o querubim de pedra no cemitério.

Ela não disse uma palavra.

Foi quando Elena percebeu que eles não tinham decidido o que perguntar. Ela buscou em sua mente uma pergunta antes que Bonnie perdesse contato. “Onde podemos achar o Outro Poder?” ela disse, bem quando Alaric desembuchava, “Quem é você?” As vozes deles se misturaram, suas perguntas entrelaçando-se.

O rosto vazio de Bonnie se virou, varrendo o círculo com olhos cegos. Então a voz que não era de Bonnie disse, “Venha e veja.”

“Espera um minuto,” Matt disse, enquanto Bonnie se levantava, ainda em transe, e foi para a porta. “Onde ela está indo?”

Meredith pegou seu casaco. “Vamos com ela?”

“Não toque-a!” disse Alaric, pulando enquanto Bonnie ia para a porta. Elena olhou para Stefan, e então para damon. Com um acordo, eles seguiram, perseguindo Bonnie pelo corredor vazio e ecoante.

“Onde nós estamos indo? Qual das perguntas ela está respondendo?” Matt exigiu. Elena só podia balançar sua cabeça.Alaric estava correndo para alcançar a passada escorregadia de Bonnie.

Ela diminuiu quando eles emergiram na neve, e para o espanto de Elena, andaram até o carro de Alaric no estacionamento dos funcionários e ficaram

parados perante ele.

“Não cabemos todos; eu seguirei com o Matt,” Meredith disse rapidamente. Elena, sua pele gelada tanto por apreensão quando por ar gelado, entrou na traseira do carro de Alaric quando ele a abriu para ela, com Damon e Stefan de cada lado. Bonnie sentou na frente. Ela estava olhando diretamente para frente, e ela não falou. Mas quando Alaric saiu do estacionamento, ela levantou uma mão branca e apontou. A direita na Rua Lee e então esquerda na Arbor Green. Diretamente pela casa de Elena e então direita na Thunderbird.

Se dirigindo em direção à Estrada Old Creek.

Foi aí que Elena percebeu onde estavam indo.

Eles pegaram a outra ponte para o cemitério, aquele que todos sempre chamavam de

“ponte nova” para distinguí-la da Ponte Wickery, que agora se fora. Eles estavam se aproximando dos portões, o lado pelo qual Tyler dirigira quando ele levou Elena à Igreja arruínada.

O carro de Alaric parou be monde Tyler tinha parado. Meredith estacionou atrás deles. Com uma sensação horrível de déjà vu, Elena percorreu a caminhada até a colina e passou pelo portão, seguindo Bonnie para onde a Igreja arruínada estava, com seu campanário apontando como um dedo para o céu tempestuoso. No buraco vazio que uma vez fora a entrada, ela hesitou.

“Onde você está nos levando?” ela disse. “Me escute. Você poderia simplesmente nos dizer qual pergunta você está respondendo?”

“Venha e veja.”

Desamparadamente, Elena olhou para os outros. Então ela passou pelo solado da porta. Bonnie andou vagarosamente até as tumbas de mármore branco, e parou. Elena olhou para elas, e então para o rosto fantasmagórico de Bonnie. Cada cabelo em seus braços e na parte de trás de seu pescoço estavam de pé. “Ah, não…” ela sussurrou.

“Isos não.”

“Elena, do que você está falando?” Meredith disse.

Tonta, Elena olhou para baixo para os semblantes de mármore de Thomas e Honoria Fell, deitados na tampa de pedra de suas tumbas. “Esse negócio abre,” ela sussurrou.

Capítulo 13

“Você acha que deveríamos – olhar lá dentro?” Matt disse.

“Eu não sei,” Elena disse miseravelmente. Ela não queria ver o que estava dentro da tumba agora mais do que quando Tyler tinha sugerido abrí-la para vandalizá-la. “Talvez não seremos capazes de abrí-la,” ela acrescentou. “Tyler e Dick não conseguiram. Só

começou a deslizar quando eu me inclinei sobre ela.”

“Incline-se sobre ela agora; talvez haja algum tipo de mecanismo abridor escondido,”

Alaric sugeriu, e quando Elena o fez, sem resultado, ele disse, "Tudo bem, vamos todos segurar, e nos alinhar - desse jeito. Vamos, agora–”

Agachado, ele olhou para cima para Damon, que estava parado imóvel próximo à tumba, parecendo ligeiramente divertido. “Com licença,” Damon disse, e Alaric deu um passo para trás, franzindo a testa. Damon e Stefan pegaram uma ponta da tampa de pedra e levantaram.

A tampa veio, fazendo um som de trituração enquanto Damon e Stefan a deslizavam para o chão de um lado da tumba.

Elena não conseguia se forçar a ir para mais perto.

Ao invés de disso, lutando contra a náusea, ela se concentrou na expressão de Stefan. Isso a diria o que havia a ser encontrado ali. Fotos explodiram em sua mente, de corpos mumificados cor de pergaminho, de cadáveres apodrecendo, de caveiras sorridentes. Se Stefan parecesse horrorizado ou enojado, desgsotoso...

Mas a medida que Stefan olhava dentro da tumba aberta, seu rosto registrou apenas uma perturbadora surpresa.

Elena não conseguia mais suportar. “O que é?”

Ele deu-lhe um sorriso torto e disse, olhando para Bonnie, “Venha e veja.”

Elena avançou vagarosamente até a tumba e olhou para baixo. Então sua cabeça levantou-se com tudo, e ela observou Stefan com espanto.

“O que é isso?”

“Eu não sei,” ele respondeu. Ele se virou para Meredith e Alaric. “Algum dos dois tem uma lanterna? Ou uma corda?”

Após uma olhada na caixa de pedra, ambos se dirigiram à seus carros. Elena permaneceu onde estava, encarando abaixo, forçando sua visão noturna. Ela ainda não conseguia acreditar.

A tumba não era uma tumba, e sim uma entrada.

Agora ela entendia porque tinha sentido um vento gelado soprar dali quando tinha balançado debaixo de sua mão naquela noite.

Ela estava olhando para baixo para algum tipo de catacumba ou porão no chão. Ela só

conseguia enxergar uma parede, a que estava diretamente embaixo dela, e a que tinha degraus de ferro guiando à pedra, como uma escada.

“Aqui está,” Meredith disse à Stefan, retornando. “Alaric tem uma lanterna, e aqui está a minha. E aqui está a corda que Elena colocou no meu carro quando fomos procurar por você.”

O estreito feixe de luz da lanterna de Meredith varreu a sala escura abaixo. “Eu não consigo ver muito pra dentro, mas parecia vazio,” Stefan disse. “Eu desço primeiro.”

“*Descer*?” disse Matt; “Olha, tem certeza de que *devemos* descer? Bonnie, o que você

acha?”

Bonnie não tinha se movido. Ela ainda estava parada ali com aquela expressão de total distração em seu rosto, como se ela não visse nada ao seu redor. Sem uma palavra, ela moveu uma perna pela beirada da tumba, se virou, e começou a descer.

“Epa,” disse Stefan. Ele enfiou a lanterna no bolso de sua jaqueta, colocou uma mão no pé

da tumba, e pulou.

Elena não teve tempo de apreciar a expressão de Alaric; ela se inclinou e gritou,

“Você está bem?”

“Ótimo.” A lanterna piscou para ela lá debaixo. “Bonnie ficará bem, também. Os degraus vão até embaixo. É melhor trazer a corda, de qualquer jeito.”

Elena olhou para Matt, que estava mais perto. Seus olhos azuis encontraram os dela com impotência e uma certa resignação, e ele acenou. Ela tomou um longo fôlego e colocou uma mão no pé da tumba como Stefan fizera. Outra mão de repente fixou-se em seu pulso.

“Eu acabei de pensar em algo,” Meredith disse assustadoramente. “E se a entidade de Bonnie *é* o Outro Poder?”

“Eu pensei nisso há muito tempo,” Elena disse. Ela deu um tapinha na mão de Meredith, olhou curiosamente para dentro, e pulou.

Ela ficou de pé no braço apoiador de Stefan e olhou ao redor. “Meu Deus...”

Era um lugar estranho. As paredes estavam recobertas com pedra. Elas eram suaves e tinham um aspecto quase polido. Em intervalos candelabros de ferro conduziam, alguns dos quais tinham restos de cera de velas neles. Elena não conseguia ver o outro fim da sala, mas a lanterna mostrava um portão de ferro forjado relativamente perto, como o portão usado em algumas Igrejas para separar o altar.

Bonnie estava terminando de alcançar o fim da escada de degraus. Ela esperou silenciosamente enquanto os outros desciam, primeiro Matt, então Meredith, depois Alaric com a outra lanterna.

Elena olhou para cima. "Damon?"

Ela conseguia ver sua silhueta contra o iluminado retângulo preto que era a entrada da tumba no céu. “Bem?”

“Você está conosco?” ela perguntou. Não “Você *vem* conosco?” Ela sabia que ele entenderia a diferença.

Ela esperou cinco batidas de coração no silêncio que se seguiu. Seis, sete, oito. Houve uma precipitação de ar, e Damon pousou organizadamente. Mas ele não olhou para Elena. Seus olhos estavam estranhamente distantes, e ela não conseguia ler nada em seu rosto.

“É uma cripta,” Alaric dizia com espanto, enquanto sua lanterna cortava a escuridão.

“Uma câmara subterrânea debaixo de uma Igreja, usada como um local de enterro.Eles geralmente são construídos debaixo de Igrejas grandes.”

Bonnie andou diretamente até o portão com espirais e colocou uma pequena mão branca nele, abrindo-o. Ele balançou para longe dela.

Os batimentos cardíacos de Elena estavam vindo rápido demais para contar agora. De alguma maneira ela forçou suas pernas a mover adiante, a seguir Bonnie. Seus sentidos afiados estavam quase dolorosamente agudos, mas eles não lhe contavam nada sobre o que ela estava entrando. O raio de luz da lanterna de Stefan estava tão estreito, e mostrava só o chão de pedra a frente, e a enigmática figura de Bonnie. Bonnie parou.

É isso, pensou Elena, sua respiração ficando presa em sua garganta. Ah, meu Deus, é isso; é realmente isso. Ela teve uma intensa sensação repentina de estar no meio de um sonho lúcido, um onde ela sabia que estava sonhando mas não conseguia mudar nada ou acordar. Seus músculos congelaram.

Ela conseguia cheirar o medo dos outros, e ela conseguia sentir a beirada afiada dele de Stefan atrás dela. A lanterna dele vagou por objetos além de Bonnie, mas de primeira os olhos de Elena não conseguiram achar sentido neles. Ela viu ângulos, planos, contornos, e então algo saltou em foco. Um rosto branco lívido, pendurado grotescamente de lado. O grito nunca saiu de sua garganta. Era somente uma estátua, e os traços eram familiares. Eles eram os mesmos da

tampa da tumba acima. Essa tumba era a gêmea daquela que eles tinham entrado. Exceto que essa tinha sido saqueada, a tampa de pedra quebrada em dois pedaços e atirada contra a parede da cripta. Algo estava disperso no chão como frágeis varetas de marfim. Pedaços de mármore, Elena disse ao seu cérebro desesperadamente; é só mármore, pedaços de mármore.

Eles eram ossos humanos, estilhaçados e esmagados.

Bonnie se virou.

Seu rosto em formato de coração balançaram como se aqueles fixos olhos vazios estivessem vasculhando o grupo.

Ela acabou encarando diretamente Elena.

Então, com um tremor, ela tropeçou e se lançou violentamente para frente como uma marionete cujas cordas foram cortadas.

Elena mal conseguia pegá-la, ela própria meio caindo. "Bonnie? Bonnie?" Os olhos castanhos que olharam para ela, dilatados e desorientados, eram os próprios olhos assustados de Bonnie.

“Mas o que aconteceu?” Elena exigiu. “Para onde foi?”

“Eu estou aqui.”

Acima da tumba saqueada, uma luz brumosa aparecia. Não, não uma luz, Elena pensou. Ela estava sentindo isso com seus olhos, mas não era uma luz no espectro normal. Isso era algo mais estranho do que infravermelho ou ultravioleta, algo que os sentidos humanos não foram feitos para ver. Estava sendo revelado a ela, forçado em seu cérebro, por algum Poder exterior.

“O Outro Poder,” ela sussurrou, seu sangue gelando.

“Não, Elena.”

Essa voz não era um som, do mesmo modo que a visão não era luz. Era silencioso como um brilho de estrela, e triste.

A lembrava de algo.

Mãe? Ela pensou selvagemente. Mas não era a voz de sua mãe. O brilho acima da tumba parecia rodopiar e redemoinhar, e por um momento Elena vislumbrou-o num rosto, um rosto gentil e triste. E então ela soube.

“Estive esperando por você,” a voz de Honoria Fell disse suavemente. “Aqui finalmente eu posso falar com você na minha própria forma, e não através dos lábios de Bonnie. Me escute. Seu tempo é curto, e o perigo é muito grande.”

Elena achou sua fala. “Mas o que é essa sala? Por que nos trouxe aqui?”

“Você me pediu. Eu não podia lhe mostrar até você perguntar. Esse é o nosso campo de batalha.”

“Eu não entendo.”

“Essa cripta foi construída para mim pelo povo de Fell’s Church. Um lugar de descanso para o meu corpo. Um lugar secreto para alguém que teve poderes secretos durante a vida. Como Bonnie, eu sabia de coisas que ninguém mais sabia. Eu via coisas que ninguém mais conseguia ver.”

“Você era psíquica,” Bonnie sussurrou roucamente.

“Naqueles tempos, chamavam de bruxaria. Mas eu nunca usei meus poderes para o mal, e quando eu morri eles me construíram esse monumento para que meu marido e eu pudéssemos descansar em paz. Mas então, após muitos anos, nossa paz foi perturbada.”

A luz sobrenatural declinou e inundou, a figura de Honoria vacilando. “Outro Poder veio para Fell’s Church, cheio de ódio e destruição. Sujou meu lugar de descanso e espalhou meus ossos. Fez daqui seu lar. Foi semar o mal na minha cidade. Eu acordei.

“Eu tentei alertá-la contra ele desde o início, Elena. Ele vive aqui debaixo do cemitério. Esteve esperando por você, observando você. As vezes na forma de uma coruja–”

Uma coruja. A mente de Elena acelerou. Uma coruja, como a coruja que ela vira aninhando-se no campanário da Igreja. Como a coruja que erstivera no celeiro, como a coruja na acácia preta em sua casa.

Coruja branca... pássaro de caça… comedor de carne… ela pensou. E então ela se lembrou de grandes asas brancas que pareciam se esticar de cada lado do horizonte. Um grande pássaro feito de névoa ou neve, indo atrás dela, focando nela, cheio de sede de sangue e ódio animal.

“Não!” ela gritou, a memória a engolfando.

Ela sentiu as mãos de Stefan em seus ombros, seus dedos afundando quase dolorosamente. A trouxe de volta para a realidade. Honoria Fell ainda estava falando.

“E você, Stefan, esteve observando você. Te odiava antes de odiar Elena. Esteve te atormentando e brincando com você como um gato com um rato. Odeia aqueles que você

ama. Ele próprio está cheio de amor envenenado.”

Elena olhou involuntarialmente atrás dela. Ela viu Meredith, Alaric, e Matt de pé

congelados. Bonnie e Stefan estavam próximos a ela. Mas Damon... onde estava Damon?

“Seu ódio cresceu tanto que qualquer morte servirá, qualquer sangue derramado lhe dará

prazer. Agora mesmo, os animais que ele controla estão escapando da floresta. Eles estão se movendo em direção a cidade, em direção às luzes.”

“O Baile de Inverno!” Meredith disse severamente.

“Sim. E dessa vez eles irão matar até que o último deles seja morto.”

“Nós temos que alertar essas pessoas,” Matt disse. “Todos no baile–”

“Você nunca estará a salvo até que a mente que controla eles seja destruída. A matança continuará. Você deve destruir o Poder que odeia; foi por isso que eu te trouxe aqui.”

Houve outra instabilidade na luz; Parecia estar recedendo. “Você tem a coragem, se puder encontrá-la. Seja forte. Essa é a única ajuda que posso te dar.”

“Espere – por favor–” Elena começou.

A voz continuou cruelmente, não dando atenção a ela. “Bonnie, você tem uma escolha. Seus poderes secretos são uma responsabilidade. Eles também são uma dádiva, e uma que pode ser tomada. Você escolhe abrir mão deles?”

“Eu–” Bonnie balançou sua cabeça, assustada. “Eu não sei. Eu preciso de tempo...”

“Não há tempo.” Escolha.” A luz estava diminuindo, desmoronando em si mesma. Os olhos de Bonnie estavam estupefatos e incertos enquanto procuravam pelo rosto de Elena para pedir ajuda.

“A escolha é *sua*,” Elena sussurrou. “Você tem que decidir por si mesma.”

Lentamente, a incerteza deixou o rosto de Bonnie, e ela concordou. Ela ficou longe de Elena, sem apoio, virando-se para a luz. “Eu os manterei,” ela disse roucamente.

“Eu lidarei com eles de algum jeito. Minha avó lidou.”

Houve uma vacilar de algo como uma distração da luz. “Você escolheu sabiamente. Que você os use dessa maneira também. Essa é a última vez que falarei com você."

“Mas–”

“Eu mereci meu descanso. A luta é sua.” E o brilhou se dissipou, como as últimas chamas de um fogo moribundo.

Com isso partido, Elena conseguia sentir a pressão ao seu redor. Algo iria acontecer. Alguma força esmagadora estava vindo na direção deles, ou suspenso sobre eles.

"Stefan—"

Stefan sentiu também; ela conseguia afirmar. “Vamos,” Bonnie disse, sua voz em pânico.

“Temos que cair fora daqui.”

“Temos que ir ao baile,” Matt arfou. Seu rosto estava branco. “Temos que ajudar eles–”

“Fogo,” gritou Bonnie, parecendo assustada, como se o pensamento tivesse acabado de lhe ocorrer. “Fogo não irá matá-los, mas os segurará–”

“Você não escutou? Temos que encarar o Outro Poder. E está *aqui,* bem aqui, agora. Nós não podemos ir!” Elena gritou. Sua mente estava cheia de confusão. Imagens, memórias, e um mau presságio terrível. Sede de sangue... ela conseguia sentir…

"Alaric." Stefan falou com o som de comando. “Volte. Leve os outros; faça o que puder. Eu ficarei–”

“Eu acho que todos deveríamos ir embora!” Alaric gritou. Ele teve que gritar para ser ouvido por sobre o barulho ensurdecedor cercando-os.

Sua lanterna entrelaçada mostrou algo à Elena que ela não tinha notado antes. Na parede próxima a ela tinha um buraco escancarado, como se a pedra que a cobria tivesse sido arrancada. E além havia um túnel na terra rude, preto e sem fim. Para onde ele vai? Elena se perguntou, mas o pensamento fora perdido entre o tumulto de seu medo. Coruja branca... pássaro de caça… comedor de carne… *corvo*, ela pensou, e de repente ela soube com uma claridade cega do que ela estava com medo.

“Onde está Damon?” ela berrou, arrastando Stefan ao redor enquanto ela se virava, olhando.

“Onde está Damon?”

“Saiam!” gritou Bonnie, sua voz aguda com terror. Ela se jogou na direção do portão *bem* quando o som dividiu a escuridão.

Era um rosnado, mas não o rosnado de um cachorro. Não daria para ser confundido. Era muito mais profundo, mais pesado, mais ressonante. Era um som *enorm* e, e cheirava a floresta, da sede de sangue caçadora. Ele reverberava no peito de Elena, estremecia seus ossos.

Paralisou-a.

O som veio novamente, faminto e selvagem, mas de algum jeito quase preguiçoso. Tão confiante. E com ele veio passos pesados do túnel.

Bonnie estava tentando gritar, fazendo somente um diminuto som de assobio. Na escuridão do túnel, algo estava vindo. Uma forma que se movia com um escarpado gingado felino.

Elena reconheceu o rosnado agora. Era o som do maior dos gatos caçadores, maior que um leão. Os olhos do tigre eram amarelos enquanto ele alcançava o fim do túnel. E então tudo aconteceu de uma só vez.

Elena sentiu Stefan tentar puxá-la para trás para tirá-la do caminho. Mas os seus próprios músculos petrificados eram um obstáculo para mele, e ela sabia que era tarde demais. O salto do tigre era a própria graça, músculos poderes se lançando no ar. Naquele instante, ela viu como se estivesse presa na luz de um clarão, e sua mente notou os magros flancos brilhantes e a espinha dorsal flexível. Mas sua voz gritou por conta própria.

“Damon, não!”

Foi só quando o lobo preto saltou da escuridão para encontrá-lo que ela percebeu que o tigre era branco.

O ataque do grande gato foi desviado pelo lobo, e Elena sentiu Stefan puxá-la com força para fora do caminho, levando-a para o lado por segurança. Seus músculos tinham se derretido como flocos de neve, e ela recuou de forma entorpecida enquanto a colocava contra a parede. A tampa da tumba estava entre ela e a figura branca rosnante agora, mas o portão estava do outro lado da luta.

A própria fraqueza de Elena era parcialmente terror e parcialmente atordoamento. Ela não entendia nada; confusão rugia em seus ouvidos. Um momento atrás ela tivera certeza de que Damon estivera brincando com eles esse tempo todo, que ele fora o Outro Poder o tempo todo. Mas a malícia e a sede de sangue aque emanava do tigre era inconfundível. Era isso o que tinha perseguido-a do cemitério, e da pensão até o rio e a sua morte. Esse Poder branco que o lobo estava lutando para matar.

Era uma competição impossível. O lobo preto, apesar de cruel e agressivo, não tinha chance.

Uma pancada das enormes garras do tigre abriram o ombro do lobo até o osso. Sua mandíbula abriu enquanto tentava um aperto no pescoço do lobo esmagar ossos. Mas então Stefan surgiu, lançando a chama da lanterna nos olhos do gato, empurrando o lobo machucado para fora do caminho. Elena desejou poder gritar, desejou poder fazer algo para soltar essa dor que corria dentro dela. Ela não entendia; ela não entendia nada. Stefan estava em perigo. Mas ela não conseguia se mover.

“Cai fora!” Stefan estava gritando aos outros. “Façam isso agora; caiam fora!”

Mais rápido do que qualquer humano, ele saiu do caminho de uma pata branca, mantendo a luz nos olhos do tigre. Meredith estava do outro lado do portão agora. Matt estava parcialmente carregando e parcialmente arrastando Bonnie. Alaric havia passado. O tigre disparou e o portão se fechou. Stefan caiu de lado, escorregando enquanto tentava se arrastar novamente.

“Não deixaremos você–” Alaric gritou.

“Vão!” gritou Stefan. “Vão para o baile; façam o que forem capazes! *Vão!”*

O lobo estava atacando novamente, apesar dos sangramentos em sua cabeça, e seu ombro onde o músculo e o tendão estava exposto e brilhando.

O tigre lutou contra.

Os sons do animal subiram à um volume que Elena não conseguia suportar. Meredith e os outros tinham ido; a lanterna de Alaric tinha desaparecido.

“Stefan!” ela gritou, vendo ele ereto para pular para dentro da luta novamente. Se ele morresse, ela morreria, também. E se ela tivesse que morrer, ela queria que fosse junto dele.

A paralisia a deixou, e ela tropeçou até ele, choramingando, esticando as mãos para agarrá-lo firmemente.

Ela sentiu seus braços ao redor dela enquanto ele segurava-a com seu corpo entre ela e o barulho e a violência. Mas ela era teimosa, tão teimosa quanto ele. Ela se retorcia, e então eles encararam aquilo juntos.

O lobo tinha caído. Estava deitado de costas, e apesar de seu pelo ser escuro

demais para mostrar sangue, uma piscina vermelha estava debaixo dele. O gato branco estava acima dele, a mandíbula aberta a centímetros de sua garganta preta vulnerável. Mas a mordida seladora da morte no pescoço não veio. Ao invés disso o tigre levantou sua cabeça para olhar para Stefan e Elena.

Com uma estranha calma, Elena se pegou notando minúsculos detalhes de sua aparência. Os bigodes eram retos e finos, como fios pratas. Seu pelo era um branco puro, listrado com fracas marcas como um dourado rude. Branco e dourado, ela pensou, lembrando da coruja no celeiro. E isso incitou outra memória... de algo que ela tinha visto… ou algo que ela tinha ouvido…

Com uma pancada pesada, o gato fez a lanterna voar da mão de Stefan. Elena escutou-o zunir de dor, mas ela não conseguia ver mais nada na escuridão. Onde não havia luz, até

mesmo um caçador ficava cego. Se agarrando a ele, ela esperou pela dor do golpe mortífero.

Mas de repente sua cabeça estava cambaleando; estava cheia de névoa cinzenta e rotatória e ela não conseguia se segurar em Stefan. Ela não conseguia pensar; ela não consegua falar. O chão parecia estar abandonando-a. Turvamente, ela percebeu que o Poder estava sendo usando contra ela, que estava oprimindo sua mente. Ela sentiu o corpo de Stefan cedendo, desmoronando, caindo longe dela, e ela não conseguir mais resistir à névoa. Ela caiu para sempre e nunca soube quando atingiu o chão.

Capitulo 14

Coruja branca... Ave de caça... Caçadora... Tigre. Brincando com você como um gato com um rato. Como um gato... Um grande gato... Um gatinho. Um gatinho branco. A morte está na casa.

E a gatinha, a gatinha tinha atacado Damon. Não por medo, mas sim por medo de ser descoberta. Como quando estivera no peito de Margareth e havia chiado ao ver Elena na janela.

Elena gemeu e quase emergiu na inconsciência, mas a névoa cinzenta a arrastou de volta antes que pudesse abrir os olhos. Seus pensamentos voltaram a ferver ao seu redor. Amor envenenado... Stefan, isso odiava você antes de odiar Elena... Branco e dourado... Alguma coisa branca... Algo branco embaixo da árvore...

Nesse momento quando lutou para abrir os olhos, conseguiu. E mesmo antes de poder focar a visão fora da tênue luz, ela soube. Ela finalmente sabia. A figura que arrastava o vestido branco pelo chão virou a cabeça da vela que estava acendendo, e Elena viu que podia ser seu próprio rosto sobre os ombros da criatura. Mas era um rosto sutilmente distorcido, pálido e bonito como uma estátua de gelo, mas era como devia ser. Era como os intermináveis reflexos de si mesma que Elena havia visto em seu sonho no corredor de espelhos. Retorcido e faminto e, zombador.

-Olá, Katherine – murmurou.

Katherine sorriu um sorriso dissimulado e predador.

-Você não é tão estúpida quanto eu pensei – disse ela.

Sua voz estava clara e doce... prateada, pensou Elena. Igual suas pestanas. Também haviam luzes prateadas em seu vestido quando se movia. Mas o cabelo era dourado quase tão pálido quanto o de Elena.Os olhos eram como olhos de uma gata: redondos e azuis como uma jóia.

Elena sentia sua propria garganta dolorida, como se tivesse estado gritando. Também estava resecada. Quando virou a cabeça devagar para um lado, mesmo aquele leve movimento produzia dor.

Stefan estava junto a ela, caído em sua frente, atado pelos braços por estacas de ferro feitas pelas grades. Tinha a cabeça caída sobre o peito e pelo que pöde ver de seu rosto tinha uma palidez cadavérica. A garganta estava aberta e havia goteado sangue sob a gola da camisa, que haviam secado.

Elena voltou a dirigir o olhar para Katherine com tal rapidez que ficou tonta.

-Por que? Por que fez isso a ele?

Katherine sorriu, mostrando afiados dentes brancos.

-Porque o amo – disse com um sorriso infantil. – Você também não o ama?

Foi então que Elena caiu em si do por quê não podia se mover e porque seus braços doíam. Estava atada assim como Stefan, presa firmemente como ele a grade fechada. Um doloroso giro de cabeça para o outro lado revelou a presença

de Damon. Ele estava em pior estado que seu irmão. A jaqueta e o braço estavam abertos e a visão da ferida fez Elena sentir nauseas. A camisa dele estava retalhada, e Elena pôde ver os quases imperceptiveis movimentos de suas costelas ao respirar. Se não fosse por isso, teria pensado que estava morto. O sangue ensopava seus cabelos e corria para o interior de seus olhos fechados.

-Qual você gosta mais? – perguntou Katherine em um tom íntimo e confidencial. – Pode me dizer. Qual você acha que é o melhor?

Elena a olhou enojada.

-Katherine – murmurou. – Por favor. Por favor, me escute...

-Diga-me. Vamos – aqueles olhos azuis como joias ocuparam a visão de Elena quando Katherine se inclinou muito perto dela, quase tocando os lábios dela. – Eu acho que os dois são divertidos. Gosta da diversão, Elena?

Repugnada, Elena fechou os olhos e afastou o rosto. Se ao menos a cabeça parasse de girar...

Katherine retrocedeu com uma nítida gargalhada.

-Eu sei, é muito difícil escolher.

Fez uma pequena pirueta, e Elena viu que o que vagamente pensava ser a cauda do vestido de Katherine, na verdade, eram seus cabelos que desciam como ouro derretido por suas costas até cair no chão, arrastando-se atrás dela.

-Tudo depende do que cada uma goste – prosseguiu Katherine, efetuando alguns passos elegantes de baile e terminando em frente a Damon; deu um olhar escrutante a Elena, cheia de travessura – Mas, claro, eu sou tão gulosa. – Agarrou Damon pelos cabelos e jogando para cima a cabeça, afundou os dentes no pescoço dele.

-Não! Não faça isso! Não lhe machuque mais...

Elena tentou balançar-se para frente, mas estava muito bem atada. A cerca era de ferro maciço, incrustada nas pedras, e as cordas eram resistentes. Katherine fazia sons animalescos, roendo e mastigando a carne, e Damon gemeu mesmo estando inconsciente. Elena viu como seu corpo respondia como um reflexo por causa da

dor.

-Por favor, pare! Por favor, pare...

Katherine levantou a cabeça. Corria sangue pelo seu queixo.

-Mas estou faminta, e ele está tão bom... – disse.

Foi para trás e voltou a ataca-lo e o corpo de Damon se contraiu espamordicamente. Elena gritou.

“Foi assim”, pensou. “No princípio, naquela primeira noite no bosque, eu era assim. Machuquei Stefan da mesma forma. Queria matá-lo...”

A escuridão a envolveu, e ela se entregou a ela agradecida.

O carro de Alaric patinou sobre um trecho gelado ao chegar a escola, e Meredith esteve a ponto de se chocar com ele. Matt e ela saltaram fora do carro, deixando as portas abertas. Diante deles, Alaric e Bonnie fizeram o mesmo.

-Que aconteceu com o resto da cidade? – gritou Meredith correndo até eles; o vento aumentava, e a geada lhe queimava o rosto.

-Só a família de Elena: tia Judith e Margareth – gritou Bonnie. A voz dela era aguda e assustada, mas havia uma expressao concentrada em seus olhos. Inclinou a cabeça para trás, como se estivesse tentando lembrar algo, e disse:

-Sim, é isso. Atrás dela irão os cachorros. Ela faz eles irem a algum lugar… como o sótão. Mantenha-las lá!

-Farei isso. Vocês três se ocupem do baile!

Bonnie girou para correr atrás de Alaric. Meredith voltou com uma exalaçao para seu carro.

O baile estava nas últimas fases de disolução, e havia tantos pares dentro como fora, indo em direção ao estacionamento. Alaric gritou enquanto Matt, Bonnie e ele se aproximavam da estrada.

-Voltem todos para dentro! Todo mundo para dentro e fechem as portas! – gritou

aos agentes do xerife.

Mas não houve tempo. Alcançou a cantina justo quando a primeira figura que se aproximava na escuridão chegava. Um agente caiu sem nenhum som nem uma oportunidade de disparar a arma.

Outro foi mais rápido, e soou um disparo, amplificado pelo pátio de concreto. Os alunos gritaram e começaram a fugir dali para o interior do estacionamento. Alaric foi atrás deles, gritando, tentando conduzi-los de volta.

Outras figuras saíram da escuridão, dentre os carros estacionados por todos os lados. Sobreveio o pânico. Alaric continuou gritando, continuou tentando levar os aterrorizados alunos para dentro do edifício. Ali fora eram presas facéis.

No pátio, Bonnie se virou para Matt.

-Precisamos de fogo! – disse.

Matt entrou como uma flecha na cantina e saiu com uma caixa meio cheia de anúncios do baile. Jogou-os no chão, remexendo os bolsos em busca dos fósforos que haviam usado antes para acender a vela.

O papel acendeu e ardeu com força, formando uma ilha de segurança. Matt continuou fazendo gestos para as pessoas cruzarem as portas da cantina situada atrás deles. Bonnie foi para dentro, encontrando uma cena tão caótica quanto a de fora. Olhou a seu redor em busca de alguma autoridade, mas não viu adultos, só jovens aterrorizados. Então, os enfeites de crepón vermelho e verde atrairam sua atenção. O som era estrondoso; nem sequer um grito se ouviria dali de dentro. Abrindo caminho entre as pessoas que tentavam sair, conseguiu chegar ao outro estremo da sala. Caroline estava ali, pálida sem su bronzeado veraneio e luzindo a tiara de rainha da neve. Bonnie a arrastou até o microfone.

-Você é boa falando. Diga a eles para entrarem e ficarem aquí dentro! Diga para começarem a tirar os enfeites. Precisamos de qualquer coisa que arda: cadeiras de madeira, coisas das latas de lixo, qualquer coisa. Diga que é nossa única chance! –

Enquanto Caroline ficava olhando assutada e sem entender, disse:-Tem a coroa agora…

Faça algo com tal!

Não esperou para ver se como Caroline lhe obeceria. Voltou a submergir no furor do lugar. Em um instante ouvir a voz de Caroline pelos alto-falantes, vacilante primeiro e logo depois apressada.

O silêncio era absoluto quando Elena voltou a abir os olhos.

-Elena?

Ao ouvir o sussuro rouco, tentou fixar a visão e se encontrou contemplando uns olhos verdes cheios de dor.

-Stefan – disse.

Se inclinou para frente, desejando poder se mover. Carecia de sentido, mas parecia que se pudessem se abraçar, aquilo não seria tão terrivel.

Soou uma risada infântil. Elena nao virou a cabeça para ela, mas Stefan sim. Elena viu sua reação, viu a sequência de expressões que passaram pelo rosto dele quase rápido demias para identifica-las. Perplexa comoção, incredulidade, um esboço de alegria… e então horror. Um horro que finalmente deixou seus olhos cegos e opacos.

-Katherine – disse. –Mas isso é impossível. Não pode ser. Você está morta…

-Stefan… - chamou Elena mas ele não respondeu.

Katherine levou uma mão a boca e riu por tras dela.

-Você também acordou – disse, olhando para o outro lado de Elena. Elena sentiu uma onda de poder e, depois de um momento, a cabeça de Damon se levantou lentamente e pestanejou.

Não houve surpresa em seu rosto. Inclinou a cabeça para tras, os olhos entrecerrados cansadamente, e contemplou durante um minuto, aproximadamente, a sua captora. Então sorriu. Foi um sorriso leve e dolorido, mas reconhecivel.

-Nossa encantadora gatinha branca – musitou. – Deveria saber.

-Mas, não se deu conta, não é mesmo? – disse Katherine, tão ansiosa como uma criatura jogando um jogo. – Nem sequer você advinhou. Enganei todo mundo – voltou a rir. – Foi tão divertido vigia-lo enquanto vigiava Stefan, e nenhum dos dois sabia que eu estava ali. Inclusive arranhei você uma vez! – curvando os dedos como se fossem garras, imitou a unhada de uma gatinha.

-Na casa de Elena. Sim, eu me lembro – disse Damon lentamente; parecia não tão enraivecido como vagamente e enignimaticamente divertido. – Bem, então, é uma caçadora. A dama e o tigre, como dizem.

-E joguei Stefan naquele poço – se vangloriou Katherine. – Vi os dois brigando. Eu gostei disso. Segui Stefan até os limites do bosque, e então…

Juntou as mãos como quem captura uma mariposa. Então, abrindo-as devagar, vislumbrou em seu interior com o se na realidade tivesse algo ali, e riu secretamente.

-Ia deixa-lo ali para brincar com ele – confidenciou, mas a continuação, seu lábio inferior se projetou para fora e olhou Elena torvamente. – Mas você o levou. Isso foi mesquinho, Elena. Não deveria ter feito isso.

A espantosa malícia infantil havia desaparecido de seu rosto, e por um momento Elena vislumbrou o ódio virulento de uma mulher adulta.

-As garotas ambiciosas são castigadas – disse Katherine, movendo-se por tras dela -, e você é uma garota ambiciosa.

-Katherine! – Stefan tinha despertado de seu ofuscamento e começou a falar a toda pressa. – Não quer nos contar o que mais tem feito?

Distraída, ela retrocedeu. Pareceu surpreendida, depois agradada.

-Bem… se realmente quer que eu diga… - disse; abraçou seus cotovelos com as mãos e voltou a fazer uma pirueta, e a dourada cabeleira se retorceu no chão. – Não – disse então com alvoroço, dando uma volta e sinalizando-os com o dedo. – Vocês tem que advinhar. Vocês advinham e eu direi. “Correto” ou “incorreto”. Vamos!

Elena tragou saliva, lançando uma olhada de soslaio a Stefan. Não via motivo de entreter Katherine. Tudo acabaria da mesma forma mesmo. Mas um instinto lhe

disse que protegesse sua vida todo o tempo que pudesse.

-Você atacou Vickie – disse com cautela. Sua própria voz soou sem certeza a seus ouvidos, mas estava segura disso. – A garota da igreja em ruínas aquela noite.

-Muito bem! – exclamou Katherine, e fez outro gesto de gato com os dedos curvados em garra. – Bom, estava em minha igreja – disse de modo razoável. – E o que ela e aquele garoto estavam fazendo… Bom! Ninguém faz isso na igreja. Então a arranhei! – Katherine esboçou a palabra, fazendo uma demonstração, como alguém que conta uma história a uma criança pequena. – E… Lambi o sangue! – Lambeu os lábios pálidos com a léngua; então sinalou para Stefan. – Próximo!

-A tem perseguido desde então – disse Stefan, que não jogava o jogo: fazia uma áspera observação.

-Sim, já acabamos com isso! Próximo! – indicou Katherine em tom cortante. Mas então começou a brincar com os botões da gola de seu vestido, os dedos brilhantes. E Elena pensou em Vickie com seus olhos de cervo sobresaltado, tirando a roupa na cantina diante de todo mundo.

-A obriguei a fazer coisas estúpidas – riu Katherine. – Foi divertido brincar com ela. Elena tinha os braços impedidos e agarrados. Notou que dava mecânicos puxões nas cordas, tão ofendida pelas palavras de Katherine que não podia permanecer quieta. Se obrigou a parar, tentando se encostar e devolver algo da sensação das mãos dormentes. O

que faria se se soltasse dali, não sabia, mas tinha que tentar.

-Próximo – dizia Katherine com uma voz ameaçadora.

-Por que você disse que era sua igreja? – perguntou Damon, e sua voz continuava vagamente divertida, como se nada daquilo o afetasse. – O que tem de Honoria Fell?

-Ah, esse velho espectro! – disse Katherine com malícia.

Passou os olhos atentamente por tras de Elena, com os lábios franzidos, o olhar furioso, e Elena notou que estavam de cara com a entrada da cripta, com a tumba

saqueada atrás deles. Talvez Honoria os ajudaria…

Mas logo lembrou daquela voz sossegada que se desvanecia. “Esta é a única ajuda que posso dar”. E soube que não teria mais ajuda.

Como se tivesse lido os pensamentos de Elena, Katherine disse:

-Ela não pode fazer nada. É um simples monte de ossos – as elegantes mãos realizaram gestos como se Katherine estivesse rompendo esses ossos. – Tudo o que posso fazer é

falar, e em muitas ocassiões impedi que a ouvisse.

A expressão de Katherine voltava a ser sinistra, e Elena sentiu uma ácida pontada de temor.

-Você matou o cachorro de Bonnie, Yangtze – disse.

Foi uma suposição lançada a sorte para distrair Katehrine, mas funcionou.

-Sim! Isso foi divertido. Todas saíram correndo da casa e você coemçou a gemer e a chorar… - Katherine relembrou a história com uma pantomima: o cachorrinho jazendo na frente da casa de Bonnie, as garotas indo para fora e encontrando o corpo. – Senti muito, mas valeu a pena. Seguia Damon quando era um corvo. Acostumada a segui-lo uma barbaridade. De ter querido, podia ter agarrado aquele corvo, e… - fez um violento moviemento de torsão.

“O sonho de Bonnie”, se disse Elena, enquanto uma gelada compreenção a inundava. Nem sequer se deu conta de que tinha falado em voz alta até que viu Stefan e Katherine a olhando.

-Bonnie sonhou com você – musitou. – Mas pensava que era eu. Me contou que me viu de pé embaixo de uma ávore com o vento soprando. E que sentiu medo de mim. Disse que tinha um aspecto diferente, pálido mas quase reluzente. E um corvo passou voando e eu o agarrei e torci o pescoço dele – a ira começou ascender pela garganta de Elena, mas a engoliu. – Mas era você – disse.

Katherine parecia encantada, como se Elena houvesse dado razão de algum modo.

-As pessoas sonham muito comigo – replicou com ar presunçoso. – Sua tia… te sonhado comigo. Digo que foi culpa dela que você tenha morrido. Ela acredita que é você quem diz.

-Meu Deus…

-Quem dera que tivesse morrido de verdade – prosseguiu Katherine, e seu rosto se tornou rancoroso. – Deveria ter morrido. Mantive você tempo o suficiente no rio. Mas foi tão desonesta, tirando sangue dos dois, que voltou. Ah, bom – sorriu dissimuladamente. –

Agora posso brincar com você por mais tempo. Perdi os nervos naquele dia porque vi Stefan lhe dando meu anel. Meu anel! – sua voz se elevou. – Meu, que deixei para que se lembrassem de mim. E ele deu a você. Foi então quando soube que não ia me limitar a brincar com ele: tinha que matá-lo.

Os olhos de Stefan estavam entristecidos, desconcertados.

-Mas pensava que estava morta – disse. – Estava realmente morto há quinhents anos. Katherine…

-Ah, essa é a primeira vez que os enganei – respondeu ela, mas não havia alegria em sua voz agora, soava resentida. – Organizei tudo com Gudren, minha dama de companhia. VocÊs dois não queriam aceitar minha escolha – disse, passeado os olhos de Stefan para Damon com uma expressão furiosa. – Queria que fossemos felizes, e os amava. Amava os dois. Mas isso nao era o suficiente para vocês.

O rosto de Katherine tinha voltado a mudar, e Elena viu nele a criatura do machucada de quinhentos anos atrás. Aquilo devia ser o aspecto que Katherine tinha então, se disse surpresa. Os grandes olhos azuis estavam cheios de lágrimas.

-Queria que se amassem – prosseguiu Katherine em tom perplexo -, mas não se amavam. E me senti mal. Pensei que se imaginassem que eu estava morta, amariam um ao outro. E

sabia que tinha que ir embora, de todos os modos, antes de que papai começasse a suspeitar o que eu era. Então Gudren e eu armamos – disse em voz pausada, sumida nas recordações. – Tive que fazer outro talismã contra o sol e lhes dei

meu anel. E ela pegou meu vestido branco… meu melhor vestido branco… e cinzas da chaminé. Queimamos gordura ali, de modo que as cinzas exalavam como deviam. Não estava certa de que pudesse engana-los, mas foi isso. Mas então… - o rosto de Katherine se crispou entristecida. – Vocês dois fizeram mal um a outro. Supus que fdeveriam estar entristecidos, e chorariam, e consolariam-se mutuamente. Fiz isso po vocês. Mas em vez de fazer isso, correram e pegaram as espadas. Por que fizeram isso? - foi um grito surgido de seu coração. – Por que não aceitaram meu presente? Trataram como se fosse lixo. Na carta dizia que queria que se reconciliassem. Mas nao escutaram e pegaram as espadas. Mataram um ao outro. Por que fizeram isso?

As lágrimas corriam pelas bochechas de Katherine, e o rosto de Stefan também estava úmido.

-Fomos estúpidos – disse ele, tão entretido nas recordações como ela. – Nos culpamos pela sua mortem e fomos tão estúpidos… Katherine, me escuta. Foi minha culpa. Fui eu quem atacou primeiro. Não sabe quantas vezes pensei sobre isso e desejei que tivesse algo que pudesse fazer para mudar tudo. Daria qualquer coisa para voltar atrás…

Qualquer coisa. Matei meu irmão… - a voz se quebrou, e as lágrimas brotaram de seus olhos.

Elena, com o coração partido pela dor, virou a cabeça com impotência para Damon e viu que ele nem sequer era consciente de sua presença. A expressão divertida tinha desaparecido, e tinha os olhos fixos em Stefan com total concentração, cravados nele.

-Katherine, por favor, me escute – disse Stefan em tom tremulo, recuperando a voz. – Já

machucamos um aos outros o suficiente. Por favor, nos deixe ir agora. Ou fique comigo, se você quiser, mas deixe que eles vão embora. Eu sou o cupado. Fique comigo, e farei tudo o que você quiser…

Os olhos como jóias dela estavam límpidos e de um azul incrível, inundados de uma pena infinita. Elena não se atreveu a respirar, temerosa de romper o feito enquanto a esbelta jovem se aproximava de Stefan com o rosto docificado e ansioso. Mas então o gelo no interior de Katherine voltou a aflorar, gelando as lágrimas de suas bochechas.

-Devia ter pensado nisso há muito tempo – disse. – Podia ter escutado então. Lamento um ter matado o outro no passado. Fugi, sem levar nem sequer Gudren, de volta a meu lugar. Mas então eu não tinha nada nem sequer um vestido novo, e estava faminta e gelada. Podia ter morrido de fome se Klaus não tivesse me encontrado.

Klaus. Em meio a seu desalento, Elena lembrou algo que Stefan lhe havia contado. Klaus era o homem que tinha transformado Katherine em vampira, o homem que os aldeãos diziam que era malvado.

-Klaus me fez ver a verdade – explicou Katherine. – Me mostrou como é o mundo na realidade. Tinha que ser forte e pegar as coisas que eu quissesse. Tem que pensar unicamente em você mesmo. E agora sou a mais forte de todos. Eu sou. Sabe como consegui? – respondeu a pregunta sem sequer esperar que eles respondessem. – Vidas. Muitas vidas. Humanos e vampiros, e todos estão dentro de mim agora. Matei Klaus depois de um ou dois séculos. Ele se surpreendeu. Ele não sabia o quanto eu havia aprendido. Era muito feliz tomando vidas, me enchendo delas. Mas então me lembrava de vocês e do que fizeram. Com trataram meu presente. E sabia que tinha que castiga-los. E

finalmente me ocorreu como fazer isso. Os trouxe aquí, os dois. Coloquei a idéia em sua mente, Stefan, do mesmo modo que você pôs idéias nas mentes dos humanos. Guiei você

até aquí. E então me assegurei que Damon o seguisse. Elena estava aquí. Acho que deve ser minha parente de algum modo. Sabia que a veria e se sentiria culpado. Mas não tinha que se apaixonar por ela! – o ressentimento na voz de Katherine deu passo outra vez a ira.

– Não tinha que me esquecer? Não tinha que lhe dar meu anel!

-Katherine…

-Me irritei muito – prosseguiu ela sem fazer caso. – E agora vou fazer que lamente, que lamente de verdade. Sei a quem odeio mais agora, Stefan, e é a você. Pareceu recuperar o controle de si mesma, secado os últimos rastros de lágrimas do rosto e erguendo-se com exagerada dignidade.

-Não odeio tanto Damon – declarou. – Inclusive posso deixar que viva – seus olhos se entrecerraram e então se abriram totalmente com uma idéia. – Escuta,

Damon – disse confidencialmente. – Você não é tão estúpido quanto Stefan. Você sabe como são as coisas na realidade. Ouvi você dizer. Vi as coisas que fez – se inclinou para frente. – Me senti só desde a morte de Klaus. Podia me fazer companhia. Tudo que você tem que fazer é dizer que ama mais a mim. Então, uma vez que eu os tenha matado, vamos embora para longe. Inclusive pode matar sua garota se qusier; deixarei que faça. O que acha?

“Meu Deus”, pensou Elena, se sentindo doente de novo. Os olhos de Damon estavam postos nos enormes olhos azuis de Katherine; parecia escudrinhar o rosto dela. E a enigmática expressão divertida havia voltado para seu rosto. “Meu Deus”, pensou Elena. “

Por favor, não…”

Lentamente, Damon sonrriu.

Capitulo 15

Elena contemplou Damon com mudo pavor. Conehcia muito bem aquele sorriso inquietante. Mas ao mesmo tempo que sua alma caía aos pés, sua mente lhe lançou uma pergunta divertida. “E que diferença faz?” Stefan e ela iam morrer de qualquer forma. Era totalmente sensato que Damon preferisse se salva. E era um erro esperar que ele fosse contra sua natureza.

Observou aquele lindo e caprichoso sorriso com um sentimento de pena pelo que Damon poderia ter sido.

Katehrine devolveu o sorriso, encantada.

-Seremos muito felizes juntos. Quando eles estiverem mortos, libertarei você. Não era minha intenção machuca-lo, não na verdade. Simplesmente, me irritei – estendeu uma mão delgada e acariciou a bochecha dele. – Sinto muito.

-Katherine – disse ele, e continuava sorrindo.

-Sim – ela se inclinou mais até ele.

-Katherine...

-Sim, Damon?

-Vá para o inferno!

Elena estremeceu ante o que aconteceu depois, inclusive antes acontecesse, sentindo a violenta pulsada de poder, de poder malévolo e desatado. Gritou ao ver a mudança em Katherine. Aquele rosto precioso se retorcia, se transformando em algo que nção era nem humano nem animal. Uma luz vermelha queimou nos olhos de Katherine enquanto ela se jogava sobre Damon, afundando as presas em sua garganta.

Das pontas dos dedos brotaram garras que arranharam o já sangrento peito dele, arrancando a carne enquanto fluía o sangue. Elena continuou gritando, notando vagamente que a dor em seus braços se devia ao esforço com a cordas que as seguravam. Ouviu Stefan gritar também, mas em acima de tudo ouviu a gritaria ensurdecedora da voz mental de Katherine.

“Agora sim você vai se arrepender! Agora vou fazer que se arrependa! Eu vou matar você!

Vou matar você! Vou matar você! Vou matar você!

As palavras feriam como se fossem adagas perfurando a mente de Elena. Seu terrível poder a atordoava, a balançava contra as barras de ferro. Mas não havia uma forma de fugir dele. Parecia resoar por todas as partes, martelando seu cérebro.

“Vou matar você! Vou matar você! Vou matar você!

Elena perdeu a consciencia.

Meredith, agachada junto a tia Judith na lavanderia, mudou de lado o peso do corpo, se esforçando para interpretar os sons que ouviam do outro lado da porta. Os cachorros haviam conseguido entrar no sótão; não estava certa de omo, mas a jugar pelos focinhos ensanguentados de alguns deles, imaginou que tinham entrado através das janelas situadas nos rodapés. Agora os animais estavam fora da lavanderia, mas Meredith não sabia o que faziam. Estava silencioso demais do lado de fora.

Margaret, acolhida no peito de Robert, choramigou:

-Silêncio – murmurou Robert. – Não está acontecendo nada, querida. Vai ficar

tudo bem. Meredith travou o olhar com os assustados e decididos olhos dele por cima da da cabeça da meninina loira. “Quase demos a você a medalha de outro do Outro Poder”, pensou. Mas naquele instante não havia tempo para se lamentar.

-Onde está Elena? Elena disse que cuidaria de mim – disse Margareth, os olhos muito abertos e solenes. – Disse que se ocuparia de mim.

Tia Judith levou uma mão a boca.

-Ela está cuidando de você – sussurrou Meredith. – Na verdade, ela me enviou para fazer isso. E é verdade – acrescentou com ferocidade, e viu que o olhar de reprovação de Robert se transformara em perplexidade.

Do lado de fora, o silêncio havia dado lugar a ruídos de arranhões e dentes roendo. Os cachorros estavam trabalhando na porta.

Robert acolheu a cabeça de Margareth para mais perto de seu peito.

Bonnie não sabia quanto tempo levavam trabalhando. Horas, na verdade. Uma eternidade, parecia. Os cachorros haviam entrado pela cozinha e as velhas portas laterais de madeira. Até o momento, só uma dúzia, aproximadamente, tinha conseguido desimpedir as fogueiras acendidas em barricadas na frente das aberturas. E os homens que tinham armas se ocuparam da maioria delas.

Mas o sr. Smallwood e seus amigos seguravam rifles carregados naquele momento. E eles estavam ficando sem coisas para queimar.

Vickie tinha ficado histérica há alguns instantes, gritando e segurando a cabeça como se algo lhe estivesse machucando. Já tinha tentado várias formas de freia-la até que por fim, ela perdeu a consciencia.

Bonnie se aproximou de Matt, que olhava por cima do fogo através da porta lateral derrubada. Não procurava a presença de cachorros, ela sabia, mas sim algo que estava muito mais longe. Algo que não podiam ver dali.

-Tinha que ir, Matt – disse. – Não podia fazer mais nada.

Ele não respondeu nem virou a cabeça.

-Já está quase amanhecendo – disse ela. – Talvez quando amanhecer, os cachorros vão –

mas mesmo enquanto dizia aquilo, ela sabia que não era certo.

Matt não respondeu. Bonnie tocou seu ombro.

-Stefan está com ela. Stefan está lá.

Por fim, Matt teve alguma reação. Assentiu.

-Stefan está lá – disse.

Enfurecida, uma figura de cor marrom avançou na escuridão.

Muito mais tarde quando Elena recobrou, paulatinamente, a consciencia soube porque podia ver não só devido ao punhado de velas que Katherinehavia acendo, mas sim também pela fria penumbra cinzenta que se infiltrava do chão a abertura da cripta. Pôde ver Damon também. Jazia no chão, as ligaduras cortadas com a roupas. Havia luz o suficiente para ver tudo ao alcance de suas feridas, e Elena se perguntou se continuava vivo. Estava imovél o suficiente para estar morto.

“Damon?”, pensou. Até que tivesse feito não reparou que não havia pronunciado a palavra. De algum modo, os gritos de Katherine tinha fechado um circuito em sua mente, ou melhor, tinham despertado algo que estava adormecido. E o sangue de Matt sem dúvidas tinha ajudado, proporcionado-lhe, a energia para encontrar finalmente sua voz mental.

Vitou a cabeça para o outro lado.

“Stefan?”

Ele tinha o rosto marcado pela dor, mas estava consciente. Muito consciente. Elena quase desejou que estivesse tão insensível como Damon ao que lhes tinha acontecido.

“Elena”, respondeu ele.

“Onde ela está?” – perguntou Elena, passando os olhos lentamente pelo lugar. Stefan olhou em direção a abertura da cripta.

“Subiu por ali faz um instante. Talvez para comprovar como os cachorros estavam indo”. Elena acreditou ter chegado limitee. Medo e pavou, mas não era verdade. Não tinha pensado nos demais até então.

“Elena, sinto muito”. O rosto de Stefan estava embargado de algo que não podia se expressar com palavras.

“Não é culpa sua, Stefan. Você não fez isso. Ela mesmo fez isso. Ou... simplesmente aconteceu devido ao que ela é. A que somos”. Discorrendo por baixo dos pensamentos de Elena estava a lembrança do modo como tinha atacado Stefan no bosque, e como tinha se sentido quando corria até o sr. Smallwood, planejando sua vingança. “Podia ter sio eu”, disse.

“Não! Você jamais se tornaria isso”.

Elena não respondeu. Se possuisse o Poder naquele momento, o que faria a Katherine? O

que não lhe faria? Mas sabia que falar disso só transtornaria mais Stefan.

“Pensei que Damon fosse nos trair”, disse.

“Também pensei”, respondeu Stefan com um tom estranho. Olhava seu irmão com uma expressão peculiar.

“Ainda o odeia?”

O olhar de Stefan se ensombreceu.

“Não”, disse com a voz pausada. “Não o odeio mais”.

Elena assentiu. Era importante, de algum modo. Então piscou, com os nervos totalmente alertas, quando algo escureceu a entrada da cripta. Stefan também ficou tenso.

“Lá vem ela, Elena...”

“Eu amo você, Stefan”, disse ela com desespero enquanto a nebulosa forma branca descia a toda velocidade.

Katherine se materializou ante eles.

-Não sei o que está acontecendo – disse com expressão modesta. – Está impedindo o aceso a meu túnel – voltou a observar por trás de Elena para a tumba distroçada e o buraco na parede. – Isso é o que uso para sair daqui – disse, ao parecer alheia a presença do corpo de Damon a seus pés. – Passa por baixo do rio. Assim não tenho que cruzar a água corrente, sabe. No lugar disso, cruzo por baixo – os olhou como se desejasse sua apreciação do gracejo.

“A proposito”, pensou Elena, “como pode ser tão estúpida? Damon passou conosco sobre o rio no carro de Alaric. Cruzou uma corrente de água e provavelmente várias outras vezes. Não podia ter sido o Outro Poder”.

Era estranho o modo em que era capaz de pensar apesar de estar tão assustada. Era como se uma parte de sua mente observasse de longe.

-Vou mata-los agora – disse Katherine em tom coloquial. – Então passarei por baixo do rio para matar seus amigos. Não acho que os cachorros já tenham feito. Mas me ocuparei disso eu mesma.

-Deixe Elena ir – pediu Stefan; a voz soou apagada, mas imperiosa de toda forma.

-Não devidi como fazer isso – disse Katherine, sem prestar atenção. – Podia assa-los. Já

tem quase luz suficiente para isso agora. E tenho estas coisas – introduziu a mão na parte dianteia do vestido e a tirou fechada. – Um... dois... três! – disse, deixando cair dois anéis de prata e um de ouro no chão.

As pedras brilhavam azuis como os olhos de Katherine, azuis como a pedra no colar que rodeava a garganta de Katherine.

As mãos de Elena se retorceram freneticamente e percebeu a lisa nudez no dedo anelar. Era certo. Jamais pensou que se sentiria nua sem aquele aro de metal. Era necessário para sua vida, para sua sobrevivência. Sem ele...

-Sem estes anéis morreram – disse Katherine, roçando despreocupadamente os anéis coma ponta de um pé. – Mas não sei se isso será bastante lento. Retrocedeu até alcançar quase a parede oposta da cripta, o vestido prateado reluzindo baixo a

tênue luz.

Foi então que Elena teve uma idéia.

Podia mover as mãos o suficiente para tocar uma a outra, o suficiente para saber que não estavam impedidas. As cordas estavam mais frouxas.

Mas Katherine era forte. Incrivelmente forte. E também mais rápida que Elena. Inclusive se Elena se soltasse, só teria tempo para uma única ação veloz. Girou um pulso, sentindo como as cordas cediam.

-Existem outros modos – disse Katherine. – Podia faze-los cortes e contemplar como sangram. Eu gostaria de olhar isso.

Rangeu os dentes, Elena exerceu pressão sobre a corda. A mão estava dobrada em um ângulo cruel, mas continuou pressionando e sentiu a queimadura da corda ao deslizar.

-Ou ratos – continuava dizendo Katherine, meditando. – Ratos podiam ser dievrtidos. Podia dize-los quando começar e quando parar.

Liberar a outra mão foi muito mais fácil. Elena tentou não dar mostras do que acontecia atrás de suas costas. Teria gostado de chamar Stefan mentalmente, mas não se atreveu. Não se existia alguma possibilidade de que Katherine pudesse ouvi-lo O vagueio de Katherine a tinha levado até Stefan.

-Acho que começarei com você – disse, aproximando o rosto ao dele. – Eu estou faminta de novo. E você é tão doce, Stefan. Eu tinha esquecido o quão doce você é. Havia uma retênagular luz cinzenta no chão. Luz baixa. Estava vindo da cripta aberta. Katherine já tinha estado fora, na luz. Mas...

Katherine sorriu de repente, seus olhos azuis brilhavam.

-Eu sei! Eu vou beber você quase todo e fazer você ver enquanto eu mato ela! Eu vou deixar você forte o suficiente para vê-la morrer antes de você morrer. Isso não é um bom plano? – bateu palmas alegremente e voltou a fazer uma pirueta, se afastando com passos de valsa.

“Só um passo mais”, disse Elena. Viu como Katherine se aproximava do retângulo de luz.

“Só mais um passo...”

Katherine deu aquele passo.

-É isso, então! – começou a dar a volta. – Que bom...

“AGORA!”

Tirando de uma vez os braços adormecidos das últimas laçadas da corda, Elena se balançou sobre ela. Foi como uma investida de um gato caçando. Uma desesperada correria para alcançar a presa. Uma possibilidade. Uma esperança. Golpeou Katherine com todo seu peso, e o impacto as derrubou dentro do retângulo de luz. Sentiu como a cabeça de Katherine se chocava contra o chão de pedra. E sentiu a dor abrasadora, como se tivessem submergido seu corpo em veneno. Era uma sensaçao parecida a ardente secura da fome, só que mais potente. Mil vez mais forte. Era insuportavel.

-Elena! – gritou Stefan, com a mente e com a voz.

“Stefan”, pensou ela. Debaixo de seu corpo se levantou uma onda de Poder quando os olhos atordoados de Katherine se clarearam. A boca dela se retorcia de raiva e as presas estavam para fora. Eram tão longos que se cravavam no lábio inferior. A deformada boca se abriu um uivo.

A torpe mão de Elena tateou a garganta de Katherine. Os dedos se fecharam sobre o frio metal de cor azul dela e, com todas suas forças, ela tirou e notou como a corrente cedia. Tentou segura-lo, mas os dedos careciam de tato e coordenação, e a mão de Katherine agarrava desesperadamente. A jóia saiu desempedida até o interior das sombras.

-Elena! – voltou a gritar Stefan com aquela voz tão espantosa. A jovem sentiu como se seu corpo estivesse inundado de luz. Com se fosse transparente. Só que a luz era dolorosa. Abaixo dela, o rosto contorcido de Katherine olhava diretamente para cima, para o céu invernal, e no lugar de uivo, se escutava um grito agudo que aumentava e aumentava.

Elena tentou se levantar, mas não tinha forças. O rosto de Katherine se rachava, se quebrava. Linhas de fogo apareciam nele. Os gritos alcançaram um ponto culminante; os cabelos de Katherine ardiam, a pele se enegrecia. Elena sentiu o fogo tanto de cima quanto de baixo.

Então notou que algo a agarrava, segurava seus ombros e a arrancava dali. A frieza das sombras foi como água gelada. Algo lhe dava a volta, a embalava. Viu os braços de Stefan, vermelhos onde tinham estados expostos ao sol e sangrando no lugar onde tinha arrancado das cordas. Viu seu rosto, viu o inquietante horror e aflição. Então seus olhos se enublaram e não viu mais nada.

Meredith e Robert, que golpeavam focinhos empapados em sangue que apareciam pelo buraco da porta, se detiveram atordoados. Os dentes tinham deixado de morder e puxar. Um focinho deu uma sacudida e se esgueirou para fora. Se aproximando lentamente de costas para olhar o outro, Meredith viu que os olhos do cachorro estavam vidrados e leitosos. Não se moviam. Olhou para Robert, que se levantou ofegante. Não escutava ruído no sótão. Tudo estava em silêncio. Mas não se atreveram a ter esperanças.

Os enlouquecidos uivos de Vickie cesaram como se os tivessem cortado com uma faca. O

cachorro, que tinha afundado os dentes no músculo de Matt, ficou rígido e estremeceu violentamente; então, as mandíbulas o soltaram. Respirando com dificuldade Bonnie girou para olhar mais além da moribunda fogueira e viu os corpos dos outros cachorros jazendo onde tinha caído.

Matt e ela se encostaram um ao outro, olhando ao seu redor, perplexos.

Pouco a pouco, Elena abriu os olhos.

Tudo estava muito limpo e tranquilo.

A alegrou que os uivos tivessem finalizado. Aquilo tinha sido horrível; tinha doído. Agora, nada doída. Sentia como se seu corpo voltasse a estar inundado de luz, mas agora não havia dor. Era como se flutuasse, muito alta e com facilidade, sobre rafádas de ar. Se sentia quase como se precisasse de corpo.

Sorriu.

Girar a cabeça não produzia dor, ainda que aumentava a vaga sensação de flutuar. Viu, na longa luz pálida do chão, os restos fumegantes de um vestido prateado. A mentira de Katherine de quinhentos anos atrás tinha se transformado em realidade. Isso era tudo, então. Elena afastou o olhar. Já não desejava mal a ninguém, e não queria perder tempo com Katherine. Haviam coisas muito mais

importantes.

-Stefan – disse, e suspirou e sorriu. Ora, aquilo era agradável... Assim devia ser se sentir como um pássaro.

-Não era minha intenção que as coisas terminassem assim – disse docemente pesarosa. Os olhos verdes de Stefan que estavam úmidos voltaram a se encher de lágrimas, mas lhe devolveu o sorriso.

-Eu sei – disse. – Eu sei, Elena.

Ele compreendia. Estava certo; isso era importante. Agora ficava fácil ver as coisas que eram realmente importantes. E a compreensão de Stefan significava muito mais para ela que o mundo inteiro.

Parecia que tinha trascorrido muito tempo desde que realmente o tinha visto. Desde que tinha tomado o tempo necessário para aprecisar o quanto ele era lindo, com seu cabelo escuro e seus olhos tão verdes como folhas de carvalho. Mas agora o via, e via sua alma brilhando através daqueles olhos. “Valia a pena”, disse. “Eu não queria morrer, não quero morrer agora. Mas faria tudo de novo se fosse necessário”.

-Eu amo você – murmurou.

-Eu amo você – disse ele, apertando suas mãos entrelaçadas. A estranha e lánguida leveza a embalava com suavidade. Apenas sentia Stefan a segurando.

Tinha pensando que se sentiria aterrorizada; mas não estava, não enquanto Stefan estivesse ali.

-As pessoas do baile... Estarão bem agora, não é? – perguntou.

-Estarão bem – murmurou ele. – Você as salvou.

-Não pude dizer adeus a Bonnie e a Meredith. Nem a tia Judith. Terá que dizer que as amo.

-Eu direi – disse Stefan.

-Pode dizer você mesma – disse outra voz rouca e que soava diferente. Damon

tinha se arrastado pelo chão até estar atrás de Stefan. O rosto estava destruído, manchado de sangue, mas os olhos escuros a olhavam ardentemente.

-Use sua vontade, Elena. Aguente. Você tem força para isso...

Ela sorriu para ele vacilante. Sabia a verdade. O que acontecera só pusera fim ao que tinha começado há duas semanas atrás. Tinha tido treze dias para arrumar as coisas, para se desculpar com Matt e dizer adeus a Margaret. Para dizer a Stefan que o amava. Mas o período de graça tinha acabado.

Contudo, não tinha porque ferir Damon. Também amava ele.

-Eu tentarei – prometeu.

-Vamos leva-la para casa – disse.

-Mas ainda não – disse com doçura. – Esperemos um pouquinho mais, Algo aconteceu nos insondáveis olhos escuros, e a faíca flamejante se apagou. Então compreendeu que Damon também sabia.

-Não tenho medo – disse. – Bom... só um pouco.

Começava a notar uma sonolência e se sentia muito confortável, era simplesmente como se estivesse dormindo. As coisas afastavam dela.

Notoi uma dor no peito. Nãoe stava muito assustada, mas sentia pesar. Tinha tantas coisas sentiria falta, tantas coisas que queria ter feito...

-Ora – disse com a voz pausada. – Que engraçado.

As paredes da cripta apreciam ter se derretido. Eram cinzas e nebulosas, e tinha algo parecido com uma entra ali, como a porta que dava acesso a habitação subterrânea. Só

que aquela era uma entrada de luz diferente.

-Que lindo – murmurou. – Stefan? Estou cansada...

-Agora pode descansar – musitou ele.

-Não me soltará?

-Não.

-Então não terei medo.

Algo brilhava no rosto de Damon. Esticou a mão até ele, o tocou e afastou os dedos com assombro.

-Não fique triste – disse, sentindo a fresca umidade nas pontas dos dedos. Mas uma pulsada de preocupação a pertubou. Quem estava li para compreender Damon agora? Quem estaria ali para abraça-lo, para tentar ver o que havia realmente em seu interior?

-Temos que cuidar um do outro – disse, se dando cotna de que um pouco de energia voltava a ela, como vela flamejante ao vento. – Stefan, você me promete? Você me promete que cuidaremos um dos outros?

-Eu prometo – respondeu ele. – Elena...

Ondas de sono apoderaram dela.

-Está bem – disse. – Está bem, Stefan.

A entrada estava mais próxima, tão próxima que podia tocá-la. Se perguntou se seus pais estariam em algum lugar do outro lado.

-É hora de ir para casa – murmurou.

E então a escuridão e as sombras se desvaneceram e não houve outra coisa mais que luz.

Stefan a abraçou enquanto os olhos dela se aproximavam. E então simplesmente a segurou, enquanto as lágrimas que tinha contido caíam livremente. Era uma dor diferente a que sentiu ao tirá-la do rio. Não havia raiva nele, e tampouco ódio, mas sim um amor que parecia seguir e seguir eternamente.

Doí mais ainda.

Olhou o retângulo de luz, apenas a um passo ou dois de distância. Elena tinha penetrado na luz. O tinha deixado só.

“Não por muito tempo”, pensou.

Seu anel estava no chão. Nem sequer lhe dirigiu um olhar enquando se levantava, os olhos posto na luz solar descia até o chão.

Uma mão agarrou seu braço e o pôs para trás.

Stefan olhou o rosto de seu irmão.

Os olhos de Damon eram escuros como a meia-noite, e segurava o anel de Stefan. Enquanto Stefan olhava, incapaz de se mover, lhe colocou a força o anel no dedo e o soltou.

-Agora – disse, voltando a deixar cair com gesto de dor – pode ir aonde quiser – recolheu do chão o anel que Stefan tinha dado a Elena e o sustentou. – Isso é seu também. Pegueo. Pegue-o e vá – virou seu rosto para longe. Stefan olhou durante um bom momento o aro de ouro que tinha na palma da mão. Então seus dedos se fecharam sobre ele e voltou a olhar Damon. Os olhos de seu irmão estavam fechados, a respiração trabalhosa. Parecia esgostado e dolorido. E Stefan tinha feito uma promessa a Elena.

-Vamos – disse com suavidade, colocando o anel no bolso. – Levarei você a algum lugar onde possa descansar.

Rodeou com um braço seu irmão para ajudá-lo a se levantar. E então, por um momento, ficou assim.

Capitulo 16

16 de dezembro, segunda

Stefan me deu isto. Ele arrumou a maioria das coisas do quarto dele. No princípio disse que não o queria, porque não sabia o que fazer com ele. Mas agora acho que tenho uma idéia.

As pessoas já começaram a esquecer. Lembram dos detalhes incorretamente, e dizem coisas que simplesmente imaginaram. E, principalmente, inventam explicações. Porque não foi realmente sobrenatural, porque existe um motivo racional para isso ou aquilo. É

simplesmente estúpido, mas não há um modo dedetê-los, principalmente, os adultos. Eles são os piores. Se dedicam a dizer que os cachorros tinham hidrofobia ou algo parecido. O veterinário acredita que existe um nome novo para isso, um novo tipo de raiva que se propaga pelos morcegos. Meredith disse que é irônico, eu acho que é simplesmente idiota.

Os jovens são um pouco melhores, em especial os que estavam no baile. Há alguns que acredito que possamos confiar, como Sue Carson e Vickie. Vickie mudou tanto nos últimos dois dias que é como um milagre. Não se comporta como tem se comportado nos últimos dois meses e meio, mas tampouco está como antes. Era bem mais um tanto imbecil, andando por aí com qualquer garoto. Mas agora acho que está legal. Mesmo Caroline não esteve tão mal hoje. Não falou no outro serviço, mas sim falou deste. Disse que Elena era a autêntica rainha da neve, que foi algo assim como copiar o discurso anterior de Sue, mas provavelmente era o melhor que Caroline podia fazer. Foi um gesto bom.

Elena tinha um aspecto muiro plácido. Não parecia uma boneca de cera, e sim, como se dormisse. Sei que todo mundo diz isso, mas é verdade. Desta vez é realmente verdade. Mas então as pessoas começaram a falar de "como escapou surpreendentemente de morrer afogada" e coisas parecidas. E dizer morreu de uma embolia ou algo assim. O que na verdade é ridículo. Mas isso é o que eu acho.

Vou pegar seu outro diário de seu armario e então pedirei a sra. Grimesby que os coloque na biblioteca, não em um estúdio como o Honoria FM, mas sim onde as pessoas possam pega-lo e lê-lo. Porque a verdade está lá dentro. É lá que está a verdadeira história. E não que que ninguém a esqueça.

Acho que talvez os jovens se lembrarão.

Suponho que deveria anotar o que aconteceu com os resto das pessoas por aqui. Elena queria.

Tia Judith está bem, mesmo sendo um dos adultos incapazes de lidar com a verdade. Precisa de uma explicação racional. Robert e ela vão se casar no natal. Isso deve ser bom para Margaret.

Margaret está correta. Ela me disse durante a escola que vai ver Elena e seus pais algum dia, mas não agora, porque há muitas coisas que ainda devia fazer

aqui. Não sei quem pôs essa idéia na cabeça dela. Ela é esperta para ter só quatro anos. Alaric e Meredith também estão bem desde então. Quando eles viram um ao outro naquela terrível manhã, depois de tudo está tranquilo e tentarmos voltar a normalidade, praticamente se jogaram um nos braços do outro. Acho que alguma coisa está

acontecendo ali. Meredith disse que saberemos quando ela fizer dezoito anos e se graduar.

Típico, totalmente típico. Todas as outras ficam com os garotos. Eu estou pensando provar um dos rituais da minha avó, só para averiguar se alguma dia me casarei. Por aqui nem sequer há alguém com quem queira me casar.

Bom, tem o Matt. Matt é agradavel. Mas agora só pensa em uma garota. Não sei se isso mudará algum dia.

Deu um soco no nariz de Tyler depois da escola de hoje, porque Tyler disse algo impróprio sobre ela. Tyler é uma pessoa que sei que jamais mudará; não importa o que aconteça. Sempre será o repugnante imbecil mesquinho que é agora.

Mas Matt... Bom, os olhos de Matt são terrivelmente azuis. E têm uma direita fabulosa. Stefan não pôde bater em Tyler porque não estava lá. Ainda há muita gente na cidade que pensa que ele matou Elena. Deve ter feito, dizem, porque não tinha mais ninguém lá. As cinzas de Katherine estavam jogadas por todas as partes quando a equipe de resgate chegou na cripta. Stefan disse que queimou daquela forma porque era muito velha. Disse que deveria ter se dado conta da primeira vez, quando Katherine fingiu ter queimado, porque um vampiro jovem não virava cinzas desse jeito. Simplesmente morria, como Elena. Somente os velhos se desfazem.

Algumas pessoas – em especial os sr. Smallwood e seus amigos – provavelmente culpariam Damon se pudessem por as mãos nele. Mas não podem. Ele não estava lá

quando chegaram a tumba, porque Stefan o ajudou a fugir. Stefan não quer dizer para onde, mas acho que para algum lugar do bosque. Os vampiros devem se curar rapidamente, porque hoje, quando me encontrei com ele depois do serviço, Stefan disse que Damon tinha abandonado Fell's Church. Não era algo que o deixasse feliz; acho que Damon não tinha lhe dito nada. Agora a questão

parece ser esta: O que estará fazendo Damon? Anda por aí mordendo garotas inocentes ou mudou? Não apostaria em nenhuma das duas coisas. Damon era um cara estranho.

Mas lindo. Definitivamente, lindo.

Stefan também não quer dizer para onde iria, mas eu tenho a leve suspeita de que Damon pode ter uma surpresa se olhar paar trás. Ao que parece, Elena fez Stefan prometer que estaria pendente com ele ou algo assim. E Stefan leva as promessas muito, muito a sério Ele desejo a ele sorte. Mas estará fazendo o que Elena queria que ele fizesse, o que acho que o fará feliz. Tão feliz como estar aqui sem ela. Agora leva o anel de Elena pendurado no pescoço com uma corrente.

Se você acha que qualquer destas coisas soam frívolas ou como se não me importasse com Elena, isso simplesmente demonstra o quanto errado você está. Desafio qualquer um a me dizer isso. Meredith e eu choramos todo o sábado e grande parte do domingo. E eu estava tão furiosa que queria des

Queria Elena. E vou sentir terrivelmente sua falta. Toda a escola permanece a mesma. É

como uma luz que apagou. Robert diz que isso é o que seu nome significa em latim, "luz". Agora sempre haverá uma parte de mim onde foi a luz.

Quem dera eu pudesse ter me despedido dela, mas Stefan disse que me mandou seu amor para mim. Vou tentar pensar nisso como uma luz que levarei comigo. Será melhor que pare de escrever agora, Stefan vai embora, e Matt, Meredith, Alaric e eu vamos nos despedir dele. Não era minha intenção falar tanto; eu nunca tinha escrito em um diário. Mas quero que as pessoas conheçam a verdade sorbe Elena. Não era uma santa. Não era sempre doce e boa e honesta e agradavel. Mas era forte e afetuosa e leal aos seus amigos, e no fim fez a coisa mais generosa que alguém podia fazer. Meredith disse que significa que escolheu a luzno lugar da escuridão. Quero que as pessoas saibam disso para que sempre se lembrem.

Eu sempre lembrarei.

BONNIE MCCULLOUGH 16/12/91

FIM!!!!

CRÉDITOS:

Comunidade Traduções de Livros:

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156

Izabella Cullen:

http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=13748831298796070376

Juliana Dias: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2713339427589710285